



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

A construção de um diálogo entre História e Comunicação na obra de Elizabeth Eisenstein

Edimárcia Ramos de Araújo

– fevereiro de 2013 –



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

A construção de um diálogo entre História e Comunicação na obra de Elizabeth Eisenstein

Edimércia Ramos de Araújo

Dissertação apresentada ao PPG/FAC
para obtenção do grau de Mestre em
Comunicação.

Linha de pesquisa: Teorias e Tecnologias
da Comunicação

Orientadora: Profa. Dra. Janara Kalline
Leal Lopes de Sousa

– fevereiro de 2013 –

Edimárcia Ramos de Araújo

A construção de um diálogo entre História e Comunicação na obra de
Elizabeth Eisenstein

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Comunicação da
Universidade de Brasília para obtenção
do grau de Mestre em Comunicação.

Aprovada em ___/___/_____.

Banca Examinadora:

Prof.ª. Dra. Janara Kalline Leal Lopes de Sousa – (FAC/UnB)
Orientadora

Prof. Dr. Luiz Claudio Martino – (FAC/UnB)
Avaliador

Prof. Dr. Aluizio Ramos Trinta – (UFJF-MG)
Avaliador

Prof.ª. Dra. Elen Cristina Gerales – (FAC/UnB)
Suplente

Dedico este trabalho ao meu pai, Olavo,
que sempre acreditou no meu potencial
como pessoa e estudante.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora doutora Janara Sousa, por ter me auxiliado a tornar este trabalho possível, pela força que sempre me deu e, principalmente, pela amizade.

Ao professor doutor Aluizio Trinta, que tive o privilégio de conhecer no Seminário “100 de McLuhan” e que tão prontamente aceitou meu pedido para participar da minha banca.

Agradeço, ainda, a honra de ter o professor doutor Luiz Martino e a professora doutora Elen Geraldês em minha banca de defesa. Dois professores que tanto admiro pelo conhecimento e espírito generoso que têm.

À professora doutora Rafiza Varão, pelo imenso apoio e incentivo que me deu e que me fizeram ingressar no curso de mestrado da FAC/UnB.

A todos os amigos que fiz durante o mestrado.

Aos meus amigos, Liliane Rosa e Ailim Braz, que me deram força nos momentos mais difíceis.

E, finalmente, ao melhor pai do mundo, Olavo Ramos, por seu amor e generosidade.

RESUMO

Ao entender que um advento importante do século XV desencadeou mudanças significativas na sociedade medieval, a presente pesquisa busca compreender como a historiadora Elizabeth L. Eisenstein utilizou-se dos aportes teóricos e metodológicos da História para estudar o impacto da imprensa, fazendo com que dois campos distintos, História e Comunicação, dialogassem. O objetivo principal é esclarecer como a historiadora construiu essa relação entre os dois campos. A dissertação parte da revisão bibliográfica referente à Eisenstein, desenvolve uma análise conceitual dos principais autores dos estudos dos meios de comunicação e, por último, desenvolve uma análise crítica em cima das questões levantadas, a fim de entender os aportes epistêmicos teóricos e metodológicos utilizados por Eisenstein na construção da relação entre o campo da História e da Comunicação.

Palavras-chave: Elizabeth Eisenstein, imprensa, meios de comunicação, história.

ABSTRACT

Acknowledging that an important happening in the 15th century unleashed significant changes in medieval society, this research wants to understand how the historian Elizabeth L. Eisenstein used History's theoretical and methodological tools in order to study the impacts of press, producing a dialogue between two distinct fields: History and Communication. The main purpose of this work is to clarify how this woman built the relation between these two fields. We begin with a bibliographic review concerning Eisenstein; we develop a conceptual analysis of the main authors in the field of mass communication and, at last, we build up a critical analysis over some formulated questions, in order to understand the theoretical and methodological contributions used by Eisenstein in the construction of the relation between History and Communication.

Keywords: Elizabeth Eisenstein, printing press, media, history.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Fotografia de Adolph Lewisohn	23
Figura 2. Selo da fotografia de Joseph Seligman	23
Figura 3. Edifício principal do Vassar College	27
Figura 4. Radcliffe College	27
Figura 5. Elizabeth Eisenstein	31
Figura 6. Capa do livro Divine Art, Inferno Machine	39
Figura 7. Elizabeth Eisenstein aos 89 anos de idade	40

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Publicações de Eisenstein relacionadas ao seu objeto de estudo no campo da História	32
Tabela 2. Publicações de Eisenstein relacionadas ao estudo da imprensa.....	41

SUMÁRIO

Introdução	11
1. Panorama biográfico e intelectual de Elizabeth Eisenstein	21
1.1. Eisenstein e o estudo da história	26
1.1.1. Publicações de Eisenstein relacionadas à História	31
1.2. Eisenstein e o estudo da comunicação	32
1.2.1. Publicações de Eisenstein relacionadas à Comunicação	41
2. Uma perspectiva histórica da imprensa	44
3. O estudo dos meios: principais conceitos e autores	49
3.1. A continuidade do trabalho de McLuhan na obra de Eisenstein	61
3.2. A subjetividade de Eisenstein no estudo da imprensa	64
4. História e Comunicação: um diálogo possível	75
4.1. O equilíbrio entre a afirmação e a negação do meio	79
4.2. O problema da imprensa no contexto da história do livro	87
4.3. O estudo do meio pelo contexto histórico	90
Considerações finais	100
Referências	104
Anexo I	109
Anexo II	113

Introdução

Não é lícito desconhecer que há criações científicas tão completas, luminosas e tão firmes, que parecem o fruto de uma intuição quase divina, tendo surgido perfeitas, como Minerva da cabeça de Júpiter. Mas, a justa admiração causada por obras tais diminuiria muito se imaginássemos o tempo e esforço, a paciência e a perseverança, os ensaios e retificações, até as casualidades, que colaboraram no êxito final, para que contribuíssem quase tanto como o gênio do investigador (RAMÓN Y CAJAL, 1979, p.10).

Santiago Ramón y Cajal¹ esclarece nos primeiros parágrafos de seu texto, intitulado “Preocupações do principiante”, que a excessiva admiração dos jovens intelectuais pelas obras dos grandes investigadores científicos pode se tornar uma armadilha, a partir do momento em que essa devoção torna-se um obstáculo para o jovem investigador no sentido de fazê-lo pensar que é incapaz de dar continuidade ou completar a pesquisa iniciada por seu venerado. Ou, até mesmo, de incapacitá-lo à realização de uma investigação original. E aí nos perguntamos: como encontrar o equilíbrio entre a veneração e a originalidade? Talvez a resposta esteja na compreensão inferida da citação destacada acima. Isto é, sem nos desfazer da admiração, muitas vezes utilizada como agente impulsionador para o desenvolvimento de uma pesquisa, podemos apoiá-la na conscientização de que outros fatores contribuem para o fruto de um gênio investigador, tais como os que foram citados por Ramón y Cajal: tempo e esforço, paciência e perseverança, ensaios e retificações e até as casualidades.

Falar sobre Elizabeth Lewisohn Eisenstein consiste em um exercício contínuo pela busca do equilíbrio entre a admiração e o reconhecimento desses outros fatores mencionados por Ramón y Cajal. Ou seja, isso significa que não podemos nos perder no encantamento de uma criação científica tão bem elaborada sem nos atermos a outros elementos que a constituem. Porque senão perderíamos a própria originalidade da

¹ Santiago Ramón Y Cajal (1852-1934), considerado o “pai da neurociência moderna”, foi um médico e histologista espanhol. Foi professor da Universidade de Valência, na Espanha, em 1881, diretor do Museu de Saragoça (1879), diretor do Instituto Nacional de Higiene (1899) e fundador do *Laboratorio de Investigaciones Biológicas* (1922). Também recebeu o Prêmio Nobel de Medicina em 1906.

investigação. Percebemos que, para ir além dessa admiração e construirmos um caminho próprio e original, precisaríamos empreender um esforço na tentativa de analisar criticamente as peculiaridades da historiadora Elizabeth Eisenstein e de sua pesquisa sem nos enredarmos pela veneração.

Com inúmeras publicações, reconhecimentos e premiações é possível ter uma ideia da admiração que muitos estudiosos têm por Eisenstein. Homenageada por diversas universidades dos Estados Unidos e de outros países, premiada por suas publicações e frequentemente requisitada para ministrar palestras e conferências, Eisenstein ainda contribui ativamente para a produção acadêmica. Essa emblemática figura feminina que destacamos na dissertação é conhecida, sobretudo, pela obra que publicou em 1979, *The printing press as an agent of change*. Disposto em dois volumes e com 750 páginas, este livro explora os efeitos da imprensa² na elite letrada da Europa ocidental do século XV.

Mas afinal, quem é Elizabeth Eisenstein? Essa foi uma das perguntas que frequentemente ouvimos quando mencionávamos o nome dessa historiadora para alguém e que nos levou a repensar o motivo inicial da escolha desta autora como protagonista de nossa pesquisa. No primeiro momento, o nome dela nos chamou a atenção por ser a única mulher entre os vários estudiosos da Teoria do Meio³. Essa curiosidade impulsionou a busca por pistas que pudessem indicar respostas às perguntas que surgiram em relação a ela, como, por exemplo: quem é esta pesquisadora que pertence aos principais autores da primeira geração da Teoria do Meio? Qual foi o trabalho desenvolvido por ela? Esses primeiros questionamentos foram discutidos no artigo “O impacto da imprensa segundo Elizabeth Eisenstein”, apresentado como trabalho de conclusão de curso de graduação, em 2009. O que não imaginávamos era o volume de material bibliográfico produzido por essa historiadora. Deparamo-nos, inadvertidamente, com uma produção acadêmica que se iniciou no ano de 1952 e que continuava a ser produzida. A solução que encontramos, na época em que elaboramos o trabalho de conclusão de curso, foi reduzir drasticamente toda a produção de Eisenstein à análise do livro “A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna”,

² Eisenstein utiliza o termo “imprensa” para designar a prensa tipográfica e os materiais impressos produzidos a partir dela.

³ Designação dada pelo teórico Joshua Meyrowitz, na década de 80, para definir os autores que compartilhavam de pensamentos comuns em relação aos efeitos dos meios de comunicação. A Teoria do Meio surgiu aproximadamente em 1950, no Canadá, e, desde então, propõe-se a trabalhar com os efeitos sociais, políticos, econômicos e psicológicos que os meios de comunicação trazem à sociedade. Porém, ela não exclui por completo a relevância do conteúdo das mensagens, mas apenas tem como foco central o canal (SOUSA, 2006).

lançado em 1998, que é na verdade a edição brasileira do livro publicado em 1983, *The printing revolution in early modern Europe*, que, por sua vez, é a edição abreviada do livro *The Printing Press as an Agent of Change*, de 1979. Conseguimos responder as perguntas que nos colocamos, mas, obviamente, o trabalho não se constituiu em um estudo aprofundado.

Ao dar continuidade, no mestrado, à análise do trabalho desenvolvido por Eisenstein, o grande volume de material bibliográfico produzido por ela se apresentou diante de nós, novamente. Mas, agora, tivemos que lidar de uma forma diferente com essa produção. E a pergunta que nos fizemos foi: como estabelecer um período determinado para a análise da produção de Eisenstein? Encontramo-nos encurralados pelo desafio de dar conta da leitura de uma produção tão vasta e, ao mesmo tempo, essencial para a nossa pesquisa. Quando voltamos nosso foco para as publicações de Eisenstein sobre a imprensa, percebemos que houve quase duas décadas, de 1964 a 1979, de produção intensa sobre o assunto e que, logo depois de 1979, os críticos e comentadores também produziram muitos textos que seguiram com o debate proposto pela historiadora. Portanto, não temos como definir exatamente o período com o qual trabalhamos. O que podemos dizer é demos prioridade à leitura dos textos publicados entre 1964, ano em que Eisenstein iniciou seus estudos sobre a imprensa, e 1979, ano em que ela lançou seu livro mais polêmico, *The printing press as an agent of change*. Também nos detivemos na leitura dos textos de alguns críticos, que, aliás, foram muitos. Só para deixar claro, estamos nos referindo aos críticos no cenário dos jornais e revistas britânicas e americanas. Entre os textos produzidos por eles, selecionamos aqueles que se referiam ao estudo de Eisenstein na Comunicação. Ou seja, os textos que aprofundavam a discussão em outros aspectos da obra de Eisenstein, que não no meio de comunicação, não nos interessavam. Isso porque, se não fizéssemos tal distinção, correríamos o risco de ampliar o debate do nosso estudo para além do papel do meio de comunicação na construção da história, passando a analisar também o conteúdo desses meios, o que não é nossa proposta.

Desvendar a biografia de Elizabeth Eisenstein também não foi uma tarefa fácil, considerando as dificuldades de se encontrar tais materiais e os contratempos financeiros, geográficos e linguísticos. Para se ter uma ideia, o livro de 600 páginas, *Contemporary authors*, escrito por Francis C. Locher, lançado em 1980, que traz as informações biográficas de Eisenstein em apenas uma página, custa o equivalente a oitocentos e oitenta e sete reais. Outro livro igualmente importante, que contém a

biografia da historiadora, escrito por Frederic P. Miller, Agnes F. Vandome e John McBrewster e publicado em 2010, intitulado “Elizabeth Eisenstein”, está fora de estoque nos principais sites de compras de livros pela internet e nos sebos norte americanos. A solução que encontramos para esta falta foi buscar por materiais biográficos disponíveis na internet e em outros livros que fizessem alguma referência a essa historiadora. Os arquivos encontrados nos sites das universidades americanas, especialmente naquelas em que Eisenstein lecionou, como, por exemplo, na Universidade de Michigan e na Universidade Americana, foram fontes fundamentais de pesquisa de informações biográficas.

Outro contratempo enfrentado foi o de que a maioria dos livros que trazem os principais críticos de Eisenstein e as obras mais recentes escritas por essa historiadora não está disponível nas livrarias brasileiras, nem nas bibliotecas das universidades e muito menos disponibilizados gratuitamente para *download*, sendo necessário encomendá-los pela internet ou pelas próprias livrarias, o que demanda um custo alto e o prazo de alguns meses para a aquisição destes materiais. Com um custo tão alto, foi necessário selecionar os livros que seriam comprados. Damos prioridade, obviamente, aos que não poderiam ser obtidos por meio de empréstimos nas bibliotecas e nem baixados na internet. Nosso critério foi selecionar os livros que seriam essenciais à elaboração de cada um dos capítulos da dissertação. Dez livros foram comprados no total: *A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna*⁴; *Divine art, infernal machine: the reception of printing in the West from first impressions to the sense of an ending*⁵; *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*⁶; *A escrita da história: novas perspectivas*⁷; *Agent of Change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein*⁸; *La Comunicación en la Historia: tecnología, cultura, sociedad*⁹; *Comunicação e História: interfaces e novas abordagens*¹⁰; *A aventura do*

⁴ EISENSTEIN, Elizabeth L.. *A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

⁵ EISENSTEIN, Elizabeth L.. *Divine art, infernal machine: the reception of printing in the West from first impressions to the sense of an ending*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2011.

⁶ BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

⁷ BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

⁸ BARON, Sabrina; LINDQUIST, Eric; SHEVLIN, Eleanor. *Agent of Change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein*. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 2007.

⁹ CROWLEY, David; HEYER, Paul. *La Comunicación en la Historia: tecnología, cultura e sociedad*. Barcelona: Bosch, 1997.

¹⁰ HERSCHMANN, Micael; RIBEIRO, Ana Paula G.. *Comunicação e História: interfaces e novas abordagens*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2008.

livro: do leitor ao navegador¹¹; Origens culturais da Revolução Francesa¹² e *La Escuela de Comunicación de Toronto: comprendiendo los efectos del cambio tecnológico*¹³.

A compra do livro “A revolução da cultura impressa” foi imprescindível para a compreensão inicial do estudo de Eisenstein. Como dito anteriormente, essa obra é, na verdade, a edição brasileira do livro publicado em 1983, *The printing revolution in early modern Europe*, que, por sua vez, é a edição abreviada do livro *The Printing Press as an Agent of Change* (1979) que tornou a historiadora conhecida em vários cantos do mundo.

O livro publicado em 2011, *Divine art, infernal machine: the reception of printing in the West from first impressions to the sense of an ending*, “contém um relato magistral e altamente legível de cinco séculos de atitudes ambivalentes com respeito à impressão e os impressores”¹⁴. A leitura dessa obra nos ajudou a entender quais são as novas propostas que Eisenstein traz para discutir a imprensa, podendo compará-las ao que foi escrito ao longo dos quinze anos de pesquisa. Dessa forma, pudemos identificar com mais clareza as conclusões e reconsiderações a que ela chegou.

O livro *Agent of Change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein*, por sua vez, além de conter diversos artigos com diferentes posicionamentos e temas relacionados à imprensa, traz ao final uma entrevista com Elizabeth Eisenstein. Diante da dificuldade de encontrar material biográfico sobre a historiadora, essa entrevista tornou-se uma feliz surpresa.

Com exceção do livro *La Escuela de Comunicación de Toronto*, que contribuiu diretamente para as discussões travadas no segundo capítulo da dissertação, os livros “Uma história social do conhecimento” e “A escrita da história”, escritos por Peter Burke, trazem um debate riquíssimo sobre a visão dos historiadores em relação à nova história, ou seja, das novas perspectivas empregadas na compreensão da história; os livros *La Comunicación en la Historia* e “Comunicação e História” foram fundamentais para o entendimento sobre a história da comunicação e das pesquisas relacionadas a ela; e finalmente os livros “A aventura do livro” e “Origens culturais da Revolução Francesa”, escritos por Roger Chartier, contribuíram para o entendimento do ponto de vista desse autor em relação à imprensa.

¹¹ CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

¹² CHARTIER, Roger. *Origens culturais da Revolução Francesa*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

¹³ MARTÍNEZ, Jesús Octavio Elizondo. *La escuela de comunicación de Toronto: comprendiendo los efectos del cambio tecnológico*. México: Siglo XXI, 2009.

¹⁴ O comentário foi extraído de um breve resumo elaborado pela editora Penn Press, da Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos e está disponível em: <http://www.upenn.edu/pennpress/book/14786.html>.

Em contrapartida aos obstáculos enfrentados com a falta de material biográfico e o alto custo de alguns livros, os artigos escritos por Eisenstein durante os quinze anos de sua pesquisa sobre a imprensa, de 1964 a 1979, foram facilmente encontrados nas bases de dados dos principais sistemas online de arquivamento de periódicos acadêmicos, tais como o JSTOR, o *Journal of communication*, Proquest e *Googlebooks*. Não só foram encontrados como também estão disponibilizados gratuitamente para download. Apesar de procurarmos por esses materiais bibliográficos nas três línguas (inglês, português e espanhol), os textos, em sua maioria, encontram-se disponíveis em inglês. Apenas um livro de autoria de Eisenstein está traduzido para o português, aquele que mencionamos entre os livros comprados, “A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna”, publicado em 1998.

Pela consulta que fizemos à produção de textos sobre Eisenstein, aqui no Brasil, percebemos que o trabalho dela é pouco reconhecido neste país. Apenas algumas publicações brasileiras relacionadas à história da imprensa ou da escrita mencionam o nome de Eisenstein, como no caso dos artigos “Tipos e bits: a trajetória do livro”¹⁵ e “Paula Brito e a petalógica: distorções na formação de uma cultura letrada no Brasil”¹⁶. Os artigos “A polêmica Eisenstein-Johns” e “McLuhan, Eisenstein e Johns”, publicados por Márcio Souza Gonçalves¹⁷, em 2009, são os textos que mais se aproximam de um debate sobre os estudos dessa historiadora. No exterior, o estudo realizado por Eisenstein, em *The printing press as an agent of change*, é notavelmente reconhecido. O livro lançado em 1979 teve grande repercussão e é constantemente discutido entre os estudiosos, principalmente pelos historiadores, como, por exemplo, Adrian Johns¹⁸ e Roger Chartier¹⁹.

¹⁵ Artigo publicado por Vera Cecília Frossard, no I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, realizado no Rio de Janeiro, em 2004.

¹⁶ Artigo publicado pelo Prof. MsC. Bruno Guimarães Martins, no 1º Colóquio em Comunicação e Sociabilidade, realizado em Minas Gerais, em 2008.

¹⁷ Márcio Souza Gonçalves é doutor em Comunicação pela ECO-UFRJ e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ. Atualmente desenvolve pesquisa sobre a escrita, o impresso e seus efeitos culturais.

¹⁸ Professor do Departamento de História da Universidade de Chicago e participante do Comitê de Estudos Conceituais e Históricos da Ciência, Adrian Johns publicou, em 1998, um livro conhecido como *The Nature of the book*, que discute o papel da prensa na construção do conhecimento e da ciência moderna.

¹⁹ Professor e diretor do Centro de Pesquisas Históricas na *Ecole des Hautes Etudes* em Ciências Sociais na França, Roger Chartier concentra-se nos estudos sobre a importância da leitura na Europa moderna e, também, explora a relação entre o texto e o leitor na era da informática. É autor, entre outros, de *Práticas da Leitura* (Estação Liberdade, 1998), *Aventura do livro - Do leitor ao navegador* (UNESP, 1998), *História da Leitura no mundo ocidental* (Ática, 1998) e *A Ordem dos Livros* (UnB, 1998).

Diferente de Marshall McLuhan, que é bastante conhecido, tanto no Brasil como no exterior, pela obra “A galáxia de Gutenberg”, lançada em 1962. McLuhan possui maior reconhecimento quando se trata de sua contribuição para o estudo dos efeitos dos meios de comunicação. Seu estudo é constantemente mencionado em artigos e também em livros sobre teorias da comunicação, entre eles: “Teorias da Comunicação”, de Mauro Wolf, publicado em 1987; “A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia”, de John B. Thompson, publicado em 1999; e o livro “Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências”, organizado por Antonio Hohlfeldt, Luiz Martino e Vera França, publicado em 2001.

O intuito de nossa pesquisa é trazer Eisenstein para o centro das discussões do campo da Comunicação. Para isso, acreditamos que podemos contribuir com um trabalho aprofundado e ancorado por uma análise cuidadosa sobre a historiadora. Buscamos elaborar um debate frutífero, que ultrapasse o nível descritivo das ideias e siga em direção a uma análise crítica. Com isso, daremos o primeiro passo necessário para rebater a invisibilidade de Eisenstein nas pesquisas brasileiras em Comunicação e, particularmente, nos estudos dos meios, em que o canadense Marshall McLuhan ganha destaque. Assim também teremos condições de colaborar com as discussões lançadas por outros estudiosos, entre eles, historiadores, antropólogos, comunicólogos, cartógrafos, etc. e com a própria historiadora em questão, que continua contribuindo com suas publicações acadêmicas.

Ao estudar os efeitos do surgimento da imprensa na sociedade letrada europeia, Eisenstein não se limitou às explicações históricas tradicionais. Ela buscou expandir seu conhecimento para além da História. Segundo ela, é possível observar o passado levando-se em conta o duplo movimento entre o meio de comunicação e as transformações culturais. Entendendo a importância desse pensamento de Eisenstein para o campo de estudos da Comunicação e buscando resgatar os aspectos teóricos e metodológicos utilizados por ela, nos colocamos a seguinte pergunta: como foi construída a relação entre História e Comunicação na obra de Eisenstein?

Acreditamos que o estudo realizado por essa historiadora retoma debates epistemológicos importantes em nossa área. Ao se proporem o desafio de estudar o papel dos meios de comunicação na construção dos acontecimentos, “os historiadores convergem para os problemas comunicacionais e têm apresentado valioso material para o avanço dessa área, ainda que poucos comunicólogos estejam realmente atentos às implicações dessas obras” (MARTINO, 2008, p.29). Em outras palavras, o trabalho de

Eisenstein leva-nos a reflexão do nosso próprio campo de estudo e de como ele é percebido por outros estudiosos. Esse olhar do outro, ou seja, de um outro ponto de vista, traz avanços para a Comunicação. A partir desse olhar, podemos não só avaliar nosso papel como campo científico como também questionar sua apropriação por outros saberes na perspectiva de responder a questões que, por vezes, demanda o concurso de mais áreas.

Não se trata de obter resultados que comprovem a contribuição de Eisenstein para o campo comunicacional. Na verdade, o objetivo desta pesquisa consiste em elaborar uma revisão crítica e histórica da obra de Elizabeth Eisenstein, resgatando os aspectos teóricos e metodológicos de seus estudos e levantando questões, de sua própria fala, que possam nos ajudar a entender como ela formou os contornos dessa relação entre História e Comunicação. “Trata-se, dessa forma, de um trabalho que se coloca ao mesmo tempo como uma pesquisa histórica e epistemológica, nos inserindo num contexto no qual o pensamento científico não pode e não deve ser apreendido como uma sucessão de dados” (VARÃO, 2012, p.22). A escolha pela análise conceitual do estudo desenvolvido por Eisenstein nos levou a elaborar uma pesquisa teórica, e não empírica. Utilizamos como estratégia de pesquisa a revisão bibliográfica.

Essa dissertação está dividida em quatro capítulos, cujos objetivos são: revisar a bibliografia referente à biografia e a carreira profissional de Eisenstein, a fim de entendermos o deslocamento de interesse do objeto de pesquisa; compreender os elementos da História utilizados por Eisenstein para estudar os efeitos da imprensa; compreender a relação de Eisenstein com o estudo que envolve os meios de comunicação e seus principais autores; e, finalmente, entender os aportes epistêmicos, teóricos e metodológicos utilizados por Eisenstein na construção dessa relação entre o campo da História e da Comunicação.

No primeiro capítulo, **Panorama biográfico e intelectual de Elizabeth Eisenstein**, propomos reconstruir a história de vida e a trajetória profissional de Elizabeth Eisenstein, acreditando que as experiências vividas por ela ao longo de sua existência influenciaram diretamente na sua consagração como pesquisadora. Para o levantamento biográfico, partimos de algumas personalidades que se destacaram na família de Eisenstein, são eles: Adolph Lewisohn, Joseph Seligman, Sam A. Lewisohn e Margaret Seligman. Essas quatro personalidades eram figuras públicas conhecidas na cidade de Nova York, EUA. Ao falar sobre a biografia e a trajetória intelectual dessa historiadora, especificamente, dividimos sua vida em dois grandes blocos: Eisenstein e

o estudo da história e Eisenstein e o estudo da comunicação. Transcrevemos a lista, disposta no Anexo I da dissertação, contida no livro *Agent of change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein*, publicado em 2007, organizado por Sabrina Baron, Eric Lindquist e Eleanor Shevlin, com o levantamento da obra produzida por Eisenstein do início de sua carreira até o ano de 2005. Na verdade, tivemos que acrescentar algumas publicações a essa lista, por ela não conter as mais recentes. Dividimos essa produção em dois grupos e criamos tabelas para cada uma delas: as que estão relacionadas ao objeto de estudo de Eisenstein no campo da História e as que estão relacionados ao objeto de estudo da Comunicação. Essa divisão nos ajudou a entender a trajetória de Eisenstein no campo da História, seu objeto de pesquisa e suas principais publicações, assim como compreender o momento em que surgiu o interesse pelo campo da Comunicação, o deslocamento do objeto de pesquisa e suas principais publicações.

No segundo capítulo, **Uma perspectiva histórica da imprensa**, apresentamos três das principais características observadas por Eisenstein sobre a imprensa, são elas: a cultura impressa disseminada, a padronização e reorganização dos textos e a preservação do conhecimento. Para isso utilizamos o livro publicado por ela em 1979, *The printing press as an agent of change*. Neste capítulo, optamos por usar somente este livro porque nele estão contidas, de forma organizada, todas as características da imprensa descritas nos artigos publicados entre 1968 e 1978, ano que antecedeu o lançamento da obra *The printing press as an agent of change*. Esse capítulo contribui para o entendimento dos elementos da História utilizados por Eisenstein para estudar os efeitos da imprensa.

No terceiro capítulo, **O estudo dos meios: principais conceitos e autores**, buscamos compreender a relação de Eisenstein com o estudo que envolve os meios de comunicação e seus principais autores. Para isso, partimos do conceito de “meios de comunicação”, desenvolvido por Luiz C. Martino e que norteará o *corpus* da pesquisa deste terceiro capítulo. Em seguida, destacamos um dos principais autores ligado ao estudo do meio, Marshall McLuhan, para falar da continuidade de seu trabalho na obra de Eisenstein. A última tarefa foi localizar os autores, entre os que foram classificados por Meyrowitz como pertencentes à Teoria do Meio, que se dedicaram ou se aproximaram do estudo da transição da era escrita- impressa, destacando seus principais pontos de discussão. Depois dessa abordagem geral dos autores, pudemos analisar a particularidade do estudo desenvolvido por Eisenstein em relação à imprensa. Com isso,

conseguimos identificar os aportes metodológicos utilizados por Eisenstein para estudar a imprensa.

O quarto capítulo, **História e Comunicação: um diálogo possível**, desenvolve uma análise crítica em cima das questões levantadas e discutidas nos capítulos anteriores, a fim de se entender os aportes epistêmicos, teóricos e metodológicos utilizados por Eisenstein na construção dessa relação entre o campo da História e da Comunicação. Dividimos os assuntos em três tópicos, são eles: o equilíbrio entre a afirmação e a negação do meio; o problema da imprensa no contexto da história do livro; e o estudo do meio pelo seu contexto histórico. Estes tópicos são, na verdade, os principais argumentos utilizados por Eisenstein em resposta aos seus críticos. Com isso, percebemos como a fala de Eisenstein em relação à imprensa foi se moldando ao longo dos anos, principalmente após as inúmeras publicações das críticas e dos comentários sobre a obra *The printing press as an agent of change*. Transcrevemos a lista, disposta no Anexo II da dissertação, elaborada pelos organizadores do livro *Agent of change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein*, Sabrina Baron, Eric Lindquist e Eleanor Shevlin, com o extenso número de críticos que comentaram em jornais e revistas britânicas e americanas e também dos que publicaram resenhas em revistas da Europa continental.

Esperamos, portanto, contribuir com a difusão do estudo realizado por Eisenstein sobre o meio impresso, especialmente no Brasil, onde seu trabalho possui pouco reconhecimento. Até o momento, somente um de seus livros foi traduzido para o português, intitulado “A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna”, de 1998. Pretendemos contribuir também para o avanço das pesquisas do saber comunicacional e para as discussões em posteriores eventos sobre história da comunicação.

1. Panorama biográfico e intelectual de Elizabeth Eisenstein

A reconstrução biográfica e a trajetória acadêmica de Eisenstein nos ajudarão a entender como o pensamento dela foi se configurando ao longo do tempo. Dessa forma, poderemos observar em que momento da carreira a historiadora ampliou seu interesse para o campo da Comunicação. Ao percorrer este caminho, algumas dúvidas naturalmente surgiram, como, por exemplo, a de como Eisenstein reorganizou seu pensamento em relação ao novo estudo que ela se propôs e qual foi o percurso metodológico utilizado. Estas também são questões que serão analisadas ao longo da dissertação. Por agora, conheceremos algumas personalidades que se destacaram na família de Eisenstein.

Um fato curioso despertou nossa atenção durante a pesquisa biográfica de Eisenstein. Observamos que inúmeros sites destacavam o histórico familiar dessa historiadora, ressaltando principalmente dois nomes: Adolph Lewisohn e Joseph Seligman. Impulsionados pela curiosidade, fomos à busca de informações sobre esses dois protagonistas, o que nos levou à descoberta de uma surpreendente árvore genealógica. Uma família que, para além da genialidade, é lembrada e homenageada pelos feitos filantrópicos. Mais do que pelas conquistas profissionais, essas gerações que compõem a família de Elizabeth Eisenstein nos surpreendem pela grandeza moral e pelo espírito generoso.

De acordo com o site *Immigrant Entrepreneurship: German-American Business Biographies*²⁰, Adolph Lewisohn (1849-1938), nascido em Hamburgo, Alemanha, emigrou para os Estados Unidos aos 16 anos de idade e se juntou aos seus irmãos, Julius e Leonard Lewisohn, para cuidar dos negócios da família. Tornou-se presidente da *Adolph Lewisohn & Son* e alguns anos depois ficou conhecido como um importante banqueiro de investimentos da cidade de Nova York. Ele também foi um magnata da mineração. Abriu várias companhias de cobre nos Estados Unidos e, posteriormente, companhias de ouro e prata. Lewisohn também dedicou-se a filantropia. Acreditava que,

²⁰ O site *Immigrant Entrepreneurship: German-American Business Biographies* foi lançado em 2010 pelo Instituto Histórico Alemão, em Washington, DC, EUA. Segundo o diretor deste projeto, Hartmut Berghoff, o site foi criado para tratar de dois temas importantes na história americana: a imigração e o empreendedorismo. O site encontra-se disponível em: <http://www.immigrantentrepreneurship.org/entry.php?rec=47>.

assim como ele, todos deveriam ser capazes de experimentar arte. Muito dos seus esforços filantrópicos foi no sentido de tornar essa visão possível. Segundo o site *Immigrant Entrepreneurship*, Lewisohn apoiou várias instituições locais, como a *Metropolitan Opera*, nos EUA, e doou uma parte significativa de sua coleção de arte para o Museu de Arte do Brooklyn. Ele era um apaixonado pela música clássica, principalmente pela ópera, e um ávido colecionador de arte e itens de interesse histórico. Ele colecionava pinturas, livros raros, manuscritos, antiguidades e artes decorativas. As lembranças memoráveis deixadas por Adolph Lewisohn à cidade de Nova York foram materializadas nas construções que levam seu sobrenome, como o *Lewisohn Hall*, construído no bairro *Morningside Heights*, onde se localiza o campus da Universidade de Columbia, e o antigo Estádio Lewisohn, localizado no *City College* de Nova York.

Joseph Seligman (1819-1880), bisavô de Eisenstein, assim como Adolph Lewisohn, teve uma carreira bem sucedida no mundo dos negócios. Nascido em Baiersdorf, na Alemanha, emigrou para os Estados Unidos aos 18 anos de idade e logo trabalhou como secretário particular do Juiz Asa Packer, presidente do Lehigh Valley Railway, uma importante companhia ferroviária do século XIX localizada no nordeste dos Estados Unidos. Segundo o site *Jewish Encyclopedia*²¹, Seligman fundou em Nova York o banco *J. & W. Seligman & Co.* e anos depois dedicou seus investimentos em ferrovias e indústrias de aço e fio. Ele foi o fundador do *Hebrew Orphan Asylum* (Asilo Órfão Hebraico) e foi um dos fundadores da Sociedade de Cultura Ética, para a qual contribuiu com grandes quantias e da qual foi presidente até sua morte. A história de Joseph Seligman também foi marcada pelo incidente anti-semita acontecido em Saratoga, Estados Unidos. Em 1877, o juiz Hilton recusou a entrada de Seligman e sua família no Grand Union Hotel. Stewart e Hilton atribuíam a causa da queda que vinham sofrendo nos negócios à presença dos judeus no hotel. Segundo eles, os cristãos não queriam ficar em um hotel que admitia judeus. Esse episódio repercutiu mundialmente e muitas opiniões de reprovação foram expostas por representantes de várias raças e religiões.

²¹ O próprio site *Jewish Encyclopedia* informa que sua página na web contém o conteúdo completo da Enciclopédia judaica de 12 volumes, que foi originalmente publicada entre 1901 e 1906. A Enciclopédia Judaica, que recentemente passou a fazer parte do domínio público, possui mais de 15.000 artigos e ilustrações. O site encontra-se disponível em: <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/13403-seligman>.

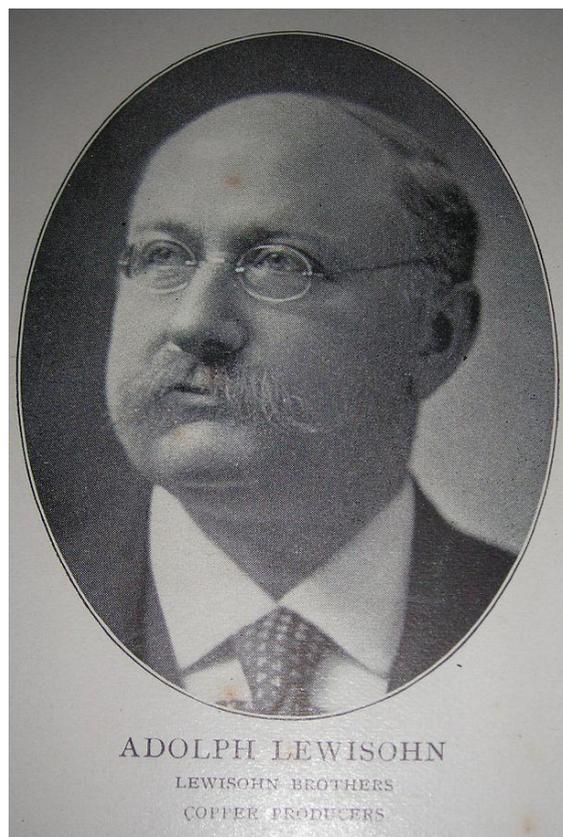


Figura 1. Fotografia de Adolph Lewisohn. Fonte: foto retirada da cópia do livro *Notable New Yorkers*, de propriedade de John Murray Mitchell. O livro não está a venda.



Figura 2. Selo da fotografia de Joseph Seligman. Fonte: foto retirada do blog *1898 Revenues*, do colecionador John Langlois.

Os pais de Elizabeth Eisenstein também foram personalidades conhecidas na cidade de Nova York. Sam A. Lewisohn (1884-1951), filho de Adolph Lewisohn e pai da historiadora, possuía habilidade não só para o mundo dos negócios, mas também para a carreira acadêmica e para a filantropia. De acordo com o site *The Frick Collection*²², Sam Lewisohn frequentou a Universidade de Princeton e Faculdade de Direito da Columbia, ambas nos Estados Unidos, e serviu como curador do Museu Metropolitano de Arte, do Museu de Arte do Brooklyn, e do Museu de Arte Moderna. Em uma homenagem póstuma, escrita pelo teórico americano Ordway Tead, em 1951, o pai de Elizabeth Eisenstein é lembrado como uma figura generosa e de extraordinária competência e versatilidade. Segundo Tead, as perspectivas que Sam Lewisohn tinha sobre as tensões sociais e pessoais de seu tempo eram tão distintas como incisivas, e essa compreensão o levou a participar ativamente das causas a que foi requisitado. Um exemplo disso foi o serviço que prestou à educação prisional. Com uma visão anos à frente de seu tempo, Lewisohn propôs novas práticas para o cumprimento de pena restritiva de liberdade, reforçando os procedimentos de liberdade condicional.

Em 1910, Sam Lewisohn juntou-se à empresa de seu pai, a *Adolph Lewisohn & Son*. Ele também foi membro do Conselho de Liberdade Condicional do Reformatório de Nova York, membro do Comitê do Prefeito na Defesa Nacional, tesoureiro da Comissão de Fusão para reeleição do prefeito John Purroy Mitchell, entre outros. Sua habilidade no campo da gestão o levou a escrever alguns livros e capítulos de livros, entre eles: *Can business prevent unemployment?* (1925); *The new leadership in industry* (1926); *Management: a behavior problem* (1926); *Economic hygiene* (1929); *New walls for old* (1932); *Painters and personality* (1937) e *Human leadership in industry* (1945).

Sam Lewisohn, assim como seu pai, era um ávido colecionador de arte. Segundo o site *The Frick Collection*, as coleções de Lewisohn incluíam os trabalhos de Gauguin, Renoir, Rousseau, Rouault, Picasso, Seurat, Shahn, Cézanne, Stern Maurice, Van Gogh, e Albert Pinkham Ryder. Ele legou sua coleção para a Universidade de Princeton, EUA, para o Museu de Arte Moderna, o Museu Metropolitano de Arte, Museu de Arte do Brooklyn e para a *National Gallery*.

²² O site *The Frick Collection* funciona como um banco de dados exclusivo para pesquisadores em história da arte. O banco de dados é um trabalho em progresso, que é atualizado regularmente com informações enviadas pelas instituições e pelos indivíduos. O diretório de arquivos disponibilizado neste site é um recurso pioneiro criado para ajudar os pesquisadores a localizar material de fonte primária sobre colecionadores de arte americanos, distribuidores, agentes e conselheiros, e os repositórios que mantêm esses registros. O site encontra-se disponível em: <http://research.frick.org/directoryweb/browserecord.php?-action=browse&-recid=6759>.

Em 1918, Sam Lewisohn se casou com Margaret Seligman, neta de Joseph Seligman e filha de Isaac Newton Seligman e Greta Loeb. Entre outras coisas, este casal compartilhava o mesmo interesse pelas artes e pela filantropia. Sam Lewisohn e Margaret Seligman colecionaram grandes obras de arte, principalmente as do período moderno.

Assim como seu marido, Margaret Seligman (1895-1954) era apaixonada pela música. Sua maior devoção era o piano, ao qual dedicou dois anos de estudo, de 1912 a 1914. Segundo o site *Jewish Women's Archive*²³, algum tempo depois de receber seu título de pianista pelo Instituto de Arte Musical, mais conhecido como *Juilliard School of Music*, localizado em Nova York, EUA, Seligman trabalhou no *Hudson Guild Settlement House*, uma organização de serviços sociais situada em Nova York. Lá ela também se apresentou como pianista. Empenhada especialmente na melhoria da educação pública, Margaret Seligman juntou-se à *Public Education Association*, em 1922, com o intuito de buscar soluções para a melhoria da qualidade dos professores, instalações escolares e currículos. De acordo com o site *Jewish Women's Archive*, de 1930 a 1936, Seligman atuou na comissão de educação do Clube da Cidade das Mulheres, onde se dedicou ao estudo das crianças superdotadas e abaixo do normal das escolas públicas de Nova York. Ela também foi presidente do conselho de curadores da Casa Escola *Little Red*, de 1936 a 1940, membro da comissão de Museu de Arte Moderna de educação, de 1936 a 1944, diretora da *Bennington College*, em *Vermont*, Estados Unidos e da *Vassar College*, situada em Poughkeepsie, EUA.

Além das inúmeras atuações no campo da Educação, Seligman dedicou-se à maternidade. No mesmo ano em que ela se casou com Sam Lewisohn, sua primeira filha nasceu: Marjorie Greta Lewisohn (1918-). Eles tiveram mais três filhas: Joan Emma Lewisohn (1921-); Elizabeth Anne Lewisohn (1923-) e Virginia Lewisohn (1925-).

Elizabeth Anne Lewisohn²⁴ é o nome que mais nos interessa. Ela é a terceira filha do casal Margaret Seligman e Sam Lewisohn. Neta de Adolph Lewisohn e bisneta de Joseph Seligman, grandes magnatas da cidade de Nova York, Elizabeth Lewisohn Eisenstein nasceu no dia 11 de outubro de 1923, em Nova York, EUA.

²³ O site *Jewish Women's Archive* fornece uma enciclopédia on-line da história das mulheres judias na América do norte. Exposições on-line, planos de aula e materiais educativos podem ser baixados gratuitamente pelo site. A página na web é fruto do trabalho desenvolvido desde 1995 pela *Jewish Women's Archive*, uma organização sem fins lucrativos situada em *Massachusetts*, Estados Unidos.

²⁴ Elizabeth Anne Lewisohn era o nome de solteira da historiadora americana Elizabeth L. Eisenstein, que depois de se casar passou a usar o sobrenome de seu marido, Julian Calvert Eisenstein.

Embora não tenhamos relatos da infância dessa historiadora norte americana, pelo seu histórico familiar podemos imaginar a boa educação adquirida ao longo de seus primeiros anos de vida e durante sua juventude. Como sua mãe, Margaret Seligman, foi diretora da *Bennington College*, em *Vermont*, Estados Unidos e da *Vassar College*, situada em Poughkeepsie, EUA, Eisenstein teve o privilégio de estudar em uma dessas duas instituições.

A reconstrução que faremos da trajetória traçada por Elizabeth Eisenstein no decorrer de sua vida é, na verdade, uma tentativa de alinhar a história pessoal dessa historiadora com sua carreira profissional. O primeiro ponto destacado é o percurso dela como aluna de uma das mais tradicionais e consagradas instituições privadas de ensino dos Estados Unidos, a *Vassar College*.

1.1 Eisenstein e o estudo da história

Durante a década de 40, Eisenstein foi aluna da *Vassar College*, instituição na qual sua mãe, Margaret Seligman, foi diretora em 1954. De acordo com o site da própria universidade, a *Vassar College* foi fundada em 1861 e está localizada em Poughkeepsie, cem quilômetros ao norte da cidade de Nova York, EUA.

Eisenstein iniciou seus estudos na *Vassar College* como aluna do curso de Artes Cênicas. Em uma entrevista concedida, em 2010, ao blog *Figure/Ground Communication*²⁵, ela revela que trocou a graduação em Artes Cênicas para a História por conta dos excelentes professores de história que teve. Após se formar em História, em 1944, Eisenstein prosseguiu seus estudos na área com o curso de mestrado e doutorado na *Radcliffe College*, situada em *Crambridge*, Estados Unidos. De acordo com o site *Radcliffe Institute for Advanced Study*²⁶, esta instituição, criada em 1879, era vinculada à Universidade de Harvard.

²⁵ Segundo o criador do blog, Laureano Ralon, *Figure/Ground Communication* foi lançado no contexto do centenário Marshall McLuhan como uma tentativa de trazer os ecologistas de mídia, os fenomenólogos, filósofos e críticos da tecnologia em uma conversa com o espírito de estudos interdisciplinares e pragmatismo metodológico. Em uma das seções do blog, ele entrevista a historiadora Elizabeth Eisenstein. Essa entrevista encontra-se disponível em: <http://figureground.ca/interviews/elizabeth-eisenstein/>.

²⁶ O campus *Radcliffe* foi anexado à Universidade de Harvard, em 1999, tornando-se um instituto de pesquisa de pós-graduação, conhecido como *Radcliffe Institute for Advanced Study*.



Figura 3. Edifício principal do *Vassar College*. Fonte: foto retirada do site *Council of Independent Colleges* (Conselho das Faculdades Independentes), localizado em Washington, DC, EUA.



Figura 4. *Radcliffe College*. Fonte: foto retirada do site *Xtimeline*.

No período em que cursava a pós-graduação, mais precisamente no dia 30 de maio de 1948, a historiadora se casou com o físico Julian Calvert Eisenstein. Filho de Otto Eisenstein e Nell Custer Calvert, Julian Eisenstein nasceu no dia 03 de abril de 1921, em *Warrenton*, Estados Unidos. Toda sua formação superior foi realizada na Universidade de Harvard, EUA. De acordo com os arquivos dispostos no site da Universidade de Harvard²⁷, durante a graduação Julian Eisenstein morou em uma das 12 residências localizadas dentro da universidade, a *Lowell House*, fundada em 1930. Como estudante de pós-graduação, ele atuou no *Board of Freshman Advisers* (Conselho de Assessores dos calouros) e era um associado da pesquisa especial para o *Project for Research on Sound Control* (ROSC) (Projeto de Pesquisa sobre o Controle de som).

No ano de 1948, Julian Eisenstein recebeu o título de doutor em Física pela Universidade de Harvard, EUA. Segundo o site da Universidade George Washington²⁸, depois de uma carreira de destaque no *National Bureau of Standards*, o físico se juntou à Universidade George Washington, em 1966, e assumiu a presidência do departamento de Física. Este mesmo site nos diz sobre o reconhecimento que o professor Julian Calvert tem perante seus alunos e o corpo docente da universidade. Reconhecimento que, segundo eles, vem de sua habilidade para se comunicar, da profunda compreensão da física, do humor sutil e do seu apoio suave.

Julian e Elizabeth Eisenstein tiveram três filhos: Margaret Ellen Eisenstein, nascida no dia 06 de abril de 1951, em Madison, Estados Unidos; John Calvert Eisenstein, nascido no dia 02 de setembro de 1953, em Nova York, EUA, e falecido no dia 23 de dezembro de 1974, em Washington D.C, EUA; e Edward Lewisohn Eisenstein, nascido no dia 10 de outubro de 1955, em Bellfonte, EUA. Entre os anos de 1956 e 1957, o casal se mudou para Washington D.C, nos Estados Unidos, onde começaram a atuar como docentes.

Elizabeth Eisenstein teve que conciliar a maternidade com a carreira acadêmica. Uma tarefa que, embora pareça complicada, foi devidamente administrada pela historiadora. Em 1947, ela recebeu o título de mestre e, em 1953, o título de doutora em História pela *Radcliffe College*. Sua dissertação foi publicada em 1952, intitulada *The evolution of the Jacobin tradition in France: the survival and revival of the ethos of 1793 under the Bourbon and Orleanist regimes* e sua tese de doutorado, conhecida

²⁷ O site encontra-se disponível em: <http://beta.worldcat.org/archivegrid/record.php?id=77067316>

²⁸ O site encontra-se disponível em:
<http://departments.columbian.gwu.edu/physics/people/emeriti/eisenstein>

como *The first professional revolutionist : Filippo Michele Buonarroti – 1761-1837* (O primeiro revolucionário profissional: Filippo Michele Buonarroti²⁹ – 1761-1837), foi publicada em 1959. Segundo o site da Universidade de Harvard, esta obra, transformada em livro, fornece uma análise detalhada da pesquisa sobre o italiano Buonarroti, trazendo uma grande variedade dos diferentes aspectos da história moderna da Europa. O título da obra remete ao foco de investigação do trabalho, que é o estudo das origens de uma profissão que se desenvolveu durante o século XIX. O trecho extraído do resumo da tese de doutorado de Eisenstein, disponível no site da Universidade de Harvard, diz que:

Na introdução, é feita uma distinção entre o revolucionário “amador” – o médico, advogado ou um comerciante que teve um papel proeminente em várias revoluções particulares – e o profissional frequentemente desempregado que tentou criar uma situação que tornaria possível a prática de seu ofício e que tinha interesse em “revolução” de um modo geral, mas não necessariamente em desempenhar um papel em qualquer revolução particular (Em: < <http://www.hup.harvard.edu/catalog.php?recid=30185>>. Acesso em: 09 agosto 2012)³⁰.

Este livro também abrange o estudo do início do século XIX, da relação entre a Revolução Francesa e os movimentos radicais do século XIX, da historiografia da Revolução Francesa e do desenvolvimento da ideologia da esquerda totalitária.

Depois de concluído o doutorado, Eisenstein buscou emprego em duas universidades dos Estados Unidos, a Universidade de Wisconsin e a Penn State. Ela foi recusada nas duas. Foi-lhe dito que as regras de nepotismo impediam sua contratação, isso aconteceu porque seu marido, Julian Eisenstein, já pertencia ao corpo de docentes dessas instituições. A historiadora enfrentou dificuldades nos anos de 1950 porque as universidades não empregavam muitas mulheres, mesmo elas sendo suficientemente qualificadas para o cargo. Em um trecho extraído da entrevista concedida aos autores do

²⁹ De acordo com o site *The free dictionary*, o italiano Filippo Michele Buonarroti (1761-1837) era um ativista do movimento revolucionário na França e Itália no final do século 18 e início do 19. Ele era um defensor das concepções de Jean-Jacques Rousseau e divulgador das ideias de Gracchus Babeuf, um revolucionário francês. Entre outras coisas, Buonarroti lutou contra a separação da ilha de Córsega, da França, durante a Revolução Francesa. Em 1973, a Convenção concedeu a ele a cidadania francesa pelos seus feitos revolucionários.

³⁰ No original: “*In the introduction, a distinction is drawn between the "amateur" revolutionist--the doctor, lawyer, or merchant who played a prominent role in various particular revolutions--and the frequently unemployed professional who attempted to create a situation that would make possible the practice of his craft and who had a vested interest in "revolution" in general but did not necessarily play a part in any particular revolution*”.

livro *Agent of Change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein*, Eisenstein diz: “Eu requisitei várias instituições: *Georgetown, George Washington, Howard, Universidades Católicas e a Universidade de Maryland*. Todas pareciam relutantes em contratar uma historiadora mulher” (2007, p.410)³¹.

Na entrevista concedida ao blog *Figure/Ground Communication*, em 2010, o entrevistador Laureano Ralon pergunta para Eisenstein como o papel do professor universitário evoluiu desde que ela era uma estudante de graduação. Ela responde dizendo que a mudança mais significativa que afetou os professores foi a crescente aceitação das mulheres nas universidades e o aumento pelo interesse nos estudos de gênero e da história das mulheres.

Em 1959, Eisenstein finalmente conseguiu emprego como professora adjunta na Universidade Americana, em Washington D.C, EUA. Ela trabalhava meio período dando aula de Civilização Ocidental para 120 alunos. Algum tempo depois lhe foi ofertada uma colocação melhor no curso, mas a historiadora sentiu-se sobrecarregada com as atividades do departamento e com a responsabilidade de criar três filhos pequenos. Eisenstein lecionou como professora de história na Universidade Americana por quinze anos, de 1959 a 1974.

Eisenstein revela que a dificuldade enfrentada por ela como uma estudiosa mulher, nos anos de 1950 a 1960, resultou em uma atitude cética em relação a pontos de vistas tradicionalmente aceitos pela maioria dos estudiosos. Isso se refletiu nos seus subsequentes trabalhos, como, por exemplo, nos artigos *Who Intervened in 1788? A Commentary on The Coming of the French Revolution* (1965); e *Class in the French Revolution: A Discussion* (1967), onde ela desafia a interpretação historicamente aceita das origens da Revolução Francesa. Na entrevista conferida ao livro *Agent of Change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein*, publicado em 2007, a historiadora relata que:

Esta tendência foi evidente em meu trabalho anterior no campo de estudos franceses, onde eu desafiei a interpretação aceita (quase marxista) das origens da Revolução Francesa. Ela também se manifestou no livro *A imprensa como um agente de mudança (PPAC)*, como foi observado, com desaprovação, por vários revisores. A discordância que eu expressei em relação a alguns pontos de vista estabelecidos em grandes obras por ilustres estudiosos foi tomada

³¹ No original: “I applied to several institutions: *Georgetown, George Washington, Howard, Catholic Universities, and the University of Maryland*. All seemed reluctant to hire a woman historian”.

como um sinal de excesso de alcance (BARON, LINDQUIST, SHEVLIN, 2007, p.410)³².

Eisenstein não se limitou às inquietações do seu campo de estudo, a História. Com seu espírito cético, ela incitou, dentro e para além do seu campo, questionamentos que pudessem responder as lacunas existentes no estudo da história, principalmente no estudo da história moderna da Europa.



Figura 5. Elizabeth Eisenstein. Fonte: foto retirada do site da Universidade de Michigan.

1.1.1 Publicações de Eisenstein relacionadas à História

Por durante muitos anos, por volta de 1940 a 1967, o objeto de estudo de Eisenstein no campo da História era a Revolução Francesa e a história francesa do início

³² No original: “This tendency was evident in my earlier work in the field of French studies, where I challenged the accepted (quasi-Marxist) interpretation of the origins of the French Revolution. It also was manifested in *The printing press as an agent of change (PPAC)*, as was noted, with disapproval, by several reviewers. That I expressed disagreement with some views set forth in major works by distinguished scholars was taken as a sign of overreaching”.

do século XIX. A tabela abaixo ilustra as publicações de Eisenstein relacionadas ao seu objeto de estudo no campo da História.

Título	Data de Publicação	Natureza
<i>The evolution of the Jacobin tradition in France: the survival and revival of the ethos of 1793 under the Bourbon and Orleanist regimes</i>	1952	Dissertação
<i>The First Professional Revolutionist : Filippo Michele Buonarroti</i>	1959	Livro
<i>Who Intervened in 1788? A Commentary on The Coming of the French Revolution</i>	1965	Artigo
<i>Class in the French Revolution: A Discussion</i>	1967	Artigo
<i>A Reply</i>	1967	Artigo

Tabela 1. Publicações de Eisenstein relacionadas ao seu objeto de estudo no campo da História.

1.2 Eisenstein e o estudo da comunicação

Ao ler, em 1960, o breve discurso presidencial de Carl Bridenbaugh à Associação Histórica Americana, intitulada “A grande revolução”, Eisenstein deteve-se nas argumentações alarmantes de Bridenbaugh em relação a uma “tecnologia desenfreada” que estava cortando todos os elos com o passado. Segundo ele, os estudiosos contemporâneos estariam vivendo uma espécie de amnésia coletiva. Essas colocações levaram Eisenstein (1998, p.07) a refletir sobre “a falta de capacidade de Bridenbaugh em colocar os alarmes presentes dentro de algum tipo de perspectiva – capacidade essa que o estudo da história, acima de qualquer outra disciplina, deveria poder dar”. Considerou também que os historiadores, de um modo geral, não sabiam lidar nem diagnosticar corretamente as consequências de uma “tecnologia desenfreada”. Segundo ela, eles sabiam que as inovações tecnológicas desencadeavam sintomas na história da humanidade, mas não se preocupavam ou lhes faltavam a capacidade de enquadrá-las dentro de algum tipo de perspectiva.

Enquanto remoía essas questões, Eisenstein deparou-se com o título do livro “A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico”, de Marshall McLuhan, revelado por meio da leitura do texto *Between two galaxies* (Entre duas galáxias), em 1963, de Frank Kermode. A historiadora relata que:

Num vivo contraste com a queixa do historiador americano, o professor canadense de língua inglesa parecia sentir um prazer malicioso na perda das perspectivas históricas familiares. Ele sentenciou que as formas históricas de investigação estavam obsoletas, e que a era de Gutenberg estava no fim. Mais uma vez, senti que sintomas de crise cultural estavam sendo apresentados como se fossem um diagnóstico (EISENSTEIN, 1998, p.08).

As colocações de McLuhan tornaram-se um estimulante adicional para a curiosidade já despertada por Eisenstein sobre as consequências históricas específicas da grande mudança ocorrida no campo das comunicações do século XV. Por outro lado, ela inquietou-se com a sentença dada pelo canadense de que as formas históricas de investigação estavam obsoletas e que a era de Gutenberg estava no fim.

Em um trecho da entrevista concedida ao blog *Figure/Ground Communication*, em 2010, Eisenstein revela que é ambivalente em relação a McLuhan. Ela diz que se sente em dívida com ele por tê-la apresentado uma dimensão da mudança histórica que ela ainda não havia considerado e que nenhum de seus professores da *Vassar College* ou Harvard tinha trazido a sua atenção. Ao mesmo tempo, ela se sente consternada com o manuseio descuidado de McLuhan com o material histórico. Segundo Eisenstein (1998, p.302), “o manuseio pouco cuidadoso do autor com os dados históricos pode levar a equívocos o leitor não informado”.

E o interessante é que justamente uma das principais críticas feitas a McLuhan é precisamente com relação à fragilidade histórica dos seus exemplos. Isto é dito, muitas vezes, para invalidar a obra dele. Eisenstein, ao contrário de outros estudiosos, não a invalida. Ela focou no núcleo duro do trabalho de McLuhan para avançar. Eisenstein, de alguma maneira, aprimora seu trabalho qualificando os exemplos, dentre outros aspectos.

Impulsionada por essas questões, Eisenstein, em 1964, resolveu empreender-se nos estudos sobre a imprensa, procurando primeiro familiarizar-se com a literatura especializada sobre os primórdios dessa invenção e com a história do livro. “Obter esse conhecimento implicou a leitura de muitas monografias e estudos especiais, enquanto participava de seminários e conferências nas bibliotecas de livros raros e sociedades afiliadas” (BARON, LINDQUIST, SHEVLIN, 2007, p.411)³³. Eisenstein conta ainda

³³ No original: “*Gaining this knowledge entailed reading many monographs and special studies while attending seminars and conferences at rare-book libraries and affiliated societies*”.

que buscou orientação bibliográfica com historiadores renascentistas, codicologistas³⁴ medievais, especialistas em ciências e autores de estudo sobre os primeiros impressores, nomeadamente Robert M. Kingdon³⁵ e Natalie Z. Davis³⁶. Nas referências bibliográficas do livro “A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa moderna”, de 1998, Eisenstein comenta que os artigos de Robert Kingdon, lidos por ela, “ajudaram a revelar a maneira como os impressores interagem com os desenvolvimentos religiosos e políticos” (p.306). E que os artigos de Natalie Davis “oferecem uma visão muito próxima das atividades dos artífices tipógrafos durante a era das guerras de religião” (p.309).

Esse mapeamento inicial sobre a história da imprensa e do livro resultou em alguns artigos. *Clio and Chronos: an Essay on the Making and Breaking of History-Book Time*, de 1966, é um exemplo disso. Logo na primeira nota de rodapé, Eisenstein esclarece que o tema desse artigo foi inspirado em um dos assuntos tratados por Marshall McLuhan no livro “A galáxia de Gutenberg”, de 1962. Diz ainda que a leitura deste livro despertou sua atenção em relação à “importância de considerar os meios de comunicação disponíveis, quando se pensa sobre a historiografia e à necessidade de analisar melhor as consequências históricas da utilização de tipos móveis” (EISENSTEIN, 1966, p.36)³⁷. A historiadora considera que o aumento sem precedentes nas inovações cognitivas e tecnológicas tem alterado drasticamente o ambiente físico e intelectual do homem ocidental.

O primeiro artigo em que Eisenstein divulgou suas opiniões sobre o impacto da imprensa foi publicado em 1968, intitulado *Some conjectures about the impact of printing on western society and thought: a preliminary report* (Algumas conjecturas sobre o impacto da imprensa na sociedade e no pensamento ocidental: um relatório preliminar). Esse artigo foi fruto de uma conversa, por carta, que teve com o sociólogo

³⁴ A palavra codicologista designa o especialista no estudo dos documentos manuscritos ou impressos.

³⁵ De acordo com o site da Universidade de Wisconsin, Robert McCune Kingdon (1927-2010) era um historiador americano especializado no estudo da Reforma Protestante. Ele foi professor emérito da Universidade de Wisconsin, em Madison, EUA.

³⁶ Natalie Zemon Davis (1928-) é uma historiadora americana. Doutora pela Universidade de Michigan, EUA, Natalie Davis é especialista na história da França e também no estudo da Europa moderna. Atualmente, ela é professora de história na Universidade de Toronto, Canadá.

³⁷ No original: “The importance of considering available means of communication when thinking about historiography and the need to examine further the historical consequences of the utilization of movable type were both brought to my attention by this book”.

Robert K. Merton³⁸. Eisenstein escreveu uma carta a Merton dizendo que o título do livro dele, *On the shoulders of giants*³⁹ (Nos ombros de gigantes), publicado em 1965, poderia ser interpretado de maneiras diferentes por aqueles que viveram antes do advento da imprensa e por aqueles que viveram depois desse advento. Merton respondeu prontamente a Eisenstein dizendo que não havia pensado por esse ângulo. E, então, pediu que ela publicasse um relato completo expondo seus pontos de vista. Encorajada pelo conselho do sociólogo, Eisenstein escreveu um longo artigo, nomeado *Some conjectures about the impact of printing on western society and thought: a preliminary report*, publicado em 1968, pelo *Journal of Modern History*.

Eisenstein (1998, p.09) explica que esses artigos preliminares, publicados entre 1968 e 1971, serviram para “suscitar reações de estudiosos e colher benefícios de uma crítica informada”. Em um desses trabalhos iniciais, *The Advent of Printing in Current Historical Literature: Notes and Comments on an Elusive Transformation* (1970), ela analisa a então disponibilidade de trabalhos acadêmicos sobre o assunto dos efeitos de impressão nas grandes áreas de história e história social, argumentando que isso foi particularmente importante para o conhecimento histórico porque a maioria dos trabalhos publicados nessa área lançava mão de um único aspecto da cultura impressa: as sociedades que legaram esses registros escritos. Ou seja, para a maioria dos historiadores, mais importante do que estudar as particularidades dos registros escritos que a imprensa proporcionou, é estudar as sociedades que legaram esses registros.

Na entrevista publicada no livro *Agent of Change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein*, em 2007, a historiadora comenta que no início de suas publicações sobre a história da imprensa e do livro quase não houve comentários nem críticas por parte de outros estudiosos, com exceção de Theodore Rabb⁴⁰, que questionou a abordagem utilizada por ela em relação ao problema da Renascença, desenvolvido no artigo *The advent of printing and the problem of the Renaissance*, de 1969.

³⁸ Robert King Merton (1910-2003) foi um sociólogo americano. Foi professor na Universidade Columbia, Estados Unidos, durante muitos anos. Também foi considerado um teórico da comunicação de massa.

³⁹ O título do livro de Merton é, na verdade, o aforismo formulado por Isaac Newton: “Se me foi possível enxergar mais longe, foi por estar nos ombros de gigantes”. Engajado em desenvolver esse aforismo, Merton dedicou mais de vinte anos de sua vida neste estudo, publicando o livro em 1965.

⁴⁰ Segundo o site da Universidade de Princeton, EUA, Theodore Rabb é um historiador especializado no estudo da Europa Moderna. Desde 1970, ele é editor do *The Journal of Interdisciplinary History* e, atualmente, é professor emérito da Universidade de Princeton. O site encontra-se disponível em: http://www.princeton.edu/history/people/display_person.xml?netid=tkrabb.

De acordo com Eisenstein, o cenário de críticas mudou completamente após o lançamento do livro *The Printing Press as an Agent of Change* (A imprensa como um agente de mudança), em 1979. Disposta em dois volumes e com 750 páginas, esta foi, sem dúvida, a obra mais conhecida e discutida de Elizabeth Eisenstein. A historiadora conta que ficou surpresa com o número elevado de revistas que publicaram opiniões sobre o livro e com a variedade de especialistas que representaram essas publicações, entre eles, antropólogos, bibliotecários, comunicólogos, entre outros.

Eisenstein (2007) diz que em suas viagens aos mais diversos países, como conferencista convidada, ela pôde perceber a repercussão que o livro *The Printing Press as an Agent of Change* teve. Segundo ela, foi durante essas conferências que ela conheceu alguns colaboradores, como, por exemplo, Jean-Dominique Mellot e Tony Ballantyne, que contribuíram com a publicação de suas obras em outras línguas. Na verdade, o livro *The Printing Press as an Agent of Change* foi traduzido para o italiano e a versão abreviada dele, *The Printing Revolution in Early Modern Europe* foi traduzido para diversas línguas, tais como: francês, grego, japonês, português, polonês, entre outras.

Eisenstein (2007) também conta que durante o tempo que passou em Paris, entre o final da década de 1960 e início de 1970, como beneficiária do programa de intercâmbio do departamento da faculdade de História da Universidade de Michigan, EUA, e como membro da Sociedade de Estudos Históricos franceses ela fez amizade com muitos estudiosos franceses. Nessa época inclusive, mais precisamente em 1971, um de seus artigos preliminares sobre o estudo da imprensa, *L'avènement de l'imprimerie et la Réforme: Une nouvelle approche au problème du démembrement de la chrétienté occidentale* foi publicado na revista *Annales*. Esse artigo suscitou a curiosidade de muitos historiadores, inclusive a de Roger Chartier, que publicou o artigo, *L'ancien régime typographique: Réflexiones sur quelques travaux récents*, em 1981, em que discute as ideias propostas por Eisenstein.

Esse tempo que Eisenstein passou em Paris foi muito produtivo e enriquecedor para o seu trabalho. Além de ter sido professora visitante da *École Pratique des Hautes Études en Sciences Sociales*, ela conheceu Bruno Latour⁴¹, que foi o maior responsável

⁴¹ De acordo com o site **Bruno Latour** (grifo nosso), Latour (1947-) é um filósofo e antropólogo francês. Durante os anos de 1982 a 2006, ele foi professor na *École nationale supérieure des mines* de Paris e também foi professor visitante da Universidade da Califórnia em San Diego, nos Estados Unidos. Atualmente, é professor da *Sciences Po* em Paris, França. O site encontra-se disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/biography>.

por conseguir traduzir o livro *The Printing Revolution in Early Modern Europe* para o francês. Eisenstein (2007, p.413) diz: “meu tratamento das comunicações científicas chamou a atenção de Bruno Latour, cuja as controversas considerações do que ele chama de *immutable immobile*, originaram-se a partir da leitura do meu trabalho”⁴².

Na França, Eisenstein também contribuiu com a história do livro, campo de estudo que emergiu durante a década de 1970 a 1980, quando escreveu o artigo *Le livre et la culture savante*, publicado em 1982. De acordo com Cherry Williams (2004), nomes conhecidos no campo da História, como Roger Chartier, Robert Darnton, Anthony Grafton, entre outros, fazem parte do grupo de investigadores pertencentes a este novo campo. A história do livro não só reúne historiadores, como também literatos, bibliógrafos, entre outros. Esses pesquisadores colaboram com novas formas de pesquisa histórica. No texto *Analytical Intellectual Biography of Elizabeth L. Eisenstein*, Williams (2004, p.03-04) destaca a observação feita por David Finkelstein e Alistair McCleery, na qual eles dizem: “a história do livro surgiu como um campo de estudo em tempos relativamente recentes e alcança sua distinção tanto em relação a sua ênfase na cultura de impressão e do papel do livro como objeto material dentro dessa cultura”⁴³.

Eisenstein ainda contribuiu para a coleção de artigos de dois livros: *La révolution du journal: 1788-1794*, editado por Pierre Rétat, publicado em 1989, e o livro *The Press in French Revolution*, editado por Harvey Chisick, Ilana Zinguer e Ouzi Elyada, publicado em 1991. Para o primeiro livro ela escreveu o artigo *Le publiciste comme démagogue: La Sentinelle du peuple de Volney* e para o segundo ela contribuiu com o artigo *The Tribune of the people: A New Species of Demagogue*.

Quando voltou da França, Eisenstein foi chamada para trabalhar na Universidade de Michigan, localizada na cidade de Ann Arbor, EUA. Naquela época, o marido dela presidia o departamento de Física da *G.W. University*, em Washington D.C. A historiadora então se viu diante de um desafio. Ela não sabia como poderia tirar partido da oferta de Michigan sem abandonar sua família em Washington D.C. Eisenstein então tomou a decisão de elaborar uma rotina de deslocamento entre Washington e Ann Arbor, uma distância equivalente a 842 km, que seguiu de 1975, ano em que começou a

⁴² No original: “my treatment of scientific communications caught the attention of Bruno Latour, whose controversial account of what he calls ‘immutable immobiles’ originated from his reading of my work”.

⁴³ No original: “book history has emerged as a field of study in relatively recent times and achieves its relative distinctness from both its emphasis upon print culture and the role of the book as material object within that culture”.

lecionar na Universidade de Michigan, até 1988, ano em que se aposentou pela mesma universidade.

Em 1978, Eisenstein foi consultora residente⁴⁴ do *Center for the book*, da Biblioteca do Congresso, nos Estados Unidos. Esse centro foi criado por Daniel Boorstin em 1977, época em que o novo campo de estudo da história do livro ganhava força. Segundo o site *Library of Congress*⁴⁵, o objetivo do *Center for the book* era promover o interesse pelo livro, pela leitura e, principalmente, pelo estudo acadêmico do livro.

A historiadora também foi professora visitante do Wolfson College, faculdade constituinte da Universidade de Oxford, na Inglaterra e membro do Centro para Estudos Avançados na *Behavioral Sciences* (Palo Alto), entre 1981 e 1991. Eisenstein (2007) conta que todas essas experiências profissionais, nas diferentes instituições em que trabalhou, foram valiosas para o aprimoramento de sua pesquisa sobre a imprensa. Em cada uma dessas instituições, ela via a oportunidade de divulgar seu trabalho e ouvir as críticas em relação a ele. Ela diz:

A Universidade de Michigan, em Arbor, e a Fundação *John Guggenheim Memorial* ajudaram-me no início do trabalho. Terminei a obra durante meu estágio como *Fellow* no Centro de Estudos Avançados nas Ciências de Comportamento, em *Stanford*, onde contei com o apoio da *National Endowment for the Humanities* e da Fundação *Andrew W. Mellon* (EISENSTEIN, 1998, p.13).

Eisenstein recebeu vários prêmios e reconhecimentos. Em 1993, a *National Coalition of Independent Scholars*⁴⁶ (NCIS) criou o Prêmio Eisenstein (*Eisenstein Prize*), que é concedido a cada dois anos para os membros da organização que tenham produzido um trabalho com um foco independente. Este prêmio foi criado para homenagear Elizabeth Eisenstein, em reconhecimento ao apoio dado por ela para a NCIS. Em 2002, a historiadora recebeu o Prêmio da Associação Americana de História

⁴⁴ Segundo o Manual de Consultoria, escrito por Celestino Joanguete, consultor residente é aquele que se dedica totalmente a uma organização. Diferente do chamado consultor externo, que presta serviços ocasionais.

⁴⁵ O site encontra-se disponível em: <http://www.read.gov/cfb/>.

⁴⁶ A *Nacional Coalition of Independent Scholars* (NCIS), localizada na cidade de Jonesboro, Arkansas, Estados Unidos, foi formada em janeiro de 1989 para facilitar o trabalho de estudiosos independentes. Esses estudiosos conduzem a pesquisa acadêmica fora das universidades e da Academia tradicional. Desempenham um papel especialmente importante em áreas como história da arte e em outros campos das Ciências Humanas e Sociais. Atualmente a NCIS é presidida pela pesquisadora Lisa Perry.

para Distinção Escolar e, em 2004, a Universidade de Michigan atribuiu-lhe o grau honorário de Doutora em Humanidades.

Hoje, aos 89 anos de idade, Eisenstein é professora emérita da Universidade de Michigan, EUA. Apesar de ter se aposentado em 1988, ela não deixou de contribuir com a produção acadêmica. Escreveu, entre os anos de 1980 a 2010, vários artigos relacionados à imprensa e, em março de 2010, ministrou uma palestra na Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos, tratando do tema *Divine Art/Infernal Machine: Western Views of Printing Surveyed*. Nessa palestra Eisenstein aborda questões que posteriormente foram publicadas no livro *Divine art, infernal machine: the reception of printing in the West from first impressions to the sense of an ending*. Trata-se, na verdade, de uma nova discussão sobre a imprensa, na qual são analisados cinco séculos de cultura impressa ao invés de um, como foi analisado no livro lançado em 1979, *The Printing Press as an Agent of Change*. Nessa nova discussão sobre a imprensa, Eisenstein tenta explicar as ambivalências com relação à impressão e os impressores. Para isso, Ela utiliza duas gravuras estampadas no livro que representam o bem e o mal. A partir daí, ela desenvolve um estudo sobre o significado de cada personagem representado nas gravuras e a discussão gerada por essas representações.

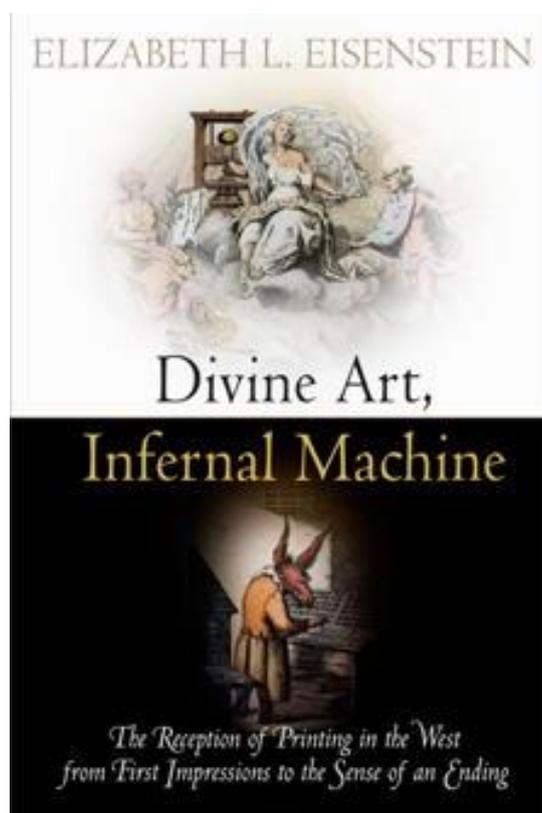


Figura 6. Capa do livro *Divine Art, Infernal Machine*. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 7. Elizabeth Eisenstein aos 89 anos de idade. Fonte: foto retirada do site Internationale Gutenberg-Gesellschaft.

1.2.1 Publicações de Eisenstein relacionadas à Comunicação

Ao final da dissertação, no Anexo I, transcrevemos a lista elaborada por Sabrina Baron, Eric Lindquist e Eleanor Shevlin, no livro publicado por eles em 2007, *Agent of change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein*, com as inúmeras publicações de Eisenstein, do início de sua carreira até o ano de 2005. Como esta lista não contém as obras mais recentes, incluímos as novas publicações na tabela que ilustra a produção de Eisenstein relacionada ao estudo da imprensa.

Título	Data de Publicação	Natureza
<i>Clio and Chronos an Essay on the Making and Breaking of History-Book Time</i>	1966	Artigo
<i>Some conjectures about the impact of printing on Western society and thought: A preliminary report</i>	1968	Artigo
<i>The Advent of Printing and the Problem of the Renaissance</i>	1969	Artigo
<i>The Advent of Printing in Current Historical Literature: Notes and Comments on an Elusive Transformation</i>	1970	Artigo
<i>The impact of printing on European education</i>	1970	Artigo
<i>The Advent of Printing and the Problem of the Renaissance: A Reply</i>	1971	Artigo
<i>L'avènement de l'imprimerie et la Réforme: Une nouvelle approche au problème du démembrement de la chrétienté occidentale</i>	1971	Artigo
<i>The Advent of Printing and the Protestant Revolt: A New Approach to the Disruption of Western Christendom</i>	1974	Artigo
<i>In the Wake of the Printing Press</i>	1978	Artigo
<i>The Printing Press as an Agent of Change</i>	1979	Livro
<i>The emergence of print culture in the West</i>	1980	Artigo
<i>From Scriptoria to Printing Shops: Evolution and Revolution in the Early Printed Book Trade</i>	1980	Artigo
<i>The Early Printer as a Renaissance Man</i>	1981	Artigo
<i>The Fifteenth Century Book Revolution: Some Causes and Consequences of the Advent of Printing in Western Europe</i>	1982	Artigo
<i>The printing revolution in early modern Europe</i>	1983	Livro
<i>On the Printing Press as an Agent of Change</i>	1985	Artigo
<i>La rivoluzione inavvertita: La stampa come fattore di mutamento</i>	1985	Livro
<i>L'invenzione della stampa: Il libro e la nuova circolazione delle idee</i>	1986	Artigo
<i>On Revolution and the Printed Word</i>	1986	Artigo
<i>Print Culture and Enlightenment Thought</i>	1986	Artigo
<i>La invención de la imprenta y la difusión del conocimiento científico</i>	1990	Artigo
<i>Grub Street Abroad: Aspects of the French Cosmopolitan Press from the Age of Louis XIV to the French Revolution</i>	1992	Livro
<i>The End of the Book? Some Perspectives on Media Change</i>	1995	Artigo

<i>Printing as Divine Art: Celebrating Western Technology in the Age of the Hand Press</i>	1996	Artigo
<i>From the Printed Word to the Moving Image</i>	1997	Artigo
<i>Gods, Devils, and Gutenberg: The Eighteenth Century Confronts the Printing Press</i>	1998	Artigo
<i>An Unacknowledged Revolution Revisited</i>	2002	Artigo
<i>An Unacknowledged Revolution Revisited: a Reply</i>	2002	Artigo
<i>Aspects of the Printing Revolution</i>	2005	Artigo
<i>Divine Art, Infernal Machine: The Reception of Printing in the West from First Impressions to the Sense of an Ending</i>	2011	Livro

Tabela 2. Publicações de Eisenstein relacionadas ao estudo da imprensa.

A divisão que fizemos deste capítulo em dois grandes blocos, Eisenstein e o estudo da história e Eisenstein e o estudo da comunicação, ajudaram-nos a entender com mais clareza o percurso traçado pela historiadora no campo da História, qual era o seu objeto de pesquisa e suas principais publicações, assim como compreender o momento em que surgiu o interesse pelo campo da Comunicação, o deslocamento do objeto de pesquisa e suas principais publicações. Aliás, a produção que ilustramos nas duas tabelas, tabela 1 e tabela 2, mostra-nos o elevado número de publicações relacionadas ao estudo da imprensa comparado ao que foi publicado sobre o estudo da Revolução Francesa e da história francesa do início do século XIX. O número contido na lista de publicações, disposta no Anexo I da dissertação, é ainda maior. Isso se tornou um desafio para nós, que tivemos que lidar com um grande volume de material bibliográfico. Nem todos os títulos que expusemos nas tabelas e na lista foram lidos. Como dissemos na introdução, quando voltamos nosso foco para as publicações de Eisenstein sobre a imprensa, percebemos que houve quase duas décadas, de 1964 a 1979, de produção intensa sobre o assunto e que, logo depois de 1979, os críticos e comentadores também produziram muitos textos que seguiram com o debate proposto pela historiadora. Portanto, não temos como definir exatamente o período com o qual trabalhamos. O que podemos dizer que é damos prioridade à leitura dos textos publicados entre 1964, ano em que Eisenstein iniciou seus estudos sobre a imprensa, e 1979, ano em que ela lançou seu livro mais polêmico, *The printing press as an agent of change*.

Essa reconstrução biográfica e profissional que fizemos, por mais que inicialmente pareça um tanto quanto descritiva, ajudaram a visualizar o contexto no qual Eisenstein estava inserida. E esse contexto refletiu diretamente na formação do

pensamento dessa historiadora. Os locais em que ela esteve, os pesquisadores que conheceu, os artigos publicados e os comentários que ouviu influenciaram no resultado de sua pesquisa. Naturalmente, as argumentações utilizadas por ela no início de seu estudo sobre a imprensa foram remodeladas e reconsideradas ao longo do tempo. Neste primeiro capítulo, buscamos resgatar esses lugares, esses pesquisadores e essas publicações, que serão retomadas ao longo da dissertação.

O capítulo seguinte procura compreender quais foram os elementos da História utilizados por Eisenstein para estudar os efeitos da imprensa. Apresentaremos três das principais características observadas por Eisenstein sobre a imprensa, são elas: a cultura impressa disseminada, a padronização e reorganização dos textos e a preservação do conhecimento.

2. Uma perspectiva histórica da imprensa

Interessada pelo estudo das “consequências da mudança nas comunicações no século XV” (EISENSTEIN, 1998, p.09), Eisenstein elaborou uma pesquisa na qual se dedicou durante quinze anos. Ela traçou um percurso de estudo que começa com a transição da era manuscrita para a impressa, passa pelas principais características dessa cultura e termina com a discussão do impacto dessa invenção nos movimentos culturais e intelectuais da Renascença, da Reforma Protestante e da Ciência Moderna.

Para tentarmos entender os elementos da História utilizados por Eisenstein para estudar os efeitos da imprensa, optamos pelo uso do livro lançado em 1979. Fizemos isso porque verificamos que as discussões travadas nos artigos publicados entre 1968 e 1978 estão contidas, de forma organizada e sequencial, no livro *The Printing Press as an Agent of Change*.

Ao escrever esse livro, Eisenstein concentra seu problema de pesquisa na tentativa de entender “quais foram algumas das mais importantes consequências da mudança do texto manuscrito para o impresso” (EISENSTEIN, 1998, p.09). Ela comenta que a escolha pelo estudo dessa transição não foi uma tarefa fácil porque na época não existia uma ampla bibliografia sobre o assunto. O que se encontrava, na verdade, era uma vasta literatura sobre a história da imprensa e do livro. “Muito desses estudos trabalhavam com a diferença entre as mentalidades moldadas pela dependência da palavra falada em oposição à escrita” (EISENSTEIN, 1997, 142)⁴⁷. De acordo com Eisenstein, é mais fácil para nós visualizarmos o abismo existente entre a cultura oral e escrita do que entre a cultura manuscrita e impressa. Isso porque, segundo ela, ainda podemos dimensionar essa experiência da tradição oral por meio do “conhecimento superficial das descobertas de antropólogos ou observações informais de crianças” (EISENSTEIN, 1997, 142)⁴⁸. Diferente da dificuldade de se reproduzir a “experiência vivida pelas elites letradas, que dependiam exclusivamente dos textos copiados a mão” (EISENSTEIN, 1997, 142)⁴⁹. Ou seja, nos dias de hoje, é difícil dimensionar as

⁴⁷ No original: “(...), varios estudios han aclarado la diferencia entre las mentalidades moldeadas por la dependencia de la palabra hablada como opuesta a la escrita”.

⁴⁸ No original: “conocimiento superficial de los hallazgos de los antropólogos o las observaciones informales de los niños”.

⁴⁹ No original: “(...) experiencia de las élites letradas que dependían exclusivamente de los textos copiados a mano”.

dificuldades com as quais os estudiosos escribas⁵⁰ tiveram que lidar com a ausência de recursos textuais, como a utilização de mapas, referências bibliográficas, entre outros, tão corriqueiros para nós.

Eisenstein utiliza constantemente a comparação entre a era manuscrita e a era impressa para tornar visíveis as modificações trazidas pela imprensa. Ou seja, ela parte da análise da era dos escribas para explicar as mudanças decorrentes dessa transição manuscrito - impresso. Como ela mesma disse (1998, p.20), “A fim de podermos avaliar as mudanças ocasionadas pela imprensa, por exemplo, é necessário examinar as condições que existiam antes de seu advento”.

Outro esclarecimento importante sobre o trabalho dessa historiadora é o de que ela não estuda o impacto da imprensa na cultura popular e, sim, na cultura da elite letrada. A escolha deste grupo tornou-se mais apropriada para a pesquisa de Eisenstein por ser menor, em termos numéricos. Trabalhar com os grupos já então alfabetizados livrou Eisenstein da incerteza de dimensionar e avaliar povos esparsos e inumeráveis. Segundo ela,

Quando a atenção se concentra nos grupos já então alfabetizados, torna-se claro que sua composição social requer maior reflexão. Terá a imprensa inicialmente servido ao clero e ao patriciado, como uma “arte divina”?, ou deveríamos antes imaginá-la como “amiga do pobre”? Ela foi descrita dos dois modos pelos contemporâneos, e provavelmente teve as duas funções. (EISENSTEIN, 1998, p.47).

O último ponto destacado por Eisenstein diz respeito ao pouco enfoque dado, por parte dos historiadores, à ascensão dos intelectuais como uma classe social distinta. Conforme ela diz, a maioria dos historiadores considera mais importante estudar as sociedades que legaram os registros impressos do que estudar as particularidades desses registros. Quando eles se detêm na pesquisa sobre a história da escrita, centram-se, muitas vezes, no estudo da cultura oral para a cultura escrita. E quando se atentam aos efeitos da imprensa, dão um grande salto da cultura popular oral para a que resulta do advento da imprensa, deixando à margem aspectos importantes da cultura manuscrita.

Existem muitos aspectos a serem discutidos sobre o advento da imprensa, mas, para alcançar o objetivo dessa dissertação, limitar-nos-emos a ressaltar aqueles listados por Elizabeth Eisenstein como os mais importantes: a cultura impressa disseminada, a padronização e reorganização dos textos e a preservação do conhecimento. No primeiro

⁵⁰ Os escribas eram aqueles profissionais da Antiguidade responsáveis por escrever à mão aquilo que fosse ditado por outra pessoa.

momento, apresentaremos as considerações feitas por Eisenstein em relação a esses aspectos e, em seguida, discutiremos os efeitos dessa mudança no sistema de comunicação em cada um dos movimentos culturais e intelectuais destacados por ela.

A historiadora não se prende a explicar os mecanismos de funcionamento de uma oficina impressora, mas ela destaca o fato dos impressores terem sido os primeiros a sentir o efeito do crescente acesso aos livros. Segundo Eisenstein (1998, p.23), “Impõe-se dar maior ênfase ao marcante acréscimo havido na produção de livros e à redução drástica conseguida no número de homens-horas necessários para fabricá-los”. O advento da imprensa viabilizou a reprodução mais rápida e eficiente de livros. O aumento nessa produção e, conseqüentemente, a quantidade de obras disponíveis para os leitores possibilitou a consulta e comparação entre diferentes textos. A relação entre mestre e aluno modificou-se por conta disso. O aluno poderia consultar vários livros para obter conhecimento ou sanar suas dúvidas sobre determinado assunto. Ele já não precisava mais transcrever manualmente os textos que pertenciam ao professor. No início do século XV, eram os mestres que detinham os raros exemplares dos livros manuscritos. “Com o advento da imprensa, os alunos passaram rapidamente a poder conquistar maestria por si próprios” (EISENSTEIN, 1998, p.50).

A imprensa também proporcionou novas formas de trocas interculturais. Essa relação na época dos escribas era inimaginável, uma vez que os livros manuscritos possuíam números reduzidos de exemplares e pertenciam aos grupos elitizados, monges e autoridades. A diversidade de costumes e culturas existentes entre os povos foi transmitida por meio das mais variadas publicações impressas. Segundo Eisenstein, durante o século XVI foram produzidos livros que ilustravam os trajes regionais utilizados em diversos países do mundo, isso despertou não só o interesse dos artistas e gravadores pelo estudo da moda como também estimulou entre os leitores os estereótipos das vestimentas de cada região.

Com a crescente disseminação dos livros impressos, os idiomas na Europa também se fortaleceram. O aumento na produção e circulação de materiais impressos trouxe a possibilidade dos domínios literários serem reforçados entre os grupos locais e divulgados para diversas regiões. Isso levou à preservação das diferentes línguas vernáculas, à extinção daquelas que não eram fortalecidas pela imprensa e à consolidação das principais línguas utilizadas na Europa. Segundo Eisenstein (1998, p.98), “A tipografia não só deteve-se a deriva linguística como enriqueceu e padronizou

as línguas nacionais, preparando desse modo o caminho para as etapas de mais consciente purificação e codificação de todas as principais línguas europeias”.

Antes de falarmos sobre o segundo aspecto tratado por Eisenstein, a padronização e reorganização dos textos, é importante esclarecer que no início dessa inovação comunicacional os impressores esforçavam-se por imitar o aspecto da página manuscrita. A preocupação deles era de conseguir publicar edições tão luxuosas quanto as obras caligrafadas. Por isso, os primeiros registros impressos pareciam mais um prolongamento da escrita manual do que propriamente uma nova era da escrita. Para Clay Shirky (2009, p.5), professor adjunto na Universidade de Nova York, Estados Unidos, “A importância de um dado experimento não é aparente no momento em que aparece; as grandes mudanças param, as pequenas, se espalham”.

A historiadora também comenta que no início do surgimento da imprensa alguns comerciantes resistiram à venda de livros impressos porque não acreditavam que esse novo mercado seria um negócio lucrativo. Esses livreiros que optaram por continuar apenas com os manuscritos não sobreviveram ao final do século XV. Em pouco tempo, os pontos de distribuição dos livros impressos prosperaram por toda a Europa.

Voltando à discussão sobre a padronização e reorganização dos textos, Eisenstein explica que os impressores e editores começaram a se preocupar com a clareza e lógica de organização das ideias contidas nos textos e na estrutura final dos livros, elaborando índices mais organizados, páginas regularmente numeradas, divisões de seções e criando as páginas de rosto. A padronização contribuiu não só com a melhoria na qualidade das obras, como, também, permitiu que o público leitor identificasse os erros contidos nos textos. Com isso, a tarefa de revisão não mais se restringia aos copistas da era manuscrita, mas sim, ao próprio público. “O próprio ato de publicar erratas já demonstrava uma capacidade nova de localizar erros textuais com precisão e transmitir essa informação simultaneamente a leitores esparsos” (EISENSTEIN, 1998, p.67).

Eisenstein destaca outro ponto importante no que se refere à melhoria no formato e organização dos livros. Ela diz que:

As decisões editoriais tomadas pelos primeiros impressores, no que diz respeito à apresentação e layout, muito provavelmente contribuíram para reorganizar o modo de pensar dos leitores. A sugestão de McLuhan, de que a varredura de linhas impressas afetou os processos de pensamento, é, à primeira vista, um tanto estranha. Uma reflexão mais detida, contudo, sugere que os pensamentos dos leitores

são guiados pelo modo como estão ordenadas e apresentadas as matérias contidas nos livros. Mudanças básicas no formato de um livro bem poderiam conduzir a mudanças nos padrões de pensamento (EISENSTEIN, 1998, p.80).

Essas mudanças nos padrões de pensamento, citadas pela historiadora, que consistem tanto na capacidade do público leitor em manipular e perceber fenômenos variados quanto na possibilidade de meditar sobre os mesmos, remetem-se ao terceiro aspecto discutido por ela: a preservação do conhecimento. “De todas as novas características trazidas pela capacidade de duplicação própria da imprensa, a de preservação é possivelmente a mais importante” (EISENSTEIN, 1998, p.95). Essa mesma passagem é utilizada no artigo “McLuhan, Eisenstein e Johns”, de Márcio Souza Gonçalves, para destacar outras implicações desencadeadas pela preservação do conhecimento. Para Gonçalves (2009, p.04), “a preservação não está relacionada somente à identidade do texto em si, – com a imprensa, as cópias produzidas de um determinado livro mantinham a identidade do texto original – mas também a do conhecimento”. Ou seja, podemos observar que ao longo do século XV e XVI a imprensa impulsionou a formação da “indústria do conhecimento, com suas bibliografias em contínua expansão, sua pressão constante por mais instalações para as bibliotecas e mais espaço nas estantes” (EISENSTEIN, 1998, p.98).

As questões conduzidas por Eisenstein sobre as características da cultura impressa e as transformações decorrentes deste advento reforçam sua ligação com o estudo dos meios de comunicação. Elas também intensificam a ideia de que “o meio media as relações entre os homens e entre o homem e o meio-ambiente sem ser percebido, mas transformando toda a predisposição original de se comunicar e perceber o mundo” (MCLUHAN, 1964, p.). Desenvolveremos as questões concernentes ao estudo dos meios de comunicação no nosso próximo capítulo, que pretende compreender a relação de Eisenstein com o estudo que envolve os meios de comunicação e seus principais autores.

Iniciaremos o terceiro capítulo com um comentário de McLuhan em relação aos historiadores.

3. O estudo dos meios: principais conceitos e autores

Ao escrever o prólogo do livro “A galáxia de Gutenberg”, McLuhan comenta que os historiadores se omitem quanto ao estudo da revolução nas formas de pensamento e organização social resultantes do alfabeto fonético, aplicando-se também ao estudo da imprensa. Essas considerações feitas por ele são retomadas no primeiro capítulo do livro *The printing press as an agent of change*, onde Eisenstein questiona como é possível não se desenvolver um olhar mais apurado sobre a invenção da escrita impressa se ela mesma constitui uma premissa básica para os estudos desenvolvidos pelos historiadores e é, também, um marco na história da humanidade. Ela relata a dificuldade que seus colegas historiadores têm em direcionar um novo olhar para as características atreladas aos textos impressos. Ou melhor dizendo, um olhar diferente daquele que habitualmente se constrói e que se limita, na maioria das vezes, ao das “sociedades que legaram registros escritos” (EISENSTEIN, 1998, p.10), sem a preocupação de entender as modificações sofridas na organização social por conta desses registros. Também pontua que a resistência desses outros historiadores em tocar no tema dos sistemas de comunicação limita-os a um único campo de estudo. Dificultando o próprio entendimento sobre a invenção da escrita impressa.

E aí nos perguntamos: que novo olhar é esse ao qual Eisenstein se refere e McLuhan considera não haver entre os estudos desenvolvidos pelos historiadores? E a resposta nos parece clara, embora não seja simples: é o olhar da imprensa como meio de comunicação. É entender que ao ampliar o estudo da cultura impressa para além do olhar habitual de historiador, constrói-se uma relação inusitada e mais refinada com o objeto de estudo. Segundo Elizabeth Eisenstein (1998, p.13), “Deixar de consignar inovações significativas também pode distorcer perspectivas. (...) o prolongado desprezo de uma mudança nas comunicações levou ao estabelecimento de perspectivas cada vez mais distorcidas, com o correr do tempo”.

Em um artigo intitulado “Contribuições para o estudo dos meios de comunicação”, escrito para a revista *Famecos*, o pesquisador Luiz Cláudio Martino⁵¹

⁵¹ Luiz Cláudio Martino possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989), mestrado em Escola de Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992), mestrado em Psicologia pela Fundação Getúlio Vargas e Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992), mestrado em DEA En Sciences Sociales Cultures et Comportaments - Universite de Paris V (Rene

(2000, p.108) esclarece que “pela própria natureza da atividade que lhes compete, a definição de um meio de comunicação reclama que nós o situemos em relação ao papel que ele desempenha na organização social”. Ou seja, Martino nos diz que é preciso levar em conta a análise dos novos sentidos dos processos comunicacionais na nova organização coletiva, sociedade, e em sua utilização dentro dessa nova prática social. A televisão, por exemplo, consagrou-se na história da comunicação. Desde sua invenção, no início do século XX, ela se tornou uma das mais importantes fontes de informação, opinião e entretenimento. Em frente à TV, pode-se assistir confortavelmente a noticiários, novelas, peças de teatro ou partidas de futebol. Da mesma forma, é possível acompanhar guerras, desastres e outros eventos de importância mundial sem sair de casa. Portanto, se avaliarmos este aparato eletrônico como um meio de comunicação, perceberemos suas potencialidades como um agente transformador. Mas, além disso, a TV traz uma experiência diferente com o conhecimento e com a percepção do tempo e do espaço.

Falando em termos técnicos, poderíamos dizer que os programas televisivos consistem em sinais eletrônicos convertidos em som e imagem pelo aparelho de TV. Dessa forma, os meios são tratados como simples máquinas ou suportes capazes de transmitir informação. Sendo assim, seus efeitos sobre a sociedade não serão facilmente percebidos e seu estudo se voltará a outros campos de conhecimento diferentes da Comunicação, como a Engenharia, por exemplo.

Verificamos também que os estudos sobre os efeitos dos meios de comunicação de massa⁵², desde algum tempo, fazem-se presentes na história das pesquisas em Comunicação. Só que na verdade, como nos diz a professora Janara Sousa⁵³, a preocupação girava em torno da possibilidade de prever e controlar a influência desses meios, muitas vezes estimulada por interesses políticos ou econômicos. De acordo com o professor Martino, se retomarmos as tradições de pesquisa que se inscrevem dentro do conjunto dos estudos da comunicação de massa, veremos que em nenhuma das linhas de pesquisa, classificadas por Jensen e Rosengren (apud MARTINO, 2000, p.104) em

Descartes) (1993) e doutorado em Sociologia - Université de Paris V (Rene Descartes) (1997). Atualmente é professor titular da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília.

⁵² Segundo Elihu Katz (apud SOUSA, 2003, p.30), “a pesquisa empírica sobre as comunicações de massa tradicionalmente se divide em três domínios: estudo de públicos, estudo de conteúdo, estudos de efeitos. Esta divisão valoriza de fato os estudos dos efeitos”.

⁵³ Janara Sousa é jornalista e mestre em Comunicação, pela Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília (UnB), Distrito Federal. Fez doutorado em Sociologia, também pela UnB, e estágio sanduíche na Universitat de Barcelona, Espanha. Atualmente, é professora-adjunta do curso de Comunicação Organizacional, da Faculdade de Comunicação, da UnB.

pesquisas sobre os efeitos; pesquisas sobre os Usos e Gratificações; análise literária; estudos sobre as condições de recepção e as abordagens culturalistas, os meios de comunicação e sua relação com a sociedade ganham destaque. Compreendemos, portanto, que para os estudiosos da comunicação os meios reduzem-se à função de meros transmissores da informação.

Ao longo das leituras que fizemos, percebemos que Martino destaca em um de seus textos o duplo problema concernente ao estudo dos meios de comunicação pelas diversas correntes de pesquisa. Ele observa que o estudo desses meios ou é tratado pelos pesquisadores como “uma relação de oposição entre sociedade e meios de comunicação, ou é visto como determinante da vida social, excluindo-se, dessa forma, determinações de outras atividades mais significativas (economia, política, movimentos culturais, etc.)” (MARTINO, 2000, p.106).

Trazendo essas reflexões para o estudo desenvolvido por Eisenstein, percebemos que a primeira colocação, feita pelo professor Martino, leva-nos a interpretar a visão que muitos estudiosos têm em relação às inovações tecnológicas, especialmente os historiadores. Eles acreditam que mais importante do que o conhecimento sobre as mudanças sociais e culturais ocasionadas pelos meios de comunicação seria o estudo dessas sociedades, deixando à margem as pesquisas sobre os meios.

Já a segunda colocação nos revela o que pode acontecer com a maioria dos estudiosos que dão ênfase aos meios de comunicação em suas pesquisas. Eles são, muitas vezes, considerados deterministas. Isso, por exemplo, aconteceu com Eisenstein, que por diversas vezes foi acusada por outros estudiosos, principalmente pelos historiadores, de ser determinista. O que causou certo incômodo a ela, que justificou diversas vezes em entrevistas e em seus textos que não deveria ser vista dessa maneira.

Tentando esquivar-se dessas críticas, a historiadora esclarece que a ênfase dada por ela em relação à imprensa como um meio de comunicação não deveria ser confundida ou interpretada como determinismo tecnológico⁵⁴. Eisenstein (1998, p.12) diz: “o próprio título do livro “A imprensa como um agente de mudança”, lançado em 1979, indica a imprensa como *um* agente de mudança, e não como *o* agente – e muito menos como o *único* agente – de mudanças na Europa Ocidental”. A historiadora reconhece que ao estudar os efeitos causados por uma determinada inovação tecnológica corre-se o risco do trabalho ser interpretado como uma tendência ao

⁵⁴ O determinismo tecnológico pode ser entendido como a afirmação de que a tecnologia causa ou determina a estrutura do resto da sociedade e da cultura (DUSEK, 2008, p.117).

reducionismo. Mas ela (1998, p.12) considera que “Na qualidade de *um* agente de mudanças, a imprensa (...) merece atenção especial porque gerou resultados especiais”. Eisenstein parece querer se antecipar às críticas sobre determinismo, talvez por ter visto isso acontecer com Marshall McLuhan. Apesar de não querer ser vista como uma determinista tecnológica, a historiadora não esconde seu interesse e otimismo em relação aos efeitos produzidos pelo meio de comunicação do século XV. Segundo ela (1998, p.298), “Não se pode tratar a imprensa como um mero elemento dentre muitos outros de uma complexa conexão causal, visto que a mudança nas comunicações transformou a própria natureza desse nexos causal”.

Para além do debate do determinismo, os estudos que dão centralidade aos meios de comunicação se consolidaram como uma tradição de pesquisa importante. Acreditamos que Joshua Meyrowitz⁵⁵ foi um estudioso que se destacou na tentativa de compreender melhor a corrente teórica que se formava com o estudo dos meios. Ele designou essa corrente teórica de Teoria do Meio. Meyrowitz (1994, p.50) explica que, de um modo geral, essa teoria centra-se em duas perguntas principais: “quais são as características relativamente fixas de cada meio de comunicação e como estas características tornam o meio físico, psicológico e socialmente diferente de outros meios e da interação face a face?”⁵⁶. Ele esclarece que as questões referentes a essa tradição de pesquisa não se encerram nessas duas perguntas. Pelo contrário, elas servem de alavanca para tantos outros mais questionamentos sobre as variáveis existentes no estudo dos meios.

Mesmo reconhecendo a importância dos estudos dos conteúdos das mensagens veiculadas pelos meios, Meyrowitz considera que esses estudos não esgotam o universo de possibilidades que o estudo dos meios de comunicação, em si, nos proporciona. Segundo ele (1994, p.50), “Muitos estudiosos, principalmente dos campos da Comunicação, da Sociologia e da psicologia estão tentando nos chamar atenção para o potencial de influência das tecnologias da comunicação”⁵⁷.

Meyrowitz explica que a Teoria do Meio surge em 1950, com o desenvolvimento dos estudos de Harold Adams Innis (1894-1952) sobre o impacto dos

⁵⁵ Joshua Meyrowitz é professor do Departamento de Comunicação, da Universidade de New Hampshire, nos Estados Unidos. Em 1985, escreveu o livro *No Sense of Place – The impact of Electronic Media on Social Behavior* que é, sem dúvida, um marco nos estudos da Teoria do Meio.

⁵⁶ No original: “*What are the relatively fixed features of each means of communicating and how do these features make the medium physically, psychologically, and socially different from other media and from face to face interaction?*”

⁵⁷ No original: “*A handful of scholars - mostly from fields other than communication, sociology and psychology - have tried to call attention to the potential influences of communication technologies*”.

meios de comunicação no sistema de organização político, econômico, cultural e histórico das sociedades antiga e moderna. Innis observou que a utilização apropriada dos aportes comunicacionais disponíveis na época poderia beneficiar o desenvolvimento e a conservação dos impérios⁵⁸ ao longo do tempo. Segundo ele, “a suspensão do fornecimento de papiro desarticulou o sistema administrativo e causou a derrocada do Império Romano. (...) Ou seja, uma mudança no sistema comunicacional não é nula, ela tem repercussões e afeta outros setores e o Império como um todo” (INNIS, 2011, p.18-19).

Innis, embora não pertencente ao campo da Comunicação, no que se refere à formação acadêmica, abriu caminho para um debate valioso em nosso campo. Na verdade, ele foi o primeiro a considerar o alfabeto como agente transformador de culturas e a “perceber que o processo de mudança estava implícito nas formas da tecnologia dos meios de comunicação” (MCLUHAN, 1972, p.72). Grande parte de sua carreira profissional foi dedicada ao Departamento de Economia Política da Universidade de Toronto, Canadá. Somente nos últimos dez anos de vida (1940-1950) foi que ele resolveu destinar seus estudos a assuntos relativos à comunicação. O autor se propôs a um estudo ambicioso que contemplava “uma visão de longa duração da história na busca de estabelecer um contraste com outros sistemas de comunicação e assim entender melhor o atual” (INNIS, 2011, p.12). Ele percebeu o quanto a perspectiva da análise dos meios de comunicação e as formas de organização social estavam irremediavelmente ligadas entre si.

A obra *Empire of Communications* é uma compilação das palestras publicadas em 1950 e o livro *The Bias of Communication*, publicado em 1951, reúne todos os discursos apresentados entre o período de 1945-1950. Essas duas obras são resultado das palestras e discursos proferidos entre as décadas de 1940-1950. O último livro escrito por Innis foi *Changing Concepts of Time*, publicado na década de 50, mais precisamente em 1952, trata-se de um livro póstumo.

Como dito anteriormente, o trabalho de Harold Innis foi o primeiro a discutir as implicações da inserção de um novo meio de comunicação nas sociedades. E, portanto, definiu as bases do que seria chamado por Meyrowitz de Teoria do Meio. Essa corrente teórica ganhou mais destaque e repercussão com as argumentações de um autor conhecido no campo da Comunicação: Herbert Marshall McLuhan.

⁵⁸ Os impérios aqui mencionados, antigos e modernos, são definidos como “compostos de uma área central, com um intenso centro de influência, e territórios periféricos ligados a ele” (INNIS, 2011, p.51).

Marshall McLuhan (1911-1980) ficou internacionalmente conhecido por ter propagado o debate sobre os meios de comunicação. Ele foi professor de literatura em diversas universidades norte-americanas e publicou várias obras relacionadas ao estudo dos meios eletrônicos e suas relações com a sociedade. Entre suas obras mais conhecidas, publicadas na década de 60 e 70, estão: *The Gutenberg galaxy: the making of typographic man* (A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico) publicada em 1962; *Understanding media: the extensions of man* (Os meios de comunicação como extensões do homem), publicada em 1964 e *The Medium is the Massage* (O meio é a mensagem), publicada em 1967.

McLuhan observou que para cada meio de comunicação que se fez presente nos diferentes períodos históricos, as reações e percepções diante deles também foram as mais diversas. E que cada um desses meios exigia a utilização de diferentes sentidos do corpo humano. “Por exemplo, a escrita trouxe consigo o mundo visual, o rádio o mundo auditivo e a era elétrica o mundo” (SOUSA, 2003, p.54). Uma das obras do autor, “Os meios de comunicação como extensão do homem”, mostra um panorama de como as tecnologias levaram o homem do mundo tipográfico, da Primeira Revolução Industrial, para o mundo da Segunda Revolução Industrial, a Era Eletrônica.

Em seu mais consagrado aforismo “o meio é a mensagem”, McLuhan esclarece que a mensagem mais importante que os meios de comunicação podem transmitir é, sem dúvida, a tempestade de transformações que eles provocam em todos os setores de nossas vidas. Segundo o professor canadense, o significado cultural dos media não reside no seu conteúdo, mas no modo como altera a nossa percepção do mundo.

De acordo com Meyrowitz, além de Innis e McLuhan, Walter Ong, Jack Goody e Ian Watt, Alexander. R. Luria, Henry J. Chaytor, John C. Carothers, Eric Havelock, Edmund Carpenter, Tony Schiwatz, Daniel Boorstin e Elizabeth Eisenstein são os principais autores da primeira geração da Teoria do Meio. Esses teóricos observaram as diversas tecnologias comunicacionais existentes ao longo da história da humanidade e nos deram uma dimensão das diferentes formas de organização que se estabeleceram entre essas sociedades. Como diz Meyrowitz, os estudos desenvolvidos por esses autores atuam no nível macro, ou seja, onde as “questões abordadas dizem respeito às formas nas quais a adoção de um novo meio podem alterar as interações sociais e da estrutura social em geral” (MEYROWITZ, 1994, p.51)⁵⁹. Apesar desses

⁵⁹ No original: “On the macro level, medium questions address the ways in which the addition of a new medium to an existing matrix of media may alter social interactions and social structure in general”.

estudiosos trabalharem com a influência dos meios de comunicação nas instituições, pouco foi dito a respeito da influência desses meios no cotidiano dos indivíduos.

Segundo Meyrowitz (1994), a segunda geração da Teoria do Meio, que traz elementos característicos da primeira, vem justamente destacar o estudo dos meios de comunicação no nível microssocial. Nesse nível, “o que se questiona é como a escolha de um meio, em detrimento de outro, afeta uma situação ou interação particular” (MEYROWITZ, 1994, p.51)⁶⁰. Essa segunda geração tem como principal teórico o próprio Joshua Meyrowitz. De acordo com Janara Sousa (2003, p.88), “A proposta de Meyrowitz é sanar alguns dos problemas da primeira geração pesquisando sobre como os nossos papéis sociais se modificam e misturam por causa dos meios de comunicação eletrônicos, em especial, a televisão”. Esse autor, na década de 80, busca aproximar a Teoria do Meio ao cotidiano do homem comum. Para isso, ele une essa teoria aos estudos desenvolvidos por Erving Goffman sobre o Interacionismo Simbólico⁶¹.

Apesar das críticas feitas por outros estudiosos em relação ao pouco aporte teórico e metodológico aplicados ao estudo de McLuhan, Janara Sousa (2003) diz que a Teoria do Meio é clara e pertinente no que se refere ao seu objeto de estudo, os meios de comunicação. Segundo ela, essa tradição de pesquisa está alcançando legitimidade devido ao interesse de outros pesquisadores na continuidade desses estudos. E considera que:

Provavelmente, a Teoria do Meio não teria sobrevivido se os autores como Meyrowitz, Walter Ong, Elizabeth Eisenstein e outros não tivessem se incumbido de ampliar e consolidar as considerações e especulações propostas por Innis e McLuhan, mesmo, sem a intenção expressa de fazê-lo (SOUSA, 2003, p.56).

Como veremos adiante, Joshua Meyrowitz não foi o único a se preocupar com o lugar de fala dos autores que destinaram suas pesquisas para a compreensão das mudanças ocasionadas pelos meios de comunicação na organização social e no pensamento humano. Derrick de Kerckhove⁶² foi outro pesquisador a querer fixar este

⁶⁰ No original: “(...) *medium questions ask how the choice of one medium over another affects a particular situation or interaction*”.

⁶¹ O conceito de Interacionismo Simbólico foi criado por George Mead, da Escola de Chicago, em 1937. Mas o canadense Erving Goffman (1922-1983) também se apropriou deste conceito, buscando questionar sobre as situações que um cidadão comum passa (SOUSA, 2003, p.43).

⁶² Derrick de Kerckhove (1944-) é doutor em Filosofia e em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de Toronto, Canadá e também doutor em Sociologia da Arte pela Universidade de Tours, França. Atualmente é professor na Faculdade de Sociologia da Universidade de Nápoles Federico II, Itália.

lugar de fala e que propôs uma nomenclatura distinta, conhecida como Escola de Comunicação de Toronto.

Diretor do Programa McLuhan em Cultura e Tecnologia, Kerckhove acredita que Innis, Havelock e McLuhan, além de estarem intimamente ligados ao pensamento de “que os sistemas de comunicação criam ‘estados’ psicológicos e sociais” (KERCKHOVE, 1989, p.73)⁶³, também “têm em comum o fato de terem explorado diferentes implicações do antigo alfabeto grego para apoiar suas abordagens teóricas” (KERCKHOVE, 1989, p.73)⁶⁴. Esses autores, segundo argumentação de Kerckhove, são unânimes em considerar a escrita, surgida na Grécia, um marco na história da evolução da humanidade. Uma frase escrita por Jack Goody⁶⁵ e Ian Watt⁶⁶, no texto “As consequências do letramento”, reitera a opinião desses autores a respeito da diferenciação do alfabeto grego em relação a outras formas de escrita. Segundo eles (2006, p.31), “O alfabeto torna possível ler e escrever facilmente e sem qualquer ambiguidade todas as coisas sobre as quais a sociedade possa falar”. Partindo desse posicionamento, Innis, Havelock e McLuhan direcionam suas discussões para as perceptíveis alterações ocasionadas pelo fim da tradição oral e início da escrita alfabética, evidenciando suas principais diferenças e trazendo novas discussões. A reflexão sobre o trabalho realizado por eles revela não só um debate instigante sobre a relação entre meio de comunicação e sociedade, como também traz descobertas interessantes sobre os caminhos adotados por cada um.

Segundo Kerckhove (1989, p.74), “a ideia de promover a noção de uma escola ajudaria as pessoas dentro e fora da comunidade universitária a compreender que McLuhan não foi somente um ‘cometa intelectual’, um excêntrico do mundo acadêmico”⁶⁷. Ele acreditava que não só as ideias de McLuhan, mas também as de Innis e Havelock seriam bem compreendidas pelos acadêmicos e por outras pessoas se

⁶³ No original: “*that communication systems create definite psychological and social 'states'*”.

⁶⁴ No original: “*The most significant common thread was that all three had explored different implications of ancient Greek literacy to support their theoretical approach*”.

⁶⁵ Jack Goody (1918) é professor emérito de antropologia social da Universidade de Cambridge, nos EUA, e *fellow* do *St. John's College* desde 1961. Entre suas obras mais significativas estão: *Alfabetização nas sociedades tradicionais* (1968); *A domesticação do pensamento selvagem* (1977); *Lógica da escrita e a organização da sociedade* (1986); *A família europeia: um ensaio histórico-antropológico* (2000) e *O Islã na Europa* (2004).

⁶⁶ Ian Watt (1917-1999) foi crítico literário e especialista em história da literatura. Foi professor emérito de inglês da Universidade de Stanford e sua obra *A ascensão do romance: Defoe, Richardson e Fielding* (1957) é um importante trabalho na história desse gênero.

⁶⁷ No original: “*I felt that promoting the notion of a school would help people within and without the university community to understand that McLuhan was not just an ‘intellectual comet’, an oddball of the academic world*”.

estivessem dentro de um contexto mais amplo de uma preocupação com os efeitos dos meios de comunicação. A maior atenção dada por Kerckhove ao trabalho de McLuhan advém, possivelmente, de sua proximidade com este autor. Ele não só foi aluno do professor canadense como também seu assistente pessoal. Mas não podemos perder de vista que, apesar da demasiada ênfase em McLuhan, o precursor dessa Escola, se assim podemos dizer, foi Harold Innis. Ele quem primeiro dedicou seus esforços no estudo do papel central dos meios no desenvolvimento da história da humanidade.

Nos comentários que fizemos a respeito de Innis e McLuhan, incluiremos as ideias de Eric Alfred Havelock, uma vez que esses três autores são considerados por Kerckhove como os pioneiros no estudo das transformações ocasionadas pelas tecnologias comunicacionais.

Especialista em literatura e filosofia clássica e professor na Universidade de Toronto, Canadá, Eric Havelock (1903-1988) propôs um modelo inteiramente novo para a compreensão do mundo clássico. Segundo ele, o pensamento ocidental é formado por uma profunda mudança na mente humana do século V a.C, que viu sua tradição oral ser substituída pela utilização do alfabeto grego. As propostas iniciais de estudo do professor Havelock estavam ligadas às investigações dos efeitos linguísticos provocados pela revolução da escrita grega. Na medida em que seus estudos sobre o tema avançaram, seu objeto de pesquisa ganhou nova forma. Havelock uniu sua paixão pelos pré-socráticos à tarefa de analisar se a utilização da prosa por Platão seria uma oposição à função didática exercida pela poesia, que objetivava a instrução e preservação da tradição grega. Ou seja, o problema estabelecido pelo autor circulava em torno da seguinte questão: “Seria o advento do platonismo, ou seja, o aparecimento de um vasto corpo de discurso escrito em prosa, um sinal que anunciava que a oralidade grega estava a ceder terreno à literacia e que um estado de espírito oral estava a ser substituído por outro letrado?” (HAVELOCK, 1996, p.18-19). Acreditando que a resposta à essa pergunta era positiva, Havelock se compromete a desvendar o papel desempenhado pela invenção do alfabeto grego no século V a.C.

Em um texto escrito originalmente em 1963, “Prefácio a Platão”, Havelock (1996, p.213) relaciona a mudança do pensamento dos gregos, no que concerne ao reconhecimento de que somos seres autônomos e com personalidade, à transformação cultural grega da tradição oral para a escrita alfabética. Para isso, ele deteve-se no estudo da transição da disposição mental homérica para a platônica. O autor explica melhor essa transição dizendo que:

Antes da época de Homero, o “livro” cultural grego depositara-se na memória oral. (...) Entre Homero e Platão, o método de armazenamento começou a se alterar quando as informações foram postas em alfabeto e, conseqüentemente, a visão suplantou a audição como o principal órgão destinado a esse objetivo. Os resultados finais da alfabetização não se mostraram na Grécia senão quando, no limiar da era helenística, o pensamento conceitual alcançou certa fluência e seu vocabulário se tornou mais ou menos padronizado. Platão, vivendo no centro dessa revolução, antecipou-a e tornou-se seu profeta (HAVELOCK, 1996, p.11).

O estudo de Havelock nos mostra que Platão se opôs à experiência poética porque ele acreditava que para se chegar à autoconsciência era necessário que o ser pensante se afastasse da cultura tradicionalmente oral. Para ele, os poetas estavam intimamente ligados à tradição oral, época em que os processos mnemônicos predominavam, e, por isso, tornavam-se obstáculos para a percepção de uma autoconsciência emancipada. De acordo com Platão, a educação poética servia para memorizar e recordar. Em suas pesquisas, Havelock chega à conclusão de que os gregos só conseguiram despertar para o entendimento do “eu”, como sujeito autônomo, com a mudança na tecnologia da comunicação. Ou seja, com a transição da cultura oral para a escrita alfabética. Segundo ele (1996, p.223), “o arejamento da memória por meio dos sinais escritos possibilitava que o leitor dispensasse a maior parte daquela identificação emotiva que constituía o único meio seguro de recordar o registro acústico”.

Depois desse breve panorama do estudo realizado por Havelock, podemos retomar as variáveis implícitas na elaboração do conceito apresentado por Derrick de Kerckhove.

Lendo o artigo publicado por Kerckhove em 1989, *McLuhan and the Toronto School of Communication* (McLuhan e a Escola de Comunicação de Toronto), percebemos que esse pesquisador empreendeu muitos esforços não só na tentativa de que a contribuição de McLuhan fosse entendida em seu contexto mais amplo, o dos efeitos dos meios de comunicação, mas também na tentativa de que essa base de preocupação da Escola de Toronto despertasse um interesse mundial, para além da universidade de Toronto. Kerckhove alega que apesar da Universidade em que ele atuava não parecer muito engajada na proposta, ele acreditava ser possível alcançá-la.

Kerckhove aproveitou sua participação em conferências realizadas em outros países, como nos Estados Unidos, na França e na Itália, por exemplo, para divulgar a base das ideias da Escola de Toronto. Ele diz que em uma dessas conferências a noção de Escola foi totalmente desaprovada pelos palestrantes presentes: Jack Goody, David

Olson e Brian Stock. Apesar dessa rejeição inicial que, segundo ele, “foi o ponto mais baixo na história de uma ideia que parecia estar ganhando força” (KERCHOVE, 1989, p.75)⁶⁸, Kerckhove encontrou apoio em outros autores, como, por exemplo, Oswyn Murray (apud KERCHOVE, 1989, p.75), que sugeriu que em Toronto “uma nova teoria estava nascendo, a teoria da primazia da comunicação na estruturação das culturas humanas e da mente humana”⁶⁹.

Segundo Kerckhove (1989), o que diferencia a Escola de Toronto de outros estudos sobre os meios é a clareza da definição de seu objeto de estudo, que não escapa nem se deixa levar para o âmbito de outras interpretações. Isto é, as pesquisas desenvolvidas pelos autores pertencentes a essa escola não fogem do objetivo proposto, que é o estudo das implicações causadas pelos meios de comunicação na organização social e no pensamento humano. Kerckhove explica que a maioria dos estudos dos meios ou de alguns pesquisadores que se dedicam ao estudo da invenção da escrita recai, muitas vezes, sobre a análise dos conteúdos. Tornando confuso, aos olhos de outros estudiosos, o entendimento sobre o impacto das tecnologias comunicacionais. De acordo com ele, o estudo desenvolvido no livro “A imprensa como um agente de mudança”, publicado por Elizabeth Eisenstein, em 1979, também recai sobre o problema da expansão da análise para questões sobre o conteúdo dos meios. É importante esclarecer que esse posicionamento tomado por Kerckhove em relação a Eisenstein difere do que foi exposto por Joshua Meyrowitz, na Teoria do Meio. Mas, também neste texto, Kerckhove está se referindo aos pioneiros, não fala dos sucessores, não mergulha e nem se aprofunda neste caminho. Assim, o comentário que fez em relação a Eisenstein não teve o aprofundamento necessário e nem repercute em outros textos do autor.

Em um trecho do artigo publicado em 1989, Derrick de Kerckhove conclui que “o legado da Escola de Toronto agora está tomando proporções consideráveis, não só em Toronto, mas em todo o mundo, em contextos vastamente diferentes e de tipos e níveis muito diferentes de especialistas acadêmicos e não acadêmicos” (KERCHOVE, 1989, p.77)⁷⁰. Na compreensão desse professor, Innis, McLuhan e Havelock são os três

⁶⁸ No original: “*That was the low point in the history of one idea which seems to be gaining momentum*”.

⁶⁹ No original: “*a new theory was born, the theory of the primacy of communication in the structuring of human cultures and the human mind*”.

⁷⁰ No original: “*The legacy of the Toronto School is now taking considerable proportions, not only in Toronto, but all over the world in vastly different contexts and widely differing types and levels of academic and non-academic expertises*”.

autores pioneiros da Escola de Toronto. “Enquanto Innis olhou para os fatos, Havelock procurou por causas e McLuhan descobriu efeitos” (KERCHOVE, 1989, p.76)⁷¹.

Os parâmetros apresentados na designação da Escola de Comunicação de Toronto, sugeridos por Kerckhove, levantam alguns questionamentos por parte de outros estudiosos, como no caso do pesquisador Jesús Octavio Elizondo Martínez⁷². De acordo com ele, ao se falar de Innis, McLuhan e Havelock e da dedicação deles com o estudo dos meios de comunicação, o mais adequado é reconhecer esses autores como pertencentes ao “Círculo de Toronto”, “já que assim se nota o que tem em comum tanto suas vidas como suas teorias e se deixa de lado a ideia de que eles fundaram uma escola de pensamento” (ELIZONDO, 2009, p.30)⁷³. Porque, segundo Jesús Elizondo, o que se denomina como uma escola de pensamento só foi desenvolvida depois, com os seguidores desses autores, tanto no Programa McLuhan em Cultura e Tecnologia, da Universidade de Toronto, como na *Media Ecology Association* (Associação da Ecologia Mediática). Elizondo explica que:

Em ambas as instâncias se estuda o legado dos três autores fundamentais, como corresponde em toda escola de pensamento. Mas se investigam em especial os ambientes mediáticos como fenômenos contemporâneos e são examinados à luz de muitos outros acadêmicos que têm desenvolvido e enriquecido estas ideias, sobretudo no Canadá e nos Estados Unidos da América. Sem dúvida, esta escola tem uma marca norte americana (ELIZONDO, 2009, p.30)⁷⁴.

Esclarecemos que, para efeito dessa dissertação, os termos Teoria do Meio, Escola de Toronto e *Media Ecology* serão utilizados para designar as tradições de pesquisa que se empenharam no estudo dos meios de comunicação. Portanto, serão tratados como sinônimos, embora, como já mencionamos, haja autores que apontam diferenças entre eles.

⁷¹ No original: “While Innis looked for facts, Havelock searched for causes and McLuhan discovered effects”.

⁷² Jesús Octavio Elizondo Martínez (1968-) é doutor em Filosofia pela Universidade Complutense de Madrid e *McLuhan Fellow* do Programa McLuhan em Cultura e Tecnologia, da Universidade de Toronto, Canadá. Atualmente é professor-pesquisador da Universidad Autónoma Metropolitana-Cuajimalpa e professor da Universidad Iberoamericana Ciudad de México.

⁷³ No original: “ya que así se señala lo que tienen en común tanto sus vidas como sus teorías y se deja de lado la Idea de que ellos fundaron una escuela de pensamiento”.

⁷⁴ No original: “En ambas instancias se estudia el legado de los tres autores fundacionales, como corresponde en toda escuela de pensamiento. Pero se investigan en especial los entornos mediáticos como fenómenos contemporáneos y son examinados a la luz de muchos otros académicos que han desarrollado y enriquecido estas ideas sobre todo en Canadá y en los Estados Unidos de América. Sin Duda esta escuela tiene una impronta norteamericana”.

Após esse breve levantamento sobre os autores e as designações ligadas ao estudo dos meios de comunicação e das diferentes correntes teóricas que tratam deste assunto, partiremos para uma análise mais detalhada entre as obras de Eisenstein e McLuhan, a fim de discutirmos a continuidade do estudo de McLuhan no trabalho realizado por Eisenstein. Para isso, retomaremos algumas reflexões desenvolvidas por McLuhan, na obra publicada em 1962, em contraponto com as considerações feitas por Eisenstein em relação a este trabalho. Evidenciando, dessa forma, os laços que unem esses dois autores.

3.1 A continuidade do trabalho de McLuhan na obra de Eisenstein

Se avaliarmos o trabalho de Elizabeth Eisenstein, descrito no segundo capítulo desta dissertação, podemos concluir que os efeitos da cultura impressa mencionados por ela assemelham-se com os que foram propostos por Marshall McLuhan, na obra “A galáxia de Gutenberg”. Os tópicos que McLuhan escreve sobre as características da cultura manuscrita, a invenção da tipografia, o aumento na quantidade do fluxo de informação, o surgimento do conhecimento aplicado, o impacto da cultura impressa na Renascença e tantas outras mudanças na sociedade europeia foram retomados por Eisenstein, no livro *The printing press as na agent of change*, com a diferença de que, no estudo realizado pela historiadora, eles foram particularizados e cuidadosamente analisados. Na passagem, por exemplo, em que McLuhan expressa a opinião de que “a varredura de linhas impressas afetou os processos de pensamento” (EISENSTEIN, 1998, p.80), sua argumentação, por não ter sido bem desenvolvida nem exemplificada, parecendo, para alguns, desconexa e sem sentido. Eisenstein desenvolve a mesma questão explicando que “os pensamentos dos leitores são guiados pelo modo como estão ordenadas e apresentadas as matérias contidas nos livros. Mudanças básicas no formato de um livro bem poderiam conduzir a mudanças nos padrões de pensamento” (1998, p.80). Mas ela também reconhece a importância do trabalho de McLuhan quando diz que “Algumas das mudanças a que McLuhan aludia sugeriam novas maneiras de lidar com alguns problemas de há muito existentes. McLuhan suscitou, contudo, algumas questões sobre os reais efeitos do advento da imprensa” (EISENSTEIN, 1998, p.08-09). Ela completa dizendo que essas questões deveriam mesmo ser esclarecidas antes de se explorar outros assuntos. A historiadora observa que muitos estudiosos que

aparentemente “estão de acordo com a opinião de que se produziram mudanças decisivas parecem parar antes mesmo de dizer precisamente em que consistiram” (EISENSTEIN, 1997, 141)⁷⁵, eles preferem deter-se nas evidências das diferenças entre as sociedades orais e escritas.

Arriscamos-nos a dizer que a obra *The Printing Press as an Agent of Change*, publicada por Eisenstein em 1979, dá continuidade ao estudo realizado pelo professor canadense em 1962. Os indícios dessa continuidade podem ser observados tanto nas primeiras páginas do livro publicado em 1979, onde Eisenstein põe em discussão e reavalia alguns dos aspectos da obra de McLuhan, quanto no decorrer do livro lançado em 1998, “A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna” e nos subsequentes textos escritos em outros livros e artigos. Sem dúvida, estas são pistas sólidas sobre o diálogo que Eisenstein travou com McLuhan, pois a própria historiadora menciona McLuhan nas considerações que faz em relação a ele. Como as considerações feitas por ela encontram-se reproduzidas em diferentes publicações, daremos destaque para as que mais se repetem. A historiadora inicia o quarto capítulo do livro “A revolução da cultura impressa”, publicado em 1998, dizendo que “Uma vez que nos é bem conhecida a diversidade religiosa, linguística e socioeconômica dos leitores europeus, torna-se difícil imaginar o que tinha em mente Marshall McLuhan, quando escreveu sobre a formação do homem tipográfico” (1998, p.109). Segundo ela, ao não especificar o grupo social do qual se quis falar, mas, pelo contrário, ampliá-lo, McLuhan não levou em consideração “as múltiplas interações que se produziram em meio a circunstâncias muito variadas” (EISENSTEIN, 1997, 146)⁷⁶. Uma passagem do texto escrito no livro de 1998 marca bem seu posicionamento em relação a isso. Ela diz que,

Ao chamar nossa atenção para a possibilidade de que o advento da imprensa pudesse ter consequências sociais e psicológicas, penso que McLuhan prestou um bom serviço. Mas ele também deixou de lado interações múltiplas que transcorreram sob a ação de circunstâncias que estavam em ampla mudança. Ao admitirmos que a substituição do discurso oral pela varredura silenciosa das linhas e a substituição dos contatos face a face por interações mais impessoais tiveram provavelmente consequências importantes, teremos de aceitar a decorrência de que precisamos pensar de modo menos metafórico e abstrato, e mais histórica e concretamente, sobre as diversas modalidades que decorreram, e sobre o modo como diferentes grupos foram afetados (EISENSTEIN, 1998, p.109).

⁷⁵ No original: “(...), los que parecen estar de acuerdo en que se produjeron cambios decisivos parecen detenerse siempre poco antes de decirnos precisamente en qué consistieron.”

⁷⁶ No original: “(...) las múltiples interacciones que se produjeron bajo circunstancias muy variadas”.

Outro levantamento feito por Eisenstein em relação a McLuhan, nesse caso não só a ele, mas a outros autores também, foi quanto ao cuidado que devemos ter em não pressupor que o hábito da leitura silenciosa surgiu com a escrita impressa. Segundo ela, “está claro que McLuhan e outros estudiosos sobre os quais se apoiou atribuíram equivocadamente à imprensa a responsabilidade de introduzir hábitos de leitura silenciosa, que já haviam se desenvolvido entre alguns grupos letrados na era dos escribas” (EISENSTEIN, 1997, 146)⁷⁷. Infelizmente, o autor Marshall McLuhan, falecido em 1980, não pode mais contribuir para este debate. Segundo alguns estudiosos, a pesquisa desenvolvida por Eisenstein trouxe método histórico, rigor e clareza às ideias introduzidas por McLuhan no livro “A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico”.

Os autores Roger Chartier e Márcio Souza Gonçalves também reconhecem a continuidade do trabalho de McLuhan no estudo desenvolvido por Eisenstein. Em uma entrevista concedida à Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, em 2005, Chartier comenta que a obra lançada em 1979, pela historiadora Elizabeth Eisenstein, “pode ser considerada como a terceira parte de uma trilogia ao lado de McLuhan e Febvre⁷⁸ e Martin⁷⁹” (p.83). Ele menciona o nome desses dois últimos autores pela pesquisa realizada por eles sobre o impacto social do surgimento da imprensa e da cultura do livro. A versão original da obra *L'apparition Du livre* (O aparecimento do livro), de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, publicada em 1958, foi utilizada por Eisenstein em seus estudos iniciais sobre os primórdios da imprensa e a história do livro. Ela diz que esse livro “constitui um tratamento de conjunto magistral e apresenta uma cobertura mais abrangente do que qualquer outro livro por ela mencionado em sua bibliografia” (EISENSTEIN, 1998, p.302).

Márcio Gonçalves (2009), por sua vez, reafirma a posição de Eisenstein em relação a McLuhan dizendo que ela claramente parte das indagações levantadas pelo professor canadense. Segundo ele, no trabalho de Eisenstein “nota-se uma ênfase muito

⁷⁷ No original: “*Está claro que McLuhan y los eruditos sobre los que se apoyó asignaron equivocadamente a la imprenta la responsabilidad de introducir hábitos de lectura silenciosa que ya se habían desarrollado entre algunos grupos letrados en la era de los escribas*”.

⁷⁸ Lucien Paul Victor Febvre (1878-1956) era um historiador francês. Foi co-fundador da chamada Escola dos Annales, conhecida por se constituir em um movimento historiográfico acadêmico que visava incorporar métodos das Ciências Sociais à História.

⁷⁹ Henri-Jean Martin (1924-2007) era bibliotecário e historiador francês. Trabalhou na Biblioteca Nacional da França, em 1947, e foi pesquisador do *Centre National de la Recherche Scientifique* durante os anos de 1958 a 1962. Foi, também, diretor da biblioteca municipal de Lyon, nos anos de 1962 a 1970.

grande no poder da própria imprensa para gerar seus efeitos e conseqüências culturais. Tal nos parece ser um ponto em comum com McLuhan” (GONÇALVES, 2009, p.07).

Como dissemos no primeiro capítulo, as colocações apresentadas por McLuhan no livro “A galáxia de Gutenberg”, de 1962, tornaram-se um estimulante adicional para a curiosidade já despertada por Eisenstein sobre as conseqüências históricas específicas da grande mudança ocorrida no campo das comunicações do século XV. Ela diz que se sente em dívida com ele por tê-la apresentado uma dimensão da mudança histórica que ela ainda não havia considerado.

É importante lembrar que as pesquisas realizadas por McLuhan e Eisenstein não foram elaboradas no mesmo período. O ponto que uniu estes dois autores foi a busca por “tentar compreender certas abordagens que marcaram a presença dos meios de comunicação na sociedade e suas ações e influência” (FERREIRA, 2001, p.100). Na verdade, McLuhan foi o primeiro a se lançar nas investigações sobre os efeitos provocados pela tipografia móvel na sociedade ocidental.

No próximo tópico discutiremos os principais autores que se dedicaram ou se aproximaram do estudo da transição da era escrita- impressa, apresentando seus mais relevantes pontos de discussão. Depois dessa abordagem geral, analisaremos as particularidades do estudo desenvolvido por Eisenstein em relação à imprensa.

3.2 A subjetividade de Eisenstein no estudo da imprensa

Ao partir da curiosa observação feita por Havelock a respeito dos cinco autores que, entre 1962 e 1963, publicaram simultaneamente obras que revelavam particular interesse sobre o “papel da oralidade na história da cultura humana e a sua relação com a literacia” (HAVELOCK, 1996, p.39), percebemos que muitos foram os estudiosos, os historiadores principalmente, que se interessaram pelo estudo da história da escrita.

De um estudo mais detido, observamos que o interesse desses estudiosos sobre o assunto se esboça da seguinte maneira: estudo da transição entre a cultura oral e escrita; entre a cultura manuscrita e impressa; e, por último, entre a cultura impressa e eletrônica. Semelhante observação foi feita por Janara Sousa, em uma nota de rodapé de sua dissertação de mestrado, onde ela diz:

Vários teóricos do meio se dedicaram a pesquisar as diferenças entre as culturas orais e escritas (Walter Ong, Jack Goody e Harold Innis), entre as culturas manuscritas e impressas (Walter Ong e Elizabeth Eisenstein) e entre as culturas impressas e eletrônicas (Marshall McLuhan, Walter Ong e Joshua Meyrowitz) (SOUSA, 2003, p.48).

Para fins dessa dissertação, a transição que mais nos interessa é a da cultura manuscrita para a impressa. Mas não podemos deixar de esclarecer que, muitas vezes, os autores que se detêm no estudo da cultura impressa retomam, em algum momento de suas pesquisas, os principais aspectos das diferenças entre as culturas orais e escritas.

Mesmo reconhecendo a fascinante trajetória de pesquisa que muitos autores desenvolveram para estudar a transição da era escrita para a impressa, levaremos em conta neste tópico apenas aqueles que foram classificados por Meyrowitz como pertencentes à Teoria do Meio. Ou seja, consideraremos os autores que reconheceram, abertamente ou não, o surgimento da escrita, de uma maneira geral, e a escrita impressa, em particular, como um meio de comunicação. Isto é, um meio capaz de modificar as formas de pensamento e organização social. Não poderia ser diferente, considerando que um dos diferenciais destacados por nós em relação ao trabalho de Elizabeth Eisenstein é o estudo da imprensa como meio de comunicação.

Dentre os teóricos citados por Meyrowitz como pertencentes à primeira geração da Teoria do Meio, destacaremos o estudo de Henry J. Chaytor, Marshall McLuhan, Jack Goody e Ian Watt, Walter Ong e Elizabeth Eisenstein. Esses cinco autores foram os que mais se aproximaram do debate sobre a transição da cultura escrita para a impressa. E por isso, ressaltaremos seus principais pontos de discussão, evidenciando, ao final, as particularidades do estudo desenvolvido por Eisenstein em relação à imprensa.

Começaremos pelo autor que teve relevante contribuição para o estudo da transição aqui discutida: Henry J. Chaytor⁸⁰. Em um artigo publicado na *Oxford Journals*⁸¹, S. C. Aston (1995, p.93), ao falar sobre Chaytor, diz: “ele será lembrado principalmente no mundo acadêmico por seus estudos na literatura medieval e cultural da França e da Espanha”⁸².

⁸⁰ Henry John Chaytor (1871-1954) foi professor da Universidade de Cambridge, Inglaterra, onde lecionou por treze anos. Era especialista do mundo Medieval, mas também tinha muito apreço pelo estudo da Antiguidade Clássica.

⁸¹ “Henry John Chaytor, 1871-1954”. Artigo publicado em 1955, no jornal on-line *Oxford Journals*.

⁸² No original: “he will be principally remembered in the world of scholarship for his studies in the medieval literature and culture of France and Spain”.

Apesar de pouco discutido no campo da Comunicação, em geral, e nos estudos sobre os meios de comunicação, em particular, o trabalho de Chaytor também nos revela um instigante debate sobre o impacto causado pela imprensa. Na introdução do livro *From script to print: an introduction to medieval vernacular literature* (Da escrita à impressão: uma introdução à literatura vernacular medieval), publicado em 1945, ele alerta os leitores para o marco que foi na história da humanidade a invenção da imprensa e aponta as principais mudanças causadas por ela. Chaytor descreve seu livro como “uma tentativa de mostrar a importância da diferença entre os métodos literários e críticos do início da Idade Média e os dos tempos modernos” (1945, p.02)⁸³. Nas referências bibliográficas do livro “A Revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa moderna”, Elizabeth Eisenstein (1998, p.303) diz que a obra publicada por Chaytor “Trata da diferença entre os públicos ouvinte e leitor, a que se dirigiam os literatos que se expressavam no vernáculo, antes e após o advento da imprensa” e que “Foi objeto de ataques recentes, por superestimar as mudanças acarretadas pela imprensa”. Um desses ataques dirige-se ao fato de Chaytor em acreditar que o hábito da leitura silenciosa surgiu com o advento da imprensa. Estudiosos como Paul Saenger⁸⁴ e a própria Elizabeth Eisenstein consideram que esta prática já ocorria na era dos escribas, antes da invenção da imprensa.

Convicto dos efeitos transformadores da imprensa, Chaytor, no decorrer dos capítulos do livro *From script to print: an introduction to medieval vernacular literature*, descreve algumas mudanças atribuídas a essa invenção. Segundo Joshua Meyrowitz,

Chaytor argumenta que a impressão mudou significativamente os mundos orais e dos escribas, alterando o estilo literário, a criação de um novo sentido de autoria e propriedade intelectual, promovendo o crescimento dos abates nacionalistas, e modificando a interação psicológica das palavras e do pensamento (MEYROWITZ, 1994, p.53)⁸⁵.

⁸³ No original: “This book is an attempt to show the importance of the difference between the literary and critical methods of the early middle ages and those of modern times”.

⁸⁴ Paul Saenger é curador de livros raros na Biblioteca Newberry, em Chicago. É autor do livro *Silent reading: its impact on late medieval script and society*, publicado em 1982. Segundo Elizabeth Eisenstein (1998, p.305), nesta obra Saenger “Apresenta provas de que a leitura silenciosa já ocorria antes do advento da imprensa”.

⁸⁵ No original: “Chaytor argues that print significantly changed the oral and scribal worlds by altering literary style, creating a new sense of authorship and intellectual property, fostering the growth of nationalistic feelings, and modifying the psychological interaction of words and thought”.

Muitos dos autores que mencionaremos nos parágrafos subsequentes utilizaram o estudo de Chaytor como referência para seus trabalhos sobre a imprensa. Essa avaliação pode ser comprovada tanto pela análise das referências bibliográficas, no caso de Elizabeth Eisenstein, como pelas citações feitas por esses autores em seus textos, no caso de Marshall McLuhan e Walter Ong.

Marshall McLuhan também foi um dos autores que se mostrou atento à transformação cultural ocasionada pela imprensa. O trabalho desenvolvido por ele em 1962, intitulado “A galáxia de Gutenberg”, mostra que o meio de comunicação do século XV dividiu a história da humanidade entre a era manuscrita, vivida antes da invenção de Gutenberg, e a era impressa, conhecida como pós-gutenberg e que as modificações sofridas por essa transição levaram o homem “do mundo mágico da audição para o mundo neutro da visão” (MCLUHAN, 1972, p.34). Diz também que ao vivenciarmos a experiência dos contrastes entre os meios eletrônicos e impressos, nossa percepção é aguçada para o contraste vivido anteriormente entre a escrita e a oralidade. Ou seja, quando um dos nossos sentidos do corpo é mais aguçado pelo surgimento de um novo meio, nossa percepção é despertada para a compreensão da existência de um meio anterior, que também se utilizava deste mesmo sentido. Foi o que aconteceu com a nova experiência tecnológica vivida por nós com o surgimento do rádio.

Para relatar as diferenças existentes entre a cultura oral e a escrita e chegar às características da cultura impressa, McLuhan traçou um percurso de estudo que envolve os aspectos implícitos da criação do alfabeto fonético, passa pelos efeitos desse alfabeto na cultura manuscrita das sociedades antiga e medieval e destaca as transformações decorrentes da máquina de impressão na cultura alfabética.

O professor canadense argumentou que na cultura oral a palavra falada envolvia os sentidos da visão, audição e tato, não havendo a concepção de que eles poderiam ser dissociados. Segundo ele, essa concepção foi alterada em consequência do surgimento da escrita alfabética, que exigiu a reorganização dos sentidos e ressaltou a função visual.

McLuhan deu muita ênfase aos estudos relacionados à questão da fragmentação dos nossos sentidos e funções após a criação do alfabeto. McLuhan (1977, p.88) pontua que foi somente com a invenção da imprensa que “a dimensão do visual se separou dos outros sentidos”. Para ele, é a partir desse entendimento que poderemos compreender “o papel que tiveram o alfabeto e a tipografia na atribuição de função dominante ao sentido da vista na linguagem e na arte e em toda a extensão da vida política e social” (MCLUHAN, 1977, p.73). A preocupação de McLuhan (1977, p.80) é com o “processo

de dissociação sensorial pela qual se efetiva a destribalização dos homens”. E como ele mesmo disse, essa dissociação só foi obtida com o surgimento do alfabeto fonético. É por isso que esse autor excluiu os países do Oriente, como a China e o Japão, por exemplo, de seus estudos. Essas culturas utilizam outras formas de escrita diferentes da utilizada pelos povos ocidentais. As culturas não-alfabéticas são consideradas por McLuhan como tribais, ou seja, “elas não podem agasalhar a possibilidade do indivíduo ou do cidadão separado. Sua ideia de espaço e tempo não é contínua nem uniforme, mas emotiva e compressiva em sua intensidade” (MCLUHAN, 2005, p.103). De acordo com o professor canadense, a sociedade oral, tribal, prende o homem ao domínio possessivo de total interdependência e inter-relação.

McLuhan compõe o livro “A galáxia de Gutenberg”, 1962, com diversos exemplos de estudos realizados por outros intelectuais que, na verdade, reforçam suas ideias sobre os temas das diferenças entre as culturas orais e escritas, do surgimento da escrita alfabética, que “transformou o homem em um ser dividido, ambivalente e com um ego individual” (MCLUHAN, 1972, p.74), da cultura manuscrita, do surgimento da imprensa até a era eletrônica. Apesar de ter destacado pontos interessantes sobre o debate da transição escrita-impresa, McLuhan não se aprofunda em nenhum deles. Tornando seu trabalho, como a própria Eisenstein pontuou, em “estranhos ‘mosaicos’ de citações extraídas de textos diversos que visam estimular o pensamento sobre os efeitos da imprensa” (EISENSTEIN, 1998, p.302).

O diferencial desse pesquisador canadense em relação aos outros autores que também publicaram sobre temas correlacionados foi a forma com que ele expôs seus pensamentos. Sem se preocupar muito com o rigor metodológico de suas pesquisas, McLuhan utilizou-se de metáforas e aforismos para anunciar o devido destaque que daria aos meios de comunicação.

Como veremos adiante, os autores, com exceção de McLuhan, que consideraram a escrita como um meio de comunicação capaz de produzir efeitos sociais e psicológicos parecem pouco confortáveis e bastante cautelosos ao falar sobre o assunto. Frequentemente, eles iniciam seus textos justificando-se sobre o caráter não determinista de suas obras, apesar de considerarem a escrita como uma tecnologia transformadora. Poderíamos supor que seria uma reação natural, e até mesmo esperada, quando se leva em conta que a maioria deles pertence a campos de estudo diferentes da Comunicação.

Ao falar sobre os distintos campos de estudos, os autores Jack Goody e Ian Watt, no início do texto *The consequences of literacy* (As consequências do letramento), publicado em 1963, argumentam que a divisão que se faz do estudo da evolução biológica do homem: “o homem como um animal é estudado, sobretudo, pelo zoólogo; o homem como animal falante, pelo antropólogo e o homem como um animal que fala e escreve, pelo sociólogo” (GOODY e WATT, 2006, p.11) não é mais apropriada. Segundo eles,

(...) na medida em que uma quantidade significativa de documentos escritos está disponível, o pré-historiador cede lugar ao historiador; e, na medida em que escritos alfabéticos e o letramento popular implicam novos modos de organização social e transmissão, os antropólogos tendem a ceder lugar aos sociólogos (GOODY E WATT, 2006, p.11).

Ou seja, torna-se problemático a questão de colocarmos uma fronteira bem definida entre as disciplinas e, até mesmo, entre seus objetos. Esse questionamento levou os dois autores a discutir outro posicionamento que se tem a respeito da análise das sociedades letradas e não letradas. Eles se incomodavam com a dicotomia tradicional estabelecida por outros autores para designar essas sociedades, geralmente classificadas como: primitiva versus avançada, racional e irracional. Os autores não descartam as possibilidades de existir, de fato, diferenças gerais entre sociedades letradas e não letradas. O que eles contestam são as premissas errôneas e as evidências inadequadas das formulações prévias dessa distinção.

Respalgando-se nessas considerações e acreditando nas mudanças ocasionadas pela expansão da escrita alfabética, Goody e Watt explicam como a herança cultural é transmitida em sociedades orais e como se dá a transformação pela adoção da escrita. Eles citam diversos exemplos que ilustram as maneiras encontradas pelos povos tribais de se organizarem para manter vivos na memória as tradições e costumes. Reconhecem a prolixidade, a função social da memória e a utilização das genealogias como algumas dessas maneiras. Os autores notaram, por exemplo, que entre os habitantes das ilhas Lesu, existe uma dezena, ou mais, de palavras para porcos. Isso acontece, segundo eles, pela importância que este animal tem para estes povos. Ou seja, essa prolixidade só existe quando “ênfase e interesses comuns sejam materiais ou não, estão especificamente envolvidos” (GOODY e WATT, 2006, p.15). Eles ilustraram também como os sistemas de escrita evoluíram ao longo do tempo e quais foram seus efeitos sociais, retomando os exemplos dos desenhos pictográficos, ideogramas e outros, até

chegar ao surgimento da escrita alfabética na Grécia. Ao falar dessa descoberta, os autores utilizam o exemplo de Platão para demonstrar a mudança de pensamento ocasionada pela nova forma de escrita. Segundo eles,

(...) o aumento no número de livros e no de leitores e, por conseguinte, na consciência pública da mudança histórica que os livros favoreciam criou problemas inevitáveis no fim do século V, em Atenas; e Platão estava dividido entre seus interesses e sua compreensão dos procedimentos prosaicos, analíticos e críticos do novo modo de pensar letrado e suas nostalgias ocasionais “das leis e costumes não-escritos de nossos antepassados”, a par dos mitos poéticos em que eles foram entesourados (GOODY E WATT, 2006, p.51).

As características explicitadas por Goody e Watt sobre a transição vivida pelos gregos no final do século V e a importância dada a Platão assemelham-se com o estudo desenvolvido por Havelock, coincidentemente escrito em 1963. A diferença é que o estudo de Havelock sobre Platão é mais aprofundado. O percurso de trabalho elaborado por esses dois autores também consiste na exemplificação das mudanças ocasionadas com a expansão da escrita alfabética e o reconhecimento da continuidade dessas mudanças na cultura impressa. Eles não chegam a pontuar os efeitos da imprensa, mas mencionam seu potencial de transformação.

Observa-se que os dois autores, por pisarem em um terreno pouco conhecido, preferem não aprofundar no debate sobre o olhar para os efeitos dos meios de comunicação. Eles os reconhecem, de fato, mas não se arriscam a expressar muitas opiniões sobre o assunto, argumentando que “A descrição histórica do impacto cultural da nova escrita alfabética ainda não está completamente esclarecida” (GOODY e WATT, 2006, p.31).

Outro estudioso que, para além da discussão sobre as diferenças entre as culturas orais e escritas, destacou a ideia de que “a escrita, a impressão e o computador são todos meios de tecnologizar a palavra” (ONG, 1998, p.95) foi Walter Ong⁸⁶. Ele sim, como os outros, destacou a importância fundamental dos sistemas de comunicação. A palavra tecnologizar, no sentido descrito por Ong, ganha um *status* que ultrapassa a simples função de veicular. Ela é entendida como um meio propulsor de relevantes

⁸⁶ Walter Jackson Ong (1912-2003) era um padre jesuíta americano. Foi professor de literatura inglesa, historiador cultural e religioso e filósofo. Seu estudo de maior interesse era explorar como a transição da oralidade para a alfabetização influenciou a cultura e mudou a consciência humana.

transformações. No sentido que ele aplica, “a nova tecnologia não é meramente usada para veicular a crítica: na verdade, ela criou a crítica” (ONG, 1998, p.95).

Assim como McLuhan, Ong (1998, p.11) acreditava que “nossa compreensão das diferenças entre oralidade e cultura escrita não pôde se desenvolver antes da era eletrônica”. Segundo ele, ao vivenciarmos a experiência dos contrastes entre os meios eletrônicos e impressos nossa percepção é aguçada para o contraste vivido anteriormente entre a escrita e a oralidade. Acreditando nisso, ele desenvolve em seu texto *Orality and literacy: the technologizing of the Word* (Oralidade e cultura escrita: a tecnologia da palavra), escrito originalmente em 1982, diferentes aspectos concernentes à oralidade, alguns conceitos relacionados a ela, faz um comparativo entre a cultura escrita e oral e destaca alguns pontos referentes ao surgimento da escrita, enfatizando a capacidade de transformação dessa tecnologia na reestruturação da consciência humana. Ou seja, o autor questionava se a forma de pensar das sociedades de cultura oral era diferente das de cultura escrita. E chegou a conclusão de que “muitos dos aspectos do pensamento e da expressão na literatura, na filosofia e na ciência surgiram em virtude dos recursos que a tecnologia da escrita proporciona à consciência humana” (ONG, 1998, p.09).

Ao falar da transição escrita-impressa, Ong reafirma seu interesse sobre as transformações causadas na consciência humana. Ele se atenta, principalmente, para as mudanças ocorridas no uso dos sentidos do nosso corpo. E diz: “o desvio da fala para a escrita constitui essencialmente um desvio do universo sonoro para o espaço visual” (ONG, 1998, p.135). Ong complementa dizendo que a impressão tornou central o espaço visual. Mas o autor pontua que, apesar do sentido visual predominar sobre o auditivo na cultura impressa, a audição dominou por muito tempo a cultura manuscrita e o início da era impressa. Segundo ele, no Ocidente os povos residualmente orais acreditavam mais no que estavam ouvindo do que estava escrito no papel. O autor também descreve os inúmeros benefícios trazidos pela invenção da imprensa. Um deles é a legibilidade dos textos impressos. “A maior legibilidade, em última análise, favorece a leitura rápida, silenciosa. Essa leitura, por sua vez, favorece uma relação diferente entre o leitor e a voz autoral do texto e requer diferentes estilos de escrita” (ONG, 1998, p.140).

Assim como Eisenstein, Ong utiliza constantemente a comparação entre a cultura manuscrita e impressa, ressaltando diversas modificações estruturais trazidas

pela imprensa aos textos e ao pensamento humano. E diz que “não há mesmo como enumerar todos os efeitos da impressão” (1998, p.135).

Elizabeth Eisenstein, por sua vez, mesmo reconhecendo a dificuldade de listar todos os efeitos produzidos pela imprensa, dá profundidade e clareza às características dessa cultura, mencionadas pelos autores que aqui citamos. Uma de suas particularidades talvez esteja na forma com que ela organizou seus estudos. A historiadora diz, no prefácio do livro “A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa moderna”, que o tratamento dado ao assunto:

(...) está distribuído em duas partes principais. A primeira enfoca a mudança ocorrida na Europa Ocidental, do manuscrito para o impresso, e busca esquematizar as principais características da revolução nas comunicações. A segunda trata da relação entre a mudança nas comunicações e outros desenvolvimentos convencionalmente relacionados com a transição da era medieval para o início dos tempos modernos (1998, p.09).

O índice bibliográfico, nomeado desta forma por Eisenstein para referir-se às suas bibliografias, é enriquecido com importantes nomes do campo da Comunicação, da História e de outras áreas que ela considerou relevantes para fundamentar sua pesquisa. Segundo ela (1979, p.709), “Os leitores que querem manter-se com o mais recente trabalho devem observar que 1976 é a minha data limite e deve consultar os periódicos especiais citados no capítulo um (nota dois) volume um, onde avisos de novos estudos são relevantes para serem encontrados”. As notas de rodapé não só do primeiro capítulo mas também as dos capítulos seguintes, encontradas na edição integral do livro *The Printing Press as an Agent of Change*, e o final do livro “A revolução da cultura impressa”, onde encontram-se as leituras selecionadas, foram fundamentais para a nossa percepção em relação à organização do pensamento de Eisenstein sobre o estudo da imprensa.

Ao consultarmos o índice bibliográfico, catalogamos um número de cinquenta e oito páginas reservadas para indicar as leituras selecionadas. Esse volume de material bibliográfico nos desperta algumas reflexões. A primeira delas diz respeito a pluralidade de textos escritos sobre a imprensa e a história do livro até a década de 1976, data limite estabelecida por Eisenstein para a consulta desses materiais. A segunda reflexão é, na verdade, um comparativo entre a quantidade de obras consultadas por McLuhan, ao escrever o livro “A galáxia de Gutenberg”, e a quantidade consultada por Eisenstein. E a terceira, mais configurada como um questionamento, tenta entender como a historiadora

se organizou diante desse volume de material e pluralismo de autores, desconhecidos por ela até então.

Considerando a primeira reflexão, observamos que mesmo diante da pluralidade dos textos escritos sobre a história da imprensa e do livro, até a década de 1976, Eisenstein lamentou a falta de bibliografia existente sobre o assunto. Como explicar tal contradição? Na verdade, a dificuldade enfrentada pela historiadora foi dispor de uma vasta bibliografia sobre as consequências da transição do texto manuscrito para o impresso. Segundo ela (1998, p.09), “Ninguém havia ainda tentado investigar as consequências da mudança nas comunicações no século XV”, pelo menos não da forma com que ela se propôs. Eisenstein observou que no correr das páginas das bibliografias consultadas, as profundas mudanças ocasionadas pela imprensa na organização social e no pensamento humano não são exploradas, apenas sugeridas. Mesmo as obras publicadas por W. T. Berry e H. W. Poole, *Annals of printing*; Philip Gaskell, *A new introduction to bibliography*; Febvre e Martin, *The coming of the book* e S. H. Steinberg, *Five hundred years of printing*, destacadas por Eisenstein pelo tratamento magistral dado à história da imprensa e do livro, não contemplaram essa invenção como um meio de comunicação. Pelo contrário, esses autores classificaram a imprensa como um progresso técnico. Sendo assim, atribuíram a ela um papel secundário no que diz respeito a produção dos livros impressos, afirmando que este advento não poderia subsistir sem a existência do papel. “A invenção da imprensa teria sido inoperante se um novo suporte do pensamento, o papel, proveniente da China através da Arábia, não tivesse feito a sua aparição na Europa, dois séculos antes, para ser de uso generalizado e corrente no final do século XVI” (FEBVRE, MARTIN, 2000, p.32). Ou seja, a imprensa é descrita como uma simples máquina. Indo na contramão do que já se havia publicado até 1976, Eisenstein buscou desvendar alguns pontos negligenciados por estudiosos da história da imprensa, principalmente pelos historiadores sociais que investigavam temas relacionados.

O mapeamento dessa extensa bibliografia utilizada por Eisenstein também nos indica que a quantidade e variedade de textos ao alcance dessa historiadora foi muito maior do que a de McLuhan. Não podemos esquecer que, enquanto o livro “A imprensa como um agente de mudança” só foi lançado em 1979, a obra intitulada “A galáxia de Gutenberg” foi publicada em 1962. Esse espaço temporal entre uma publicação e outra revela que seria injusto avaliar as duas obras com a mesma medida. Isto é, as críticas direcionadas a obra de McLuhan, quanto à falta de aporte teórico e metodológico,

deveriam ser ponderadas, levando-se em conta a restrita bibliografia disponível sobre o estudo dos efeitos da imprensa. Enquanto as obras mais recentes utilizadas por Eisenstein datam de 1976, a literatura consultada por McLuhan data do final dos anos 20 ao início dos anos 60. Portanto, devemos reconhecer o esforço pioneiro empreendido por McLuhan para estudar as implicações do advento da imprensa como um meio de comunicação. Mas isso não significa que devemos desconsiderar as diferenças existentes entre eles. Se por um lado Eisenstein beneficiou-se com a possibilidade de comparar e interpretar diversas leituras, trazendo talvez maior rigor teórico e metodológico para a sua pesquisa, por outro lado McLuhan tornou possível a discussão das profundas transformações causadas pelo surgimento da imprensa. Como vimos nos tópicos anteriores, o professor canadense foi quem propagou o debate sobre os meios de comunicação.

De modo a viabilizar sua investigação, Eisenstein organizou seu estudo da seguinte maneira: utilizou leituras preliminares e gerais sobre a história da imprensa e do livro; sobre oralidade, uso da escrita e cultura da era dos escribas – público ouvinte e leitor; sobre o advento da imprensa – alguns impressores primitivos e sua produção; sobre a imprensa e os desenvolvimentos a ela relacionados – impressores eruditos e humanistas renascentistas; sobre a impressão da bíblia, do protestantismo e a propaganda religiosa; e, finalmente, sobre a imprensa e a primitiva ciência moderna – a revolução copernicana.

Percebemos que a demasiada preocupação da historiadora Elizabeth Eisenstein em compreender as variáveis existentes no estudo da imprensa, para além de seu conteúdo, resultou em um notável e polêmico trabalho. Em várias passagens do livro, publicado em 1979, é possível notar que Eisenstein se divide na tarefa de compreender a imprensa como um meio de comunicação e, ao mesmo tempo, trazer os elementos históricos para o estudo deste meio.

No próximo capítulo, desenvolveremos uma análise crítica em cima das questões levantadas e discutidas no primeiro e no segundo capítulo, a fim de se entender os aportes epistêmicos, teóricos e metodológicos utilizados por Eisenstein na construção dessa relação entre o campo da História e da Comunicação.

4. História e Comunicação: um diálogo possível

No artigo intitulado “História da Comunicação no Brasil: um campo em construção”, que se encontra no livro “Comunicação e História: interfaces e novas abordagens”, publicado em 2008, os pesquisadores Ana Paula Goulart Ribeiro⁸⁷ e Micael Herschmann⁸⁸ relatam sobre as constatações a que chegaram com suas pesquisas. Segundo eles, o interesse por temas históricos da Comunicação tem aumentado nos últimos anos, tanto na Comunicação quanto na História. Acrescentam também que apesar dos estudiosos, inclusive os do campo da História, utilizarem os meios de comunicação como fonte histórica em seus trabalhos, “os estudos dos meios em si (e de suas práticas sociais) ainda são restritos nas universidades do país” (HERSCHMANN, RIBEIRO, 2008, p.14).

As questões levantadas por esses dois autores sugerem algumas reflexões e merecem maior atenção por tratar de assuntos que devem ser cuidadosamente analisados, principalmente os que envolvem a História da Comunicação, meios de comunicação, campo da Comunicação e campo da História. Aliás, muitos dos artigos contidos no livro citado acima, “Comunicação e História: interfaces e novas abordagens”, forjaram um cenário ideal para a construção deste capítulo. O desenvolvimento que daremos a essas questões nos ajudará a compreender como foi construído o diálogo entre o campo da História e o da Comunicação na obra de Elizabeth Eisenstein.

Ao falarmos sobre a relação existente entre História e Comunicação, não queremos dizer que o estudo realizado por Elizabeth Eisenstein foi o primeiro a interpor estes dois campos ou que ele é o único a fazer isso. Podemos mencionar, por exemplo, o estudo de Daniel Boorstin, *L’image* (A imagem), de 1971, e o estudo de Pierre Nora, “História: novos problemas”, de 1978; dentre vários outros que nos apontam que este é um caminho possível. Nosso intuito não é negar a existência destes trabalhos nem questionar se é possível que haja um diálogo entre o campo da História e da

⁸⁷ Ana Paula Goulart Ribeiro é formada em Jornalismo, pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e formada em História pela mesma instituição. Possui mestrado e doutorado em Comunicação, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é professora da graduação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da UFRJ. Também é pesquisadora do Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação (Nepcom) e editora da revista eletrônica ECO-PÓS.

⁸⁸ Micael Herschmann é historiador. Possui doutorado em Comunicação, pela UFRJ e realizou seu estágio pós-doutoral na Universidade Complutense de Madri. Atualmente é pesquisador do CNPq e coordenador do Programa de Pós-graduação em Comunicação da ECO/UFRJ, onde também dirige o Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação (Nepcom).

Comunicação. A relação existente entre estes dois campos é evidente e se revela nos estudos realizados, por exemplo, pelos pesquisadores Daniel Boorstin e Pierre Nora, além de outros tantos da Teoria do Meio. Nosso questionamento relaciona-se ao contexto específico do trabalho desenvolvido por Eisenstein. Portanto, empreendemos nossos esforços na tentativa de compreender quais foram os contornos desta relação entre História e Comunicação na obra desta historiadora em particular.

Na medida em que utilizamos constantemente o termo “Comunicação” para designá-lo enquanto campo de estudo, consideramos importante esclarecer qual é o nosso entendimento sobre “comunicação” e sobre “campo comunicacional”, assim como fizemos com a definição de “meio de comunicação”, no terceiro capítulo.

Mesmo reconhecendo as diversas definições existentes para o termo “comunicação”, nos apropriaremos do entendimento do pesquisador Luiz Martino. Para ele (2001), este termo pode ser entendido como um processo e como um saber. A comunicação como processo envolve a dinâmica do próprio ato comunicacional, que se reveste das mais variadas formas, incluindo a comunicação dos seres brutos, dos seres orgânicos e dos seres humanos e que pode ser associada às mais variadas práticas, como, por exemplo, a conversa entre duas pessoas, as trocas químicas entre os organismos vivos e até a comunicação entre os computadores. Entendida dessa forma, a comunicação sugere uma pluralidade de acepções. Mas, para o debate da comunicação em seu caráter científico, o que mais nos interessa é a comunicação na dimensão humana. Ou seja, aquela sugerida por Martino (2001), na qual o processo de comunicação está relacionado com a interação entre duas consciências. “Entretanto, apesar de guardar o sentido que nos interessa, a definição de comunicação como relação de consciências (Cs x Cs) se aplica ao campo da Filosofia e indistintamente ao das Ciências do Homem (Humanas e Sociais) como um todo” (MARTINO, 2001, p.24). Aí a necessidade de se distinguir a abordagem utilizada por essa disciplina em relação a outras, enquanto campo de estudo.

Essa indefinição da Comunicação como campo científico de estudo é uma discussão frequentemente retomada entre os estudiosos da comunicação, seja na sala de aula das universidades ou em congressos e outros eventos realizados nas diferentes regiões do Brasil. Um dos pontos discutidos sobre a epistemologia da comunicação é sua validade enquanto ciência. Isso porque seu objeto de estudo não é bem definido. Ou melhor dizendo, não há um consenso quanto ao objeto.

Ao estabelecer a Comunicação como um campo de produção de conhecimentos cujo objeto de estudo surge em um determinado período histórico e que também sofre transformações no decorrer do tempo, poderemos oferecer uma base mais segura para se pensar a Comunicação. “Também não se pode perder de vista que o objeto aqui em questão não é todo e qualquer fenômeno comunicativo, mas apenas aqueles restritos à dimensão humana e mediatizados por dispositivos técnicos” (MARTINO, 2001, p.31). Trata-se, portanto, de entender a experiência social compartilhada pelos meios de comunicação.

Eisenstein (2007) esclarece que apesar de considerar a Comunicação um campo amorfo, ela percebe sua pesquisa sobre a imprensa como um estudo da História da Comunicação. Não aquele em que a maioria dos historiadores se debruça, onde o meio de comunicação é descrito por seu progresso técnico e pelo seu funcionamento, como fez Peter Burke, mas sim aquele em que o meio de comunicação é utilizado como papel central para se entender o passado, como fez Elizabeth Eisenstein.

Ao analisar os materiais produzidos por Eisenstein ao longo dos quinze anos dedicados ao estudo da imprensa, de 1964 a 1979, e de suas falas em entrevistas e vídeos postados na internet, percebemos que as críticas publicadas após o lançamento do livro *The printing press as an agent of change* moldaram os argumentos da historiadora, que se tornaram mais seguros no que concerne ao entendimento do papel central da imprensa na compreensão da história.

Poderíamos ter escolhido outros caminhos para investigarmos a obra desta historiadora. Como, por exemplo, determo-nos na análise dos três movimentos históricos trabalhados por ela, como fizeram muitos de seus críticos. O problema de se seguir por este caminho é que, como comunicóloga, uma análise mais apurada dessas transformações culturais dificultaria nossa investigação. Além do fato que não nos levaria ao cerne desta questão que é compreender o diálogo que esta historiadora travou com o campo da Comunicação. Portanto, discutir problemas e fragilidade apontados por alguns críticos com relação aos exemplos dessa autora, seria empreitada provavelmente pouco frutífera que se esquivaria de discutir o núcleo do trabalho da autora.

Portanto, para nos organizarmos quanto aos assuntos que serão trabalhados nos próximos tópicos, utilizaremos três argumentações que se tornaram centrais na fala de Eisenstein. A citação abaixo, extraída do texto de Cherry Williams, publicado em 2004, revela quais são as três argumentações das quais nos referimos.

Eisenstein afirma que **a dificuldade está em encontrar o equilíbrio certo entre os que assumem que a impressão mudou tudo e os céticos acadêmicos que acreditam que nada mudou.** Ela disse que o problema surge principalmente quando o historiador tenta definir os “novos poderes da imprensa” colocando-os dentro do contexto da história do livro e não no contexto das mudanças maiores culturais e intelectuais que ocorriam durante este período (WILLIAMS, 2004, p.09)⁸⁹. (grifo nosso)

A citação de Williams transcreve afirmações que foram ditas por Eisenstein. E são essas afirmações que nos interessam. São elas: a dificuldade da historiadora em encontrar o equilíbrio entre os que assumem que a imprensa mudou tudo e os céticos acadêmicos que acreditam que nada mudou; o problema que surge quando o historiador tenta enquadrar os novos poderes da imprensa dentro do contexto da história do livro; e a imprensa no contexto das mudanças culturais e intelectuais. Essas colocações de Eisenstein são frequentemente retomadas em sua obra. Elas são, na verdade, o resultado do amadurecimento de suas argumentações em relação ao estudo da imprensa.

Ao percebermos esse amadurecimento nos argumentos de Eisenstein e de como ele foi moldado ao longo dos anos, principalmente após as inúmeras publicações das críticas e dos comentários sobre a obra *The printing press as an agent of change*, percebemos que essas argumentações não só são centrais, como também contribuem para o objetivo dessa dissertação, que consiste em elaborar uma revisão crítica e histórica da obra de Eisenstein, resgatando os aspectos teóricos e metodológicos de seus estudos e levantando questões, de sua própria fala, que possam nos ajudar a entender como ela formou os contornos dessa relação entre História e Comunicação. Para isso, dividimos os assuntos destacados na citação acima em três tópicos, que serão discutidos nos próximos parágrafos. São eles: o equilíbrio entre a afirmação e a negação do meio; o problema da imprensa no contexto da história do livro; e o estudo do meio pelo seu contexto histórico.

O debate do primeiro tópico centra-se no posicionamento de Elizabeth Eisenstein diante dos estudiosos que não acreditam nas mudanças causadas pela imprensa e dos que atribuem demasiado valor a ela.

⁸⁹ No original: “Eisenstein argues that the difficulty lies in striking the right balance between those who assume that printing changed everything and the scholarly skeptics who hold it changed nothing. She claims the problem arises particularly when the historian attempts to define the new powers of print by placing it within the context of the history of the book and not within the context of the larger cultural and intellectual changes which were occurring during this period”.

4.1 O equilíbrio entre a afirmação e a negação do meio

No decorrer de sua pesquisa, Eisenstein observou que na literatura do campo da História o tratamento dado aos efeitos do desenvolvimento da imprensa era insignificante. Isto é, ao direcionar o olhar para o passado, mais precisamente para a história da escrita, os historiadores não levavam em conta os potenciais efeitos do meio impresso. Como resultado dessa observação, Eisenstein enfatizou, em suas publicações sobre a história da imprensa, o incômodo que sentia em relação ao que a literatura da História vinha produzindo sobre o período da transição da era manuscrita para a impressa. “Longe de ser integrado em outros trabalhos, os estudos sobre a história da imprensa são isolados e a imprensa é artificialmente isolada do resto da literatura histórica” (EISENSTEIN, 1970, p.729)⁹⁰. Ela diz que seu trabalho é uma crítica a essa literatura.

De acordo com Eisenstein, “os historiadores passaram a dever muito à invenção de Gutenberg; a imprensa intervém no seu trabalho desde o início até o fim, desde a consulta aos fichários até a revisão do texto final” (1998, p.17). Segundo ela, mais do que outros estudiosos, os historiadores deveriam se sentir atraídos pelo estudo dessa invenção, já que a imprensa criou as condições necessárias para que o exercício do historiador seja possível. Em outras palavras, os materiais impressos que derivam da invenção de Gutenberg possibilitam a consulta necessária dos historiadores para o exercício de seu ofício. Mas, segundo Eisenstein, seus colegas historiadores não dão o devido valor a essa invenção.

Uma das causas apontadas por Eisenstein para que os historiadores não se atentem ao meio impresso reside justamente na demasiada utilização deste meio por eles. Ou seja, é a ideia defendida pelo teórico Marshall McLuhan de que “quanto mais o meio é utilizado menos ele se torna visível”. Apesar de considerar o livro “A galáxia de Gutenberg” como um estranho mosaico de citações, Eisenstein concorda com McLuhan em relação à dificuldade que a maioria das pessoas tem em reconhecer os efeitos da imprensa por estarem irremediavelmente ligadas a ela. Eisenstein, por exemplo, só conseguiu dimensionar a importância dos efeitos do meio impresso após a leitura do livro de McLuhan, publicado em 1962. Como dissemos no primeiro capítulo, Eisenstein se sente em dívida com McLuhan por ele ter apresentado uma dimensão da mudança

⁹⁰ No original: “*Far from being integrated into other works, studies dealing with the history of printing are isolated and artificially sealed off from the rest of historical literature*”.

histórica que ela ainda não havia percebido. De acordo com a historiadora, “O formato bizarro do livro ‘A galáxia de Gutenberg’ é presumivelmente projetado para neutralizar esse condicionamento e para sacudir o leitor para fora de suas habituais rotinas mentais” (EISENSTEIN, 1970, p.731)⁹¹.

Apesar do reconhecimento que Eisenstein tem por McLuhan e pela obra publicada por ele em 1962, ela diz que a falta de preocupação com o contexto histórico e a forma com que as ideias foram organizadas são problema na obra deste autor. Atenta a isso, Eisenstein, ao estudar a imprensa, tentou entender como o uso de um novo meio interagiu com diversas formas de mudança histórica e estabeleceu critérios metodológicos muito organizados. No artigo intitulado “McLuhan, Eisenstein e Johns”, o autor Márcio Gonçalves (2009, p.03) diz que Eisenstein, ao escrever o livro *The printing press as an agent of change*, “não opera com o grande âmbito temporal de McLuhan, e se concentra numa mudança ocorrida dentro de um grupo específico, a ‘Comunidade do Saber’, numa região específica, a Europa Ocidental, num período de tempo igualmente específico, o início da era Moderna”. Eisenstein (2002, p.88) diz: “Eu queria explorar a forma como a mudança da era manuscrita para a impressa afetou diversas instituições, tradições, profissões e modos de pensamento e de expressão que estavam presentes na Europa ocidental no final do século XV”⁹². Estas afirmações nos deram condições de perceber a forma com que Eisenstein organizou seu pensamento sobre o estudo da imprensa.

A historiadora acredita que quanto mais os materiais gerados pela imprensa são utilizados, mais profundo e generalizado é o seu impacto. E que, apesar de terem se tornado corriqueiros, esses materiais e a própria imprensa ainda exercem grande influência sobre nossa vida cotidiana. Segundo Eisenstein (1970, p.732), “a imprensa é a base da atual explosão no conhecimento e é a responsável por muito do que é apontado como característica peculiar de meados da cultura do século XX”⁹³. Dito de outra forma, Eisenstein acredita que a propagação do conhecimento e as características apontadas como peculiares da cultura do século XX nada mais são do que o reflexo dos

⁹¹ No original: “*The bizarre typographical format of The Gutenberg Galaxy is presumably designed to counteract this conditioning and to jolt the reader out of his accustomed mental ruts*”.

⁹² No original: “*I wanted to explore how the shift from script to print affected diverse institutions, traditions, occupations, and modes of thought and expression that were present in western Europe during the late fifteenth century*”.

⁹³ No original: “*It underlies the present explosion in knowledge and, in my opinion, accounts for much that is singled out as peculiarly characteristic of mid-twentieth-century culture*”.

efeitos trazidos pela imprensa. Como ela mesma diz, essa percepção torna-se difícil para os que não dão mais atenção aos vestígios deixados pela imprensa.

Embora Eisenstein apresente esses argumentos para explicar a miopia de alguns historiadores em relação à imprensa, ela não acredita que estes sejam os únicos motivos. Ao longo da leitura das críticas e dos comentários sobre o seu polêmico livro *The printing press as an agent of change*, publicado em 1979, Eisenstein percebeu que outra razão que justificava o desinteresse dos historiadores pelo estudo da imprensa como meio de comunicação era o fato deles não a considerarem uma revolução. É o caso de dois críticos contemporâneos de Eisenstein: Roger Chartier e Adrian Johns. Serviremos das críticas desses dois historiadores para mostrar alguns dos pontos de vista que surgiram em relação ao estudo da imprensa como meio de comunicação. Descatamos esses dois autores pela visibilidade que eles ganharam nos comentários de Elizabeth Eisenstein, tanto em suas entrevistas como nas publicações em resposta às críticas. Não queremos dizer com isso que esses dois historiadores foram os únicos críticos de Eisenstein. Ao contrário, inúmeras críticas foram publicadas em jornais e revistas acadêmicas após o lançamento do livro *The printing press as an agent of change*, de 1979. A lista elaborada pelos organizadores do livro *Agent of change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein*, Sabrina Baron, Eric Lindquist e Eleanor Shevlin, evidencia o extenso número de críticos que comentaram em jornais e revistas britânicas e americanas e também dos que publicaram resenhas em revistas da Europa continental. A lista encontra-se no Anexo 2, ao final da dissertação.

Não pretendemos nos estender nas críticas feitas a Eisenstein. O que queremos trazer à tona são os principais argumentos dos críticos em relação ao estudo da imprensa como um meio de comunicação. Em outras palavras, buscamos compreender, por meio dos críticos, os diferentes pontos de vista estabelecidos em relação à tentativa de Eisenstein de considerar “a influência dos meios de comunicação na construção do acontecimento” (MARTINO, 2008, p.29).

Começaremos pelo historiador francês Roger Chartier, que reconhece a grandiosidade e a repercussão do trabalho de Eisenstein não só no pensamento de outros historiadores como também de estudiosos de diversas áreas de estudo. Nascido em 1945, em Lyon, França, Chartier formou-se em História pela Universidade Sorbonne, na França, e é membro do Centro de Estudos Europeus da Universidade Harvard, nos Estados Unidos. Atualmente é professor da Universidade da Pensilvânia, nos EUA e sua área de interesse concentra-se nos estudos sobre a importância da leitura na Europa

moderna. Ele também se interessa pela relação entre o texto e o leitor na era da informática.

Chartier (1998) argumenta que do ponto de vista das perceptíveis transformações ocasionadas na maneira de se reproduzir um texto, do aumento na quantidade dos materiais impressos e da diminuição de seu custo, o surgimento da imprensa foi uma mudança significativa na década de 1450. Mas, segundo ele, quando se leva em conta a continuidade da cultura manuscrita na cultura impressa, percebe-se que essa mudança não foi absoluta e que a ruptura entre elas não foi brusca. E é nesse ponto que ele trava algumas objeções ao que foi escrito no livro *The printing press as an agent of change*. Para Chartier, Eisenstein, ao falar sobre as diferenças entre a era manuscrita e impressa, deveria considerar a sobrevivência da cultura manuscrita em um longo espaço de tempo, que vai do século XIV ao XIX. “Há portanto uma continuidade muito forte entre a cultura do manuscrito e a cultura do impresso, embora durante muito tempo se tenha acreditado numa ruptura total entre uma e outra” (CHARTIER, 1998, p.09). Chartier avalia que os efeitos da imprensa surgiram gradativamente e, por isso, ela não deve ser considerada uma revolução. De acordo com esse historiador francês, o que pode ser considerado revolução foi a mudança no modo de produção e reprodução dos textos. Chartier expôs, detalhadamente, suas contestações em relação à imprensa como revolução em diversos artigos e livros publicados por ele, entre os quais podemos citar a crítica ao livro *The printing press as an agent of change*, intitulada *L’ancien régime typographique: réflexions sur quelques travaux récentes*; o prólogo do livro “A aventura do livro: do leitor ao navegador”; e o artigo escrito para o livro *Agent of change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein*, intitulado *The printing revolution: a reappraisal*. Pela leitura que fizemos das argumentações expostas por Chartier, observamos que em alguns momentos o historiador se inclina a analisar as potencialidades da imprensa como um meio de comunicação, reconhecendo seus efeitos a curto prazo, e no momento em que ele descreve a continuidade da cópia manuscrita na cultura impressa e se atém na trajetória da leitura e da escrita como práticas sociais, ele se perde na análise da imprensa pelo seu conteúdo. “Roger Chartier, por exemplo, sugere que devemos reinscrever o surgimento da imprensa em uma história de longo prazo, que inclui a mudança de rolo para códice e do códice para a tela” (EISENSTEIN,

2002, p.87)⁹⁴. Ou seja, uma história que inclui a mudança da era manuscrita para a impressa e da impressa para a era digital.

Já o historiador Adrian Johns é extremamente duro em relação à crítica que faz ao estudo de Eisenstein sobre a imprensa. “Ele nega os poderes intrínsecos da imprensa e minimiza a diferença entre o manuscrito e o impresso” (EISENSTEIN, 2002, p.90). Para Johns, o meio impresso só ganha sentido pela sua apropriação social. Os posicionamentos defendidos por ele vão na contramão do que foi argumentado por Eisenstein, na obra *The printing press as an agent of change*.

Johns é professor do Departamento de História da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, e participante do Comitê de Estudos Conceituais e Históricos da Ciência, localizado na mesma universidade. Em 1998, o historiador lançou o livro conhecido como *The Nature of the book*, que discute o papel da imprensa na construção do conhecimento e da ciência moderna. Ele não empregou o mesmo sentido para a imprensa, como Eisenstein fez. Pelo contrário, para Johns “a cultura impressa deve ser tomada como algo que foi construído pela ação das pessoas” (GONÇALVES, 2009, p.06), desconsiderando os processos impessoais observados por Eisenstein. Em outras palavras, Johns não considera que imprensa em si foi capaz de ocasionar grandes mudanças na sociedade do século XV. Para ele, as mudanças só foram possíveis pela utilização que as pessoas fizeram dessa invenção.

No artigo intitulado “A polêmica Eisenstein-Johns”, apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em 2009, Márcio Gonçalves diz que o livro lançado por Johns, em 1998, é claramente uma afronta às ideias desenvolvidas por Eisenstein. Ele cita uma passagem do livro de Johns que demonstra o tom provocativo do historiador. Segue um trecho da citação: “Em seu trabalho [de Eisenstein], a própria prensa fica fora da história. A prensa é algo *sui generis*, ela nos diz, pairando além do alcance da análise histórica tradicional” (JOHNS, 1998, p.19). Eisenstein responde as provocações de Johns no artigo intitulado *An unacknowledged revolution revisited*, publicado em 2002. No mesmo ano o historiador escreve um texto em resposta a Eisenstein, conhecido como *How to acknowledge a revolution*, ao qual Eisenstein prontamente responde.

⁹⁴ No original: “Roger Chartier, for example, suggests that we ought to reinscribe the emergence of the printing press in a long-term history that encompasses the shift from roll to codex and from codex to screen”.

Como já dissemos anteriormente, a primeira crítica apontada por Johns diz respeito aos poderes intrínsecos da imprensa. Além do historiador não reconhecer os efeitos produzidos pelo meio impresso, ele minimiza a diferença entre os modos de produção e reprodução dos materiais manuscritos e impressos. Outra questão divergente entre Eisenstein e Johns é em relação à escolha das regiões analisadas no estudo das práticas de impressão. Enquanto Eisenstein centrou seus estudos em algumas regiões localizadas na Europa Ocidental, Johns restringiu sua pesquisa à Inglaterra. A última questão colocada por Johns é a de que a revolução impressa se deu de forma gradual e que ela somente emergiu entre os séculos XVIII e XIX. Na verdade, é uma crítica muito similar a de Chartier, só que Johns expõe essas críticas de forma mais dura e inflexível.

Em resposta às críticas de Chartier e Johns, em particular, e às de muitos outros estudiosos, de uma maneira geral, certamente é válido transcrevermos parte da entrevista de Eisenstein, concedida ao blog *Figure/Ground Communication*, em 2010, em que ela se posiciona em relação à imprensa como uma revolução. A historiadora diz:

Com referência à “revolução” impressa, eu tenho em mente os dois significados da palavra, em curto e longo prazo. A disseminação de novas oficinas por toda a Europa Ocidental ocorreu em tantos lugares e em tão pouco tempo que tem que ser classificada como uma mudança revolucionária. O fato de a imprensa produzir em um dia o que muitos escribas levaram anos, provocou diversos comentários. Ao mesmo tempo, isso representava apenas o início de uma “longa revolução” na produção de materiais impressos. O aumento da produção na era da prensa manual de madeira foi suficientemente notável para que os problemas de sobrecarga parecessem esmagadores para bibliotecários e estudiosos do século XVII (veja o livro de Ann M. Blair, *Too Much to know*). O aumento da produção acelerou depois do ferro e do vapor, substituindo prensas manuais de madeira, acelerou novamente após processos fotográficos, substituindo ferro e vapor, e ainda está acelerando com a disponibilidade de computadores pessoais e fotocopiadoras comerciais (RALON, Elizabeth Eisenstein, *Figure/ground communication*, 2010)⁹⁵.

⁹⁵ No original: “With reference to the printing “revolution” I have in mind both the short term and long term meanings of the word. The spread of new workshops throughout Western Europe occurred in so many places in such a short time that it has to be classified as revolutionary change. That the printer could turn out in one day what took many scribes whole years provoked much comment. At the same time this represented only the beginning of a “long revolution” in the production of printed materials. The increase in output in the age of the wooden hand press was sufficiently remarkable that problems of overload seemed overwhelming to librarians and scholars in the seventeenth century (see Ann M. Blair’s *Too Much to Know*). Increased output speeded up after iron and steam replaced wooden hand presses, accelerated again after photographic processes replaced iron and steam, and is now still speeding up with availability of personal computers and commercial photo copiers”. Disponível em: <<http://figureground.ca/interviews/elizabeth-eisenstein/>>. Acesso em: 04 janeiro 2012.

Outros efeitos produzidos pelo surgimento da imprensa, mencionados no primeiro capítulo da dissertação, também são considerados uma revolução, na visão de Elizabeth Eisenstein. São eles: a cultura impressa disseminada, a padronização e reorganização dos textos e a preservação do conhecimento. Para Eisenstein, muitas destas características decorrentes do meio impresso independem da apropriação social, elas são impessoais. Ou seja, a imprensa, em si, já traz consigo essas mudanças. É o caso, por exemplo, do aumento na quantidade de produção de textos impressos, que é uma característica inerente à imprensa. “Eisenstein sustenta (...) que tanto os poderes intrínsecos da prensa quanto a ação humana e o uso social da tecnologia devem ser considerados para uma correta abordagem do fenômeno” (GONÇALVES, 2009, p.06). Isto é, não é que a historiadora negue o uso social do meio impresso, mas, ao contrário de seus colegas, ela prefere dar visibilidade aos efeitos causados pelo meio. Em outras palavras, o que Eisenstein busca em seu estudo é sair da zona de conforto das pesquisas históricas sobre comunicação, em que o meio é analisado pelo uso social ou pelas características técnicas enquanto suporte tecnológico, para então tentar entender o papel do meio de comunicação na construção da história. Uma ideia inconcebível para Adrian Johns, já que ele “se recusa resolutamente a comparar a quantidade da produção dos copistas com a dos impressores e bruscamente descarta qualquer sugestão de que inovações foram introduzidas pela imprensa” (EISENSTEIN, 2002, p.91)⁹⁶. Isso porque Johns não direciona seu olhar para o meio de comunicação, e sim para o seu conteúdo. O mesmo acontece com Chartier, quando ele se debruça na análise da continuidade das cópias manuscritas na cultura impressa e acaba se voltando para os efeitos dos conteúdos impressos. Na entrevista publicada no livro *Agent of Change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein*, em 2007, Eisenstein diz:

Aqui, deixe-me simplesmente reiterar: textos impressos não substituíram manuscritos mais do que qualquer gravura e xilogravura substituiu o desenho e a pintura. No entanto, a introdução da imprensa reverteu o processo de perda, corrupção e erosão que havia acompanhado a cópia manual de textos e imagens (BARON, LINDQUIST, SHEVLIN, 2007, p.418)⁹⁷.

⁹⁶ No original: “Johns resolutely refuses to compare the output of copyists with that of printers and brusquely dismisses any suggestion that new features were introduced by printing”.

⁹⁷ No original: “Here, let me simply reiterate: printed texts did not supersede manuscripts any more than engraving and woodcut supersede drawing and painting. Nevertheless, the introduction of printing did arrest and then reverse the process of loss, corruption, and erosion that had accompanied the hand copying of texts and images”.

Ela explica que o fato de evidenciar as mudanças ocorridas nas atividades de produção de textos escritos, na transição da era manuscrita para a impressa, “não significa que os manuscritos não estavam mais sendo produzidos ou que os copistas tinham parado de exercer seus ofícios”⁹⁸.

As colocações feitas por Chartier (1998) a respeito da continuidade das cópias manuscritas na cultura impressa até o início do século XIX são pertinentes, mas não se adequam ao propósito de Eisenstein, que se concentra no período em que a imprensa surgiu, mais precisamente no século XV. Talvez se ela estendesse suas análises até o século XIX, poderia correr o risco de perder o foco no meio de comunicação, e então seus estudos passariam a ser uma análise dos conteúdos do meio impresso.

Com relação às críticas de Johns, seria quase impossível Eisenstein insistir numa leitura amigável. Johns e Eisenstein percebem o fenômeno da imprensa de maneiras diferentes e em períodos desiguais. Enquanto Eisenstein acredita que a revolução da imprensa pode ser percebida desde sua invenção, no século XV, Johns acredita que essa revolução é gradativa e que começa a ganhar destaque no final do século XVIII. Marcio Gonçalves (2009) sintetiza muito bem o conflito gerado entre estes dois historiadores quando diz:

Temos por um lado um modo de teorizar que parte da ideia de que de algum modo (reorganização dos sentidos, características inerentes aos textos) o meio determina seus efeitos, determina como será apreendido culturalmente: McLuhan e Eisenstein. **De outro uma posição que sustenta que o meio por si só nada define, o que define seria o que se faz com o meio: Johns. De um lado ênfase no meio, de outro nos agentes** (GONÇALVES, 2009, p.11). (grifo nosso)

Pela leitura que fizemos dos críticos que aqui citamos, da leitura de outros textos que foram listados pelos organizadores do livro *Agent of change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein*, lançado em 2007, e da análise do período em que essas críticas foram publicadas, percebemos que a década de 70 e 80 foi um marco para a produção acadêmica da história do livro. Como vimos no primeiro capítulo, o grupo de investigadores pertencentes a este novo campo, entre eles, Roger Chartier, Robert Darnton, Anthony Grafton, entre outros, colabora com novas formas de pesquisa histórica, dando ênfase ao estudo do livro e das novas práticas de leitura.

⁹⁸ No original: “*But this does not mean that manuscripts were no longer being produced or that copyists had stopped plying their trade*”.

A inquietação de Eisenstein quanto à história do livro surge quando ela percebe que os historiadores tentam enquadrar sua obra, *The printing press as an agent of change*, como pertencente a essa nova disciplina, dizendo que os poderes atribuídos à imprensa definem-se dentro do contexto da história do livro. E aí nos colocamos as seguintes perguntas: se as afirmações desses historiadores forem verdadeiras, elas não invalidam o estudo de Eisenstein? Ou, pelo menos, o redimensionam e circunscrevem num espaço muito restrito? Quais são os argumentos apontados por Eisenstein? A tentativa de encontrar respostas para essas questões serão o centro da nossa discussão no próximo tópico.

4.2 O problema da imprensa no contexto da história do livro

Na entrevista concedida aos autores do livro *Agent of change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein*, em 2007, Eisenstein argumenta que o maior problema em se enquadrar os efeitos da imprensa no contexto da história do livro é a negligência dos historiadores em perceber que mais importante do que descrever a repercussão e utilização dos produtos impressos na sociedade do século XV, é perceber a natureza dessas consequências, que está intimamente ligada ao meio impresso. “Além disso, os historiadores do livro são propensos a considerar as mudanças que vieram após a adoção da imprensa como relativamente insignificantes em vista de outras mudanças importantes” (EISENSTEIN, 2007, p.417)⁹⁹.

Segundo Eisenstein (2007, p.417), “a história do livro estimula a visão de que nada mudou muito após a imprensa ter substituído o escriba”¹⁰⁰. E essa visão é revelada nos estudos dos historiadores pertencentes a esse grupo de investigadores, como é o caso de Roger Chartier, o qual mencionamos no tópico anterior. Como dissemos no terceiro capítulo, mesmo as obras publicadas por W. T. Berry e H. W. Poole, *Annals of printing*; Philip Gaskell, *A new introduction to bibliography*; Febvre e Martin, *The coming of the book* e S. H. Steinberg, *Five hundred years of printing*, destacadas por Eisenstein pelo tratamento magistral dado à história da imprensa e do livro, não contemplaram essa invenção como um meio de comunicação.

⁹⁹ No original: “Furthermore, book historians are likely to regard the changes that came after the adoption of printing as relatively insignificant in view of all the other major changes”.

¹⁰⁰ No original: “book history encourages the view that nothing much changed after printer replaced scribe”.

No livro de Febvre e Martin, *The coming of the book*, os autores descrevem a imprensa como um progresso técnico e atribuem um papel secundário a ela no que diz respeito à produção dos livros impressos, afirmando que essa invenção não poderia subsistir sem a existência do papel. A elaboração de um capítulo inteiro sobre o surgimento, desenvolvimento e comércio do papel e as frequentes afirmações, no decorrer do livro, de sua importância para a existência da imprensa são os indícios da relevância dada por Febvre e Martin a este suporte material utilizado para a produção dos livros impressos. A imprensa, por sua vez, é descrita em seu funcionamento como máquina.

Eisenstein (1980) observa que na história econômica os historiadores ampliaram suas visões e começaram a notar os aspectos inovadores proporcionados pela imprensa. Segundo ela, a história social também tem dado mais destaque aos estudos relacionados à imprensa. Mas, apesar desses historiadores apontarem os indícios dos efeitos dessa invenção, eles não desenvolvem o debate. Um debate que, segundo ela, começou a se mostrar de forma mais clara por Walter Ong, que, ao falar sobre as transformações causadas na consciência humana durante a transição da era manuscrita-impressa, reconhece as inúmeras mudanças trazidas pela invenção da imprensa. Assim como Eisenstein, Ong (1998) utilizava constantemente a comparação entre a cultura manuscrita e impressa, ressaltando diversas modificações estruturais trazidas pelo meio impresso aos textos e ao pensamento humano. Mas, para a historiadora, foi McLuhan que trouxe para o centro da discussão as mudanças ocasionadas pela imprensa.

Com uma visão cética em relação a pontos de vista tradicionalmente aceitos nos estudos da História, Eisenstein também contempla o trabalho de estudiosos que tratam “de problemas levantados pela história dos ‘inarticulados’ (como são por vezes chamados, de modo estranho, os povos presumivelmente falantes, mas sem a escrita)” (1998, p.10-11). É o caso do estudo desenvolvido pelo antropólogo Jack Goody e pelo professor de inglês, Ian Watt, que explicam como a herança cultural é transmitida em sociedades orais e como se dá a transformação pela adoção da escrita. Como foi dito no terceiro capítulo, esses dois pesquisadores citam diversos exemplos que ilustram as maneiras encontradas pelos povos tribais de se organizarem para manter vivos na memória as tradições e costumes. “Esses novos enfoques são úteis não somente para corrigir um velho desequilíbrio elitista, mas também para acrescentar muitas dimensões ao estudo da história ocidental” (EISENSTEIN, 1998, p.11). Em outras palavras, Eisenstein apoia os novos enfoques dados aos estudos sobre a história da escrita, em que

os pesquisadores dirigem a atenção para outros grupos sociais que não sejam os da elite letrada da Europa Ocidental. Desse ponto de vista, a historiadora reconhece que a abordagem que ela utilizou no estudo da imprensa “é vulnerável à acusação de ser muito eurocêntrica” (2007, p.413)¹⁰¹, já que se concentrou na elite letrada da Europa Ocidental. Mas ela diz que, apesar desse eurocentrismo, as suas discussões também são válidas para outros desenvolvimentos que ocorreram fora do mundo ocidental.

Ao avaliar os textos produzidos por esse grupo de estudiosos da história do livro e compará-los com o que foi escrito por outros autores não pertencentes ao campo da História, como McLuhan, por exemplo, Eisenstein considera os estudos da cultura impressa “como um subconjunto de uma ampla história da comunicação, embora, com certeza, a comunicação como um campo histórico de estudo ainda esteja em um estado amorfo” (p.417)¹⁰².

Mesmo com as pistas favoráveis ao entendimento de que Eisenstein buscou dialogar com o campo da Comunicação, essa conclusão a qual ela chegou nos causou alívio. Isso porque, se Eisenstein argumentasse que seu estudo sobre a imprensa pertence à história do livro, nossa pesquisa perderia a validade no que consiste ao papel do meio de comunicação na construção da história. Porque, se bem entendemos, a história do livro centra-se no conteúdo do meio, e não no meio de comunicação em si. E não só nisso, mas na história dos editores e outras coisas que tiram o foco da influência do meio. Ao enquadrar seu estudo na “história da comunicação”, Eisenstein compreende a imprensa como protagonista da história, e não simplesmente como um progresso técnico.

No decorrer do livro “A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna”, de 1998, Eisenstein sugere aos historiadores possíveis alternativas para o estudo da era impressa. Essas alternativas referem-se ao duplo movimento entre a imprensa e as transformações culturais. Por considerar difícil estabelecer essas conexões, ela disse que se dedicou a essa tarefa com cautela, para evitar puras especulações.

Com base nessa sugestão dada por Eisenstein sobre as alternativas possíveis para se estudar a imprensa no contexto histórico, veremos em seguida como ela aliou esse

¹⁰¹ No original: “my approach is vulnerable to the charge of being too Eurocentric”.

¹⁰² No original: “I prefer to think of such studies as a subset of a broader history of communications, although, to be sure, communications as a historical field of study is still in an amorphous state”.

duplo movimento entre a imprensa e as transformações culturais ocorridas com a Renascença, com a Reforma Protestante e com o surgimento da Ciência Moderna.

4.3 O estudo do meio pelo contexto histórico

Eisenstein observou, durante suas investigações sobre a imprensa, que algumas lacunas existentes no estudo convencional dos movimentos da Renascença, da Reforma Protestante e da Ciência Moderna poderiam ser sanadas se a influência da invenção de Gutenberg fosse levada em conta. Segundo ela, apesar de alguns estudiosos considerarem a narrativa sobre esses movimentos fora de moda, ela ainda é referência para os estudos sobre a civilização ocidental.

Na entrevista concedida ao livro *Agent of change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein*, a historiadora revela que durante o período em que cursou a graduação na *Vassar College* e pós-graduação na *Radcliffe College*, localizadas nos EUA, a disciplina de Civilização Ocidental era obrigatória nos currículos de História. Segundo ela, essa influência refletiu profundamente em seus estudos. Assim como, a experiência de ser marginalizada como uma estudiosa mulher, nos anos 50 e 60, também refletiu na tendência em adotar atitudes céticas em relação aos pontos de vista que são aceitos pela maioria dos historiadores. Seus estudos sobre a Revolução Francesa, por exemplo, desafiam a interpretação historicamente aceita das origens dessa revolução. Ela também se mostrou insatisfeita com as explicações dadas pela literatura histórica para os movimentos culturais e intelectuais do início dos tempos modernos. Eisenstein não diz explicitamente o motivo da escolha de cada um desses movimentos, mas essas explicações já nos dão uma ideia da ousadia do estudo desenvolvido por ela.

Ao falar sobre a relação entre a imprensa e as transformações culturais, Eisenstein faz um comentário importante. Segundo ela, mesmo que os movimentos históricos não tenham coincidido cronologicamente com o surgimento do meio impresso, é possível investigar as intervenções causadas neles. Essa constatação torna o trabalho da historiadora ainda mais interessante, no sentido de verificar como ela conseguiu determinar essa relação. Como dissemos no tópico anterior, Eisenstein achou difícil estabelecer essas conexões e, por isso, dedicou-se a essa tarefa com cautela.

O intuito da nossa pesquisa não é descrever exaustivamente todas as mudanças observadas por Eisenstein. Utilizaremos alguns de seus exemplos na tentativa de contribuir para o entendimento do problema proposto para essa dissertação, que é o de

saber como Eisenstein estabeleceu a relação entre História e Comunicação em seu estudo sobre a imprensa.

Uma das transformações decorrentes do advento da imprensa ocorreu na Renascença. Surgida entre os anos de 1400 a 1500, em uma época em que a exploração de novos continentes e a pesquisa científica proclamavam a confiança no homem, a Renascença viu novas exigências aflorarem, refletidas no desenvolvimento comercial e na nova sociedade urbana emergente. A redescoberta da arte e da literatura da Grécia e Roma, os estudos científicos do corpo humano e do mundo natural também marcaram esse período.

Segundo Elizabeth Eisenstein, a imprensa possibilitou que essas redescobertas pudessem ser registradas de modo permanente, o que incitou o desenvolvimento de investigações sobre a Antiguidade. “Na Renascença italiana, o passado clássico começou a ser observado de uma distância fixa” (EISENSTEIN, 1998, p.136). Além de proporcionar uma visão mais crítica e racionalizada dos fatos históricos, essa observação a certa distância permitiu uma comparação das técnicas utilizadas no passado e uma consequente melhoria das mesmas.

Eisenstein explica que muitos estudiosos da Antiguidade estavam suscetíveis ao plágio, pois suas obras eram consultadas e reescritas por outros autores sem a preocupação com a citação da autoria do texto. O advento da imprensa alterou radicalmente esse cenário, exigindo que se cumprisse o direito de reprodução, conhecido em inglês como *copyright*. “As novas formas de autoria e de direito de propriedade literária solaparam as velhas concepções de autoria coletiva, de maneira a afetar não só a composição de textos bíblicos, mas também os ligados à filosofia, ciências e direito” (EISENSTEIN, 1998, p.102). Isso despertou entre os autores e artistas o desejo pela fama. Eles queriam se promover e obter o reconhecimento por suas publicações. Para isso, utilizavam-se dos autorretratos nas páginas de rosto, do patenteamento das invenções e do reconhecimento dos direitos autorais.

Ao longo da explanação desse movimento conhecido com Renascença, Eisenstein desenvolve uma curiosa reflexão: “Será que de fato todos sabemos em que século a cultura ocidental se tornou nitidamente moderna?” (1998, p.129). Ela levanta esse questionamento para revelar um problema que os historiadores enfrentam em seu campo de estudo quando tentam estabelecer uma periodização dos acontecimentos históricos. E, segundo ela, ainda não há um consenso enquanto a isso. O que existe, na prática, é um consenso em se traçar linhas temporais que possam definir, sem exatidão,

o momento em que um acontecimento termina e outro começa. “Se adotarmos o ponto de vista da maioria dos estudiosos da Renascença, o advento da imprensa ocorre tarde demais para que o possamos tomar como ponto de partida para a transição aos tempos modernos” (1998, p.130). A historiadora coloca-se diante da questão argumentando que não pretende ajustar cronologicamente o surgimento da imprensa com o movimento da Renascença, mas sim, descobrir como esses dois acontecimentos históricos foram afetados um pelo outro. E aí ela diz:

Pouparíamos muita energia acadêmica, penso eu, se começássemos por responder sucinta e claramente à pergunta: “O que era peculiar ao próprio período de transição?”. Entre outras coisas novas reservadas a essa era, poderíamos dizer, repetindo as palavras de um cronista do século XVI, que “a imprensa merece ser colocada em primeiro lugar”. Adotando essa tática, podemos deixar de lado todos os debates sobre rótulos e construções duvidosas. Com isso, dirigiremos nossa atenção para o que realmente ocorreu, para o que obviamente teve importância crucial, para o que aconteceu na segunda metade do século XV, e em nenhum outro momento da história do Ocidente (EISENSTEIN, 1998, p.132).

Em outras palavras, o que Eisenstein sugere aos seus colegas historiadores e a outros estudiosos interessados em datar com precisão a transição entre o período medieval e o período moderno, é que eles tentem entender essa transição pelo que lhe era peculiar: a imprensa. Dessa forma, eles poupariam o desgaste com esse “debate longo e inconclusivo” (EISENSTEIN, 1998, p.129) sobre o início da era moderna.

Eisenstein ainda salienta que outros estudiosos, sejam eles historiadores ou de outras disciplinas, podem voltar o olhar para o primeiro século da imprensa e não enxergar os pontos aqui destacados. Isso acontece porque eles não sabem para onde direcionar o olhar. Segundo ela,

Não é possível, consultando os catálogos de livreiros, em busca de novos títulos, identificar as mudanças mais significativas trazidas pela tipografia. Essa consulta não permite reconhecer que, durante o primeiro século da imprensa, a utilização frequente de páginas de rosto constituía uma novidade (assim como os catálogos de livreiros) (EISENSTEIN, 1998, p.134).

Eisenstein (1998) afirma que a maioria dos historiadores não consegue abrir espaço para o estudo da imprensa, nos esquemas de periodização histórica, porque eles

estão mais voltados para a análise dos conteúdos impressos do que para o meio impresso, em si.

Mesmo admitindo que no primeiro momento a imprensa suscitou mais efeitos sobre a elite letrada do que sobre a população analfabeta, Eisenstein não desconsidera o impacto desta invenção. Segundo ela, um observador que identifica a imprensa pelo seu conteúdo dificilmente acompanhará os resultados dessa evolução nos sistemas de comunicação do século XV.

A historiadora também observa que quando os estudiosos da Comunicação analisam os efeitos causados pela imprensa eles consideram que todos os movimentos culturais foram afetados da mesma maneira. Eisenstein (2010) cita o exemplo do descuido com o contexto histórico na obra de McLuhan, “A galáxia de Gutenberg”. Segundo ela, esse caráter unidimensional utilizado por McLuhan, em seus exemplos, pode confundir o leitor menos familiarizado com a literatura histórica. Ou seja, McLuhan não observa as peculiaridades dos diferentes contextos, ele as engloba em um contexto geral. A historiadora diz: “É importante considerar não só a localização regional do movimento, como o conteúdo específico da tradição textual e, sobretudo, o ‘acidente’ do fator tempo” (1998, p.165).

Essas questões levantadas nos indicam que Eisenstein, de forma muito eficaz, conseguiu observar as intervenções que a imprensa e os movimentos culturais e intelectuais causaram entre si, mesmo eles não coincidindo cronologicamente, e de como ela estabeleceu o diálogo não só com um campo que era familiar ao seu, o da História, mas também com o da Comunicação.

Atentos a esses indícios interpostos na obra de Eisenstein, na fala de seus críticos e na análise que fizemos de outros materiais bibliográficos, seguiremos com as observações da historiadora sobre a influência da imprensa no movimento da Reforma Protestante.

Ao falar sobre esse movimento religioso, Eisenstein explica que, diferentemente da era manuscrita, em que a literatura era limitada e a Igreja Católica reinava religiosa e politicamente na sociedade europeia, a era impressa foi marcada pela ascensão da literatura e pelas intervenções sociais que protestavam contra o poder absoluto da Igreja. A Reforma Protestante ocorreu durante o século XVI e foi caracterizado pelo processo de divisão do cristianismo e pelo surgimento de novas igrejas. De acordo com Cláudio

Vicentino¹⁰³, “A causa imediata da Reforma Protestante foi a crise moral da Igreja, cujo poder e abusos contrastavam com suas pregações” (1997, p.197). Ele ainda argumenta que a Igreja Católica passou a ser considerada um empecilho ao desenvolvimento econômico da Europa.

Eisenstein esclarece que, pela primeira vez, graças ao movimento da Reforma, o público de massa foi atingido. Os reformadores transformaram-se nos primeiros revolucionários e instigadores de um povo, até então, ignorante quanto aos seus direitos e liberdades. Nos primeiros anos do surgimento da imprensa o conhecimento ainda circulava em torno dos intelectuais e autoridades – por estes fazerem parte do grupo urbano de pessoas letradas. De acordo com Eisenstein, os reformadores utilizavam a distribuição de panfletos, com caricaturas e cartuns, para propagar o ideal antipapista e para obter apoio popular. Essa técnica facilitava a compreensão das mensagens destinadas ao público de massa, que em sua maioria era analfabeta.

A historiadora explica que a Igreja Católica foi a primeira a ser atacada pelos protestantes porque se negava a ver a Bíblia ser traduzida para uma língua compreensível aos povos ali existentes. Antes do advento da imprensa, as bíblias só podiam ser lidas em latim, o que dificultava a leitura das palavras sagradas pela maioria da população. As bíblias produzidas em línguas vernáculas mudaram esse contexto, trazendo a possibilidade de que os textos bíblicos fossem lidos em diferentes estabelecimentos e permitindo uma interpretação mais individualizada dessa leitura. Não podemos esquecer que, apesar do maior acesso aos textos sagrados, grande parte da população do século XV era analfabeta. Portanto, o costume de se reunir em volta de um orador não foi subitamente extinto. Na verdade, o que se combateu foi o limitado acesso aos textos bíblicos, que eram restritos a uma minoria. O evangelismo também combateu o monopólio acadêmico e as elites profissionais que não queriam ver suas obras sendo traduzidas para o vernáculo, porque isso implicaria uma mudança nas relações há muito tempo estabelecidas entre o detentor do conhecimento e o aprendiz. Ou seja, a relação entre mestre e aluno seria modificada por conta disso. O aluno poderia consultar vários livros para obter conhecimento ou sanar suas dúvidas sobre determinado assunto, sem a dependência constante de seu mentor.

¹⁰³ Cláudio Vicentino é bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em História pela Universidade de Brasília. Ele é o autor do livro “História geral”, publicado em 1997.

Diferente da Renascença, Eisenstein observou que a influência da imprensa na Reforma Protestante é mais bem aceita entre os historiadores. Segundo ela, isso acontece porque eles reconhecem o número significativo de materiais impressos vendidos entre 1517 e 1520. Esses materiais impressos eram, em sua maioria, publicações de Martinho Lutero, um dos protagonistas do movimento religioso contra o poderio da Igreja Católica.

Quando o conhecimento tornou-se acessível a outras camadas da população que não fossem as elites letradas, representadas pelas autoridades e pelo clero, as imposições tornaram-se contestáveis. “A guerra civil no mundo cristão talvez não fosse inevitável, mas o advento da imprensa acabou por eliminar, pelo menos, a possibilidade de perpetuar o *status quo*” (EISENSTEIN, 1998, p.206). Em outras palavras, ao possibilitar que no primeiro momento os reformadores utilizassem os panfletos como forma de propagar suas opiniões e, posteriormente, que a bíblia fosse produzida em línguas vernáculas, a imprensa proporcionou ao movimento Protestante o incentivo necessário à propagação da tolerância entre os diferentes credos. Desde então, os reformadores reforçaram essa tendência modernizadora. “Todos os problemas ligados ao rompimento do mundo cristão ocidental se tornarão menos desconcertantes se, ao enfocá-los, nós respeitarmos a ordem dos eventos e pusermos o advento da imprensa à frente da Revolta Protestante” (EISENSTEIN, 1998, p.206). Dito de outra forma, Eisenstein avalia que muitas das características inerentes ao meio impresso, que se propagaram após sua invenção, refletiram nos subseqüentes movimentos históricos. Portanto, esses movimentos poderiam ser estudados levando-se em conta, antecipadamente, a análise das mudanças trazidas pela imprensa.

Em relação ao último movimento analisado, o surgimento da Ciência Moderna, Eisenstein diz “que o advento da imprensa devia merecer maior destaque dos historiadores da ciência quando eles caracterizam o contexto em que ocorreu a queda da astronomia ptolomaica, da anatomia galênica e da física aristotélica” (1998, p.207). Isso porque a Ciência Moderna, surgida por volta do século XVII, é caracterizada pela oposição à ciência anterior. Neste período, a crença mítica nos cosmos foi substituída pelos estudos físico-matemáticos e o espírito crítico do homem partiu para a ciência experimental e para a observação, a fim de obter explicações racionais para os fenômenos da natureza.

O que dificultou a visibilidade da influência da imprensa na Revolução Científica talvez tenha sido a resistência dos próprios protagonistas deste movimento.

Em outras palavras, os cientistas não queriam que seus trabalhos fossem propagados pela imprensa. Ao contrário dos reformistas, os cientistas primavam pela pequena circularidade de seus materiais, que eram, em sua maioria, escritos em latim. Mesmo os investigadores não sendo favoráveis, os efeitos ocasionados pela imprensa também afetaram esse movimento intelectual.

A vida intelectual e espiritual, muito longe de permanecer inalterada, foi profundamente modificada pela multiplicação de novas ferramentas usadas para a multiplicação de livros na Europa do século XV. O deslocamento nas comunicações alterou o modo como os cristãos ocidentais viam o seu livro sagrado e o mundo natural. Fez com que as palavras de Deus aparecessem mais multiformes, enquanto sua obra se apresentava mais uniforme. A máquina impressora formou o alicerce tanto para o fundamentalismo literal como para a ciência moderna; permanece indispensável para a erudição humanística, além de continuar respondendo por nosso museu sem paredes (Eisenstein, 1998, p.298).

Segundo Eisenstein (1998), os astrônomos foram beneficiados com o acesso a diversos textos e materiais referentes ao mapa geográfico, que posteriormente viabilizou a elaboração de um mapa mundial preciso. Mas para isso, era necessário que o astrônomo tivesse o domínio dos registros antigos dos mapas do mundo para que se pudesse ingressar em novas descobertas. Nesse sentido, os materiais manuscritos eram constantemente manipulados pelos profissionais, mesmo com a imprensa em voga. Por isso que muitos historiadores, como Roger Chartier, por exemplo, insistem em falar sobre a continuidade da cultura manuscrita na era impressa. Como já explicamos em outro momento, Eisenstein não negou essa continuidade, mas preferiu dar ênfase na imprensa para não correr o risco de se perder na análise dos conteúdos impressos.

Com a utilização tanto de manuscritos como de impressos, os cientistas beneficiaram-se com o método comparativo de conhecimento. Ou seja, eles poderiam cruzar referências de diferentes áreas do conhecimento (matemática, anatomia, física, biologia, entre outros) e, então, enriquecer a análise de seus estudos. Essa experiência contribuiu para melhores resultados nas pesquisas e também para a descoberta de novos estudos. Porém, era uma atividade que só poderia ser realizada pelos seletos grupos de intelectuais que compreendiam o conteúdo dos textos. Esta forma de conhecimento era confusa para os indivíduos que não pertenciam a esse círculo. Nesse sentido, interrogamo-nos: a quem devemos atribuir o progresso científico? Eisenstein (1998) considera que há muita controvérsia em relação a essa atribuição e que seria mais

apropriado utilizar a imprensa como referência para essa discussão. Em um trecho do livro “A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna”, a historiadora destaca o seguinte posicionamento:

Parece um tanto ocioso solicitar aos historiadores que busquem os elementos que entraram no processo de formação de uma “modernidade” indefinida. **Afigura-se mais promissor considerar os efeitos de uma mudança bem definida que ocorreu no sistema de comunicações, e que entrou em cada um dos movimentos ora sob discussão.** Entre outras vantagens, este enfoque permite descobrir relações que os debates sobre modernidade costumam encobrir (EISENSTEIN, 1998, p.278). (grifo nosso).

Segundo a historiadora, ao direcionar as energias para o estudo dos efeitos de uma mudança no sistema de comunicação, é possível perceber os novos traços delineados por ela em uma determinada cultura e compará-los com épocas anteriores ao seu surgimento. Mas ela nos alerta para a compreensão de que os fatores que motivam a instalação de uma nova tecnologia em um dado contexto cultural podem ser, e geralmente são, muito diferentes em outro contexto. “Num contexto cultural diferente, a mesma tecnologia poderia ter sido empregada para fins diferentes (como aconteceu na China e na Coreia) ou poderia ter sido mal recebida, e não ser utilizada de modo algum” (EISENSTEIN, 1998, p.297). Eisenstein concentrou-se no estudo de algumas regiões localizadas na Europa Ocidental, excluindo, dessa forma, possíveis desenvolvimentos anteriores a de Gutenberg na Ásia, na Europa Oriental, no Oriente Próximo e Novo Mundo. De acordo com ela (1998), os efeitos da imprensa na Europa ocidental foram mais evidentes do que em outras regiões.

Por fim, a historiadora comenta que o estudo da imprensa não está esgotado. Ela diz que existem vários outros aspectos dessa invenção que não foram contemplados em sua pesquisa e que mereceriam ser aprofundados por outros estudiosos. Como, por exemplo, a evidência de outros efeitos do meio impresso que não foram apreendidos por ela ou que passaram despercebidos.

Ao desenvolver uma análise crítica em cima das questões levantadas e discutidas nos capítulos anteriores, observamos quais foram os aportes epistêmico, teórico e metodológico utilizados por Eisenstein na construção dessa relação entre o campo da História e da Comunicação. O aporte epistemológico torna-se visível na medida em a historiadora contraria a literatura do campo da História e propõe a centralidade dos meios de comunicação para se compreender o passado. Para ela, a chave de leitura da

compreensão das várias transformações que sofremos foi a mudança dos sistemas de comunicação. Em diversas passagens da dissertação, explicitamos esse posicionamento da historiadora, como, por exemplo, em um trecho que destacamos da última citação deste capítulo, onde Eisenstein (1998, p.278) diz: “Afigura-se mais promissor considerar os efeitos de uma mudança bem definida que ocorreu no sistema de comunicações, e que entrou em cada um dos movimentos ora sob discussão”. Nesse sentido, a historiadora observa que o esforço empreendido para se analisar os novos traços delineados pelo meio impresso traz resultados muito mais visíveis e interessantes do que a tentativa de periodização do surgimento da era moderna.

Ao se debruçar no estudo da imprensa, Eisenstein ficou atenta aos erros cometidos por McLuhan e estabeleceu um criterioso percurso metodológico para sua pesquisa. Como dissemos anteriormente, apesar do reconhecimento que Eisenstein tem por McLuhan e pelo livro “A galaxia de Gutenberg”, publicado em 1962, ela diz que a falta de preocupação com o contexto histórico e a forma com que as ideias foram organizadas são problema na obra deste autor. Eisenstein debruçou-se sobre um meio específico, um período, um grupo e um lugar, buscando, dessa forma, o rigor e o detalhamento o qual McLuhan foi acusado de não fazer. Ou seja, no percurso metodológico, Eisenstein escolheu momentos históricos bem determinados e mergulhou profundamente neles. Não nos comprometemos em avaliar criteriosamente o conteúdo de cada um dos movimentos históricos utilizados por Eisenstein, a Renascença, a Reforma Protestante e a Ciência Moderna, porque esse não é o nosso objeto de investigação.

Em relação ao aporte teórico, podemos dizer que Eisenstein aprofundou seu conhecimento não só nos autores pertencentes à Teoria do Meio, como também nos movimentos culturais e intelectuais trabalhados por ela. Como dissemos no terceiro capítulo, Eisenstein utilizou leituras preliminares e gerais sobre a história da imprensa e do livro; sobre oralidade, uso da escrita e cultura da era dos escribas – público ouvinte e leitor; sobre o advento da imprensa – alguns impressores primitivos e sua produção; sobre a imprensa e os desenvolvimentos a ela relacionados – impressores eruditos e humanistas renascentistas; sobre a impressão da bíblia, do protestantismo e a propaganda religiosa; e, finalmente, sobre a imprensa e a primitiva ciência moderna – a revolução copernicana.

Até conseguir lançar seu primeiro livro sobre o estudo da imprensa, *The Printing Press as na Agent of Change*, 1979, Eisenstein empreendeu quinze anos de pesquisa, de

1964 a 1979. Durante esse período, ela se esforçou criteriosa e exaustivamente para dialogar com os pares que estavam falando de comunicação e de história, o que levou ao resultado de uma obra contemplada e discutida no exterior.

Considerações finais

Na epígrafe da introdução da dissertação, Ramón y Cajal (1979) diz que nossa admiração por algumas criações científicas diminuiria se soubéssemos de todos os esforços, erros e tentativas empreendidos nessas criações. Em nosso caso, percebemos que a admiração pelo trabalho desenvolvido por Eisenstein foi acentuada pelas descobertas que fizemos de sua personalidade ousada, de sua perseverança e até mesmo de seus erros e tentativas.

A obra de Eisenstein também nos mostrou como a relação entre duas áreas do conhecimento pode ser bem construída, sem que uma área se sobreponha a outra. Ela sugere que seus colegas historiadores abram espaço para o duplo movimento que o meio de comunicação e as transformações culturais podem gerar, sem precisar abandonar os elementos da História. Isso significa dizer que o estudo realizado por Eisenstein sai da zona de conforto das pesquisas de história da comunicação, em que o meio é analisado pelo uso social ou pelas características técnicas enquanto suporte tecnológico, para então buscar entender o papel do meio de comunicação na construção da história. Como argumentamos no capítulo anterior, talvez o maior incômodo que Eisenstein tenha causado entre os historiadores foi presumir que o surgimento da imprensa foi uma revolução.

Na entrevista concedida ao blog *Figure/Ground Communication*, em 2010, Eisenstein revela que com a visão e experiência que possui hoje, ela não colocaria mais em seu livro, *The printing press as an agent of change*, o capítulo que ela intitulou “Uma revolução despercebida”. Isso porque, segundo ela, o fato de ainda existirem trabalhos que discutem sua obra demonstra que a imprensa não foi uma revolução despercebida e que, pelo contrário, ainda é muito discutida no meio acadêmico.

Eisenstein ainda esclarece que a escrita e a imprensa, em última instância, deram as condições da História existir enquanto área do conhecimento. No tópico intitulado “O estudo do meio pelo contexto histórico”, a historiadora explica que a possibilidade instaurada pela imprensa de registrar, de modo permanente, os acontecimentos históricos ao longo da evolução da humanidade, principalmente aqueles ligados aos registros da Antiguidade, possibilitou que os historiadores pudessem consultar esses materiais e proporcionou a eles uma visão mais crítica e racionalizada dos fatos históricos. Essa observação a certa distância permitiu uma comparação das

técnicas e conhecimentos utilizados no passado. Por isso, Eisenstein diz que os historiadores deveriam se sentir atraídos pelo estudo dessa invenção, já que ela criou as condições necessárias para que o exercício do historiador.

Outro ponto importante na obra de Eisenstein diz respeito ao estudo das transformações culturais trabalhadas por ela. A historiadora consegue, de uma maneira muito eficaz, observar as intervenções que a imprensa e os movimentos culturais e intelectuais causaram entre si, mesmo eles não coincidindo cronologicamente. E é nesse ponto que Eisenstein chama atenção dos estudiosos em comunicação para a negligência do contexto histórico no estudo do meio de comunicação. De acordo com ela, é preciso que esses estudiosos estejam atentos à delimitação do contexto histórico de seus trabalhos, para que suas pesquisas não se enfraqueçam metodologicamente, assim como aconteceu com o canadense Marshall McLuhan.

Também observamos um fato curioso em relação a Eisenstein. Percebemos que ela possuía uma atitude ambivalente em relação à Comunicação. Ao mesmo tempo em que ela rebatia a fala de seus críticos, dizendo que sua obra, *The printing press as an agent of change*, era uma história da comunicação¹⁰⁴, e não uma história do livro, Eisenstein considerava o campo da Comunicação um campo sem definição. Essa insegurança da autora é compreensivelmente justificável. Não só por ela ter se arriscado a desenvolver uma problemática de estudo diferente do que realizava no campo da História, como também pelo fato da Comunicação, na década de 1979, ano em que o livro *The printing press as an agent of change* foi lançado, ainda se constituir em um campo em construção.

No artigo intitulado “Abordagens e representação do campo comunicacional”, publicado em 2006, o pesquisador Martino traça, de forma esquemática, as fases do desenvolvimento do pensamento comunicacional, em que diz que na década de 1960 e 1970 o cenário em que se constituía o campo da Comunicação centrava-se no debate epistemológico e no trabalho de sistematização teórica. Segundo ele, a interdisciplinaridade inerente a este campo era o pano de fundo do pensamento epistemológico. E que “A partir dos anos 1980 surge uma outra versão da interdisciplinaridade que irá dominar o pensamento epistemológico da área” (MARTINO, 2006, p.43). Ou seja, esse foi um momento em que muitos autores

¹⁰⁴ O sentido que aqui atribuímos para a história da comunicação diz respeito ao estudo do papel do meio de comunicação na construção da história, e não no sentido do meio enquanto progresso técnico, onde a história de seu surgimento e suas características técnicas são descritas.

deixaram de lado a tentativa de reclamar para a Comunicação o estatuto de campo científico. Em virtude disso, o saber comunicacional passou a ser identificado “como uma forma de conhecimento *sui generis*, produto e produtor de um novo estado das coisas e do mundo” (MARTINO, 2006, p.43). Coincidentemente, Eisenstein foi criticada por Adrian Johns por ter designado a imprensa como algo *sui generis*, que paira além do alcance da análise histórica. E de fato, se bem entendemos as colocações de Martino, a imprensa, no sentido em que Eisenstein se propôs a estudá-la, ultrapassava a análise histórica, para então ampliá-la ao estudo da Comunicação.

Essa pesquisa nos mostrou que a obra de Eisenstein é fruto do amadurecimento teórico e metodológico sobre o estudo da imprensa. Uma vez marcada pelo interesse do trabalho iniciado por McLuhan, Eisenstein seguiu numa rigorosa e metódica leitura dos autores que pesquisavam os efeitos dos meios, entre eles: Jack Goody e Ian Watt, Eric Havelock, Walter Ong, entre outros, e sobre os movimentos culturais e intelectuais escolhidos por ela. Como foi mencionado no terceiro capítulo, o mapeamento da extensa bibliografia utilizada pela historiadora indica que a quantidade e variedade de textos ao alcance dela foi muito maior do que a de McLuhan. Enquanto as obras mais recentes utilizadas por Eisenstein datam de 1976, a literatura consultada por McLuhan data do final dos anos 20 ao início dos anos 60. Mas não podemos perder de vista o fato de que, se por um lado Eisenstein beneficiou-se com a possibilidade de comparar e interpretar diversas leituras, trazendo talvez maior rigor teórico e metodológico para a sua pesquisa, por outro lado McLuhan tornou possível a discussão das transformações causadas pelo surgimento da imprensa.

Ao nos determos na análise do material bibliográfico produzido por Eisenstein, deparamo-nos, inadvertidamente, com uma produção acadêmica que se iniciou no ano de 1952 e que continuava a ser produzida. Tivemos que lidar com a seguinte questão: como estabelecer um período determinado para a análise da produção de Eisenstein? Encontramo-nos encurralados pelo desafio de dar conta da leitura de uma produção tão vasta e, ao mesmo tempo, essencial para a nossa pesquisa. Quando voltamos nosso foco para as publicações de Eisenstein sobre a imprensa, percebemos que houve quase duas décadas, de 1964 a 1979, de produção intensa sobre o assunto e que, logo depois de 1979, os críticos e comentadores também produziram muitos textos que seguiram com o debate proposto pela historiadora. Portanto, não temos como definir exatamente o período com o qual trabalhamos. O que podemos dizer é que demos prioridade à leitura dos textos publicados entre 1964, ano em que Eisenstein iniciou seus estudos sobre a

imprensa, e 1979, ano em que ela lançou seu livro mais polêmico, *The printing press as an agent of change*. Também nos detivemos na leitura dos textos de alguns críticos, que, aliás, foram muitos. Só para deixar claro, estamos nos referindo aos críticos no cenário dos jornais e revistas britânicas e americanas. Entre os textos produzidos por eles, selecionamos aqueles que se referiam ao estudo de Eisenstein na Comunicação.

Nossa leitura da obra de Eisenstein leva-nos a pensar e a colocar em discussão o pouco destaque dado ao trabalho dela no centro dos debates sobre história da comunicação ou, até mesmo, sobre teorias da comunicação, aqui no Brasil. O estudo desenvolvido por ela é mais discutido entre os historiadores do que entre os comunicólogos. Uma perda, sem dúvidas, significativa para o debate epistemológico da comunicação. Uma discussão que poderia se estender nos aportes metodológicos utilizados por ela para construir essa relação entre História e Comunicação. Ou até mesmo no aporte teórico, que contém excelentes referências bibliográficas para o campo da Comunicação, de uma maneira geral, e para o estudo dos meios de comunicação, em particular.

Sabemos que essa pesquisa é apenas um passo para o reconhecimento dessa historiadora e que muitas considerações ainda serão feitas sobre ela. E, se assim for, ficaremos satisfeitos.

Referências

- BALL-ROKEACH, Sandra; DEFLEUR, Melvin L.. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1997.
- BARON, Sabrina Alcorn et al. **Agent of change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein**. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 2007.
- BOORSTIN, Daniel. **L'Image**. Paris: Union Générale d'Éditions, Col. 10/18. 1971.
- BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- _____. **Da história da cultura impressa à história cultural do impresso**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 81-102, jan. 2005.
- _____. **Origens culturais da Revolução Francesa**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- CROWLEY, David; HEYER, Paul. **La comunicación en la historia: tecnología, cultura e sociedad**. Barcelona: Bosch, 1997.
- EISENSTEIN, Elizabeth L.. **A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- EISENSTEIN, Elizabeth L.. **Divine art, infernal machine: the reception of printing in the West from first impressions to the sense of an ending**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press. 2011.
- _____. **The printing press as an agent of change**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- FERREIRA, Giovandro Marcus et al. **Teorias da Comunicação: trajetórias investigativas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- FROSSARD, Vera Cecília. **Tipos e bits: a trajetória do livro**. I LIHED - Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. Rio de Janeiro, em 2004.
- GONÇALVES, Márcio Souza. **A polêmica Eisenstein-Johns I**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Curitiba, 2009.
- GONÇALVES, Márcio Souza. **McLuhan, Eisenstein e Johns**. II LIHED – Seminário Brasileiro Livro e História Editorial. Rio de Janeiro, 2009.
- GOODY, Jack, WATT, Ian. **As consequências do letramento**. São Paulo: Paulistana, 2006.
- HAVELOCK, Eric. **Prefácio a Platão**. São Paulo: Papyrus, 1996.
- HERSCHMANN, Micael; RIBEIRO, Ana Paula G.. **Comunicação e História: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2008.
- HOHLFELDT, Antonio.; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (orgs.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- INNIS, Harold A.. **O viés da comunicação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- KERCKHOVE, Derrick de. **McLuhan and the Toronto School of Communication**. In: Canadian Journal of Communication. Canadá, 1989, p.73-79.
- MACNALLY, Peter F. **The advent of printing: historians of science respond to Elizabeth Eisenstein's The printing press as an agent of change**. Montreal: McGill Univ., 1987.

- MARTÍNEZ, Jesús Octavio Elizondo. **La escuela de comunicación de Toronto: comprendiendo los efectos del cambio tecnológico.** México: Siglo XXI, 2009.
- MARTINO, Luiz Cláudio. **Abordagens e representação do campo comunicacional.** Revista Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, vol.3, n.8, p.33-54, Nov.2006.
- _____. **Atualidade mediática: o conceito e suas dimensões.** Compós Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Belo Horizonte, 2009.
- _____. **Contribuições para o estudo dos meios de comunicação.** Revista Famecos, Porto Alegre, n.13, semestral, p.103-114, dez. 2000.
- MARTINS, Bruno Guimarães. **Paula Brito e a petalógica: distorções na formação de uma cultura letrada no Brasil.** 1º Colóquio em Comunicação e Sociabilidade. Minas Gerais, em 2008.
- MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico.** trad. Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1973.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Editora Cultrix, 1964.
- MEYROWITZ, Joshua. **No sense of place: the impact of electronic media on social behavior.** New York: Oxford University Press, 1985.
- MEYROWITZ, Joshua. **Medium theory.** In: D. Crowley & D. Mitchell (org). Communication theory today. Cambridge, England: Polity Press, 1994. pp. 50-77.
- NORA, Pierre. **O retorno do fato.** In: LE GOFF, Jacques; NORA, P. História: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- ONG, Walter J.. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra.** São Paulo: Papyrus, 1998.
- SOUSA, Janara K. Leal Lopes. **Contribuições, limites e desafios da Teoria do Meio.** Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília. Distrito Federal, fevereiro de 2003.
- THOMPSON, John B.. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- VARÃO, Rafiza L.. **Harold Lasswell e o Campo da Comunicação.** Tese de doutorado. Universidade de Brasília. Distrito Federal, outubro de 2012.
- VICENTINO, Cláudio. **História geral.** São Paulo: Editora Scipione, 1997.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** Lisboa: Editora Presença, 1999.

Sites

- AMERICAN HISTORICAL ASSOCIATION. **2002 Book Awards and Prizes.** Disponível em: <<http://www.historians.org/annual/2003/2002prizes.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2011.
- BRUNO LATOUR. **Biography.** Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/biography>>. Acesso em 08 jan. 2013.
- COUNCIL OF INDEPENDENT COLLEGES. **Main Building, Vassar College.** Disponível em: <<http://puka.cs.waikato.ac.nz/cgi-bin/cic/library?a=d&d=p1822.1>>. Acesso em 08 jan. 2013.
- DRAZNIN, Yaffa. **National Coalition of Independent Scholars to award Eisenstein article prize.** Disponível em:

<<http://www.hnet.org/announce/show.cgi?ID=128858>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

EISENSTEIN, Elizabeth L.. **An unacknowledge revolution revisited**. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.1086/532098>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

_____. **A Reply**. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/1859240>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

_____. **Class in the French Revolution: A Discussion**. Disponível em: <<http://www.historycooperative.org/journals/jstor/ahr/ahr-72-2-toc.html>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

_____. **Clio and Chronos an essay on the making and breaking of history-book time**. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/2504251>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

_____. **Divine Art, Infernal Machine: the Reception of Printing in the West from first impressions to the sense of an ending**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press. 2011.

_____. **From the printed word to the moving image**. Disponível em: <http://findarticles.com/p/articles/mi_m2267/is_n3_v64/ai_19952023/?tag=content;coll>. Acesso em: 16 nov. 2011.

_____. **Gods, Devils, and Gutenberg: the eighteenth century confronts the printing press**. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/journals/sec/summary/v027/27.eisenstein.html>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

_____. **How to Acknowledge a Revolution: Reply**. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.1086/532100>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

_____. **Old media in the new millennium**. Disponível em: http://www.mediaecology.org/publications/MEA_proceedings/v3/Eisenstein03.pdf. Acesso em: 16 nov. 2011.

_____. **On revolution and the printed word**. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=IwDo9eS59FEC&oi=fnd&pg=PA186&dq=elizabeth+eisenstein&ots=oHwtAZOdQJ&sig=jwYxbx5ldiR8mBKtws6BqwS5_w#v=onepage&q=elizabeth%20eisenstein&f=false>. Acesso em: 16 nov. 2011.

_____. **Some conjectures about the impact of printing on Western society and thought: A preliminary report**. Disponível em: <<http://ninthmuse.org/teaching/526/Eisenstein,%20Some%20conjectures%20on%20the%20impact%20of%20printing.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

_____. **The Advent of Printing and the Problem of the Renaissance: A Reply**. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/650399>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

_____. **The Advent of Printing in Current Historical Literature: Notes and Comments on an Elusive Transformation**. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/1854527>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

_____. **The emergence of print culture in the West**. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1460-2466.1980.tb01775.x/abstract>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

FAMILY TREE MAKER. **Julian Calvert Eisenstein**. Disponível em: <<http://familytreemaker.genealogy.com/users/f/u/r/James-M-Furner/WEBSITE-0001/UHP-0180.html>>. Acesso em 12 nov. 2012.

FERRARI, Márcio. **Roger Chartier**. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/roger-chartier432594.shtml>>. Acesso em: 05 fev. 2012.

FIND A GRAVE. **Adolph Lewisohn**. Disponível em:
<http://www.findagrave.com/cgi-bin/fg.cgi?page=pv&GRid=625>. Acesso em 08 jan. 2013.

GEORGETOWN UNIVERSITY. **Department of History**. Disponível em:
<http://events.georgetown.edu/events/index.cfm?Action=View&CalendarID=49&EventID=85093>> Acesso em: 08 fev. 2012.

GUTENBERG-GESELLSCHAFT. **Internationale Gutenberg-Gellschaft**. Disponível em: <http://www.gutenberg-gesellschaft.de/presse.html>>. Acesso em 08 jan. 2013.

HARVARD UNIVERSITY. **Archivegrid Julian Calvert**. Disponível em:
<http://beta.worldcat.org/archivegrid/record.php?id=77067316>>. Acesso em 08 jan. 2013.

HARVARD UNIVERSITY PRESS. **The first professional revolutionist: Filippo Michele Buonarroti – 1761-1837**. Disponível em:
<http://www.hup.harvard.edu/catalog.php?recid=30185>>. Acesso em: 09 ago. 2012.

HEALTH SUCCESS. **Press: Elizabeth Eisenstein**. Disponível em:
<http://healthsuccessquest.com/press/Elizabeth-Eisenstein.html#>>. Acesso em: 28 dez. 2011.

H-NET. **National Coalition of Independent Scholars to award Eisenstein article prize**. Disponível em: <http://www.h-net.org/announce/show.cgi?ID=128858>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

IMMIGRANT ENTREPRENEURSIP. **Adolph Lewisohn**. Disponível em:
<http://www.immigrantentrepreneurship.org/entry.php?rec=47>>. Acesso em: 09 ago. 2012.

JEWISH ENCYCLOPEDIA. **Joseph Seligman**. Disponível em:
<http://www.jewishencyclopedia.com/articles/13403-seligman>>. Acesso em 12 nov. 2012.

JEWISH WOMENS ARCHIVE. **Margaret Seligman**. Disponível em:
jwa.org/encyclopedia/article/lewisohn-margaret-seligman>. Acesso em 12 nov. 2012.

LIBRARY OF CONGRESS. **The Center for the Book in the Library of Congress**. Disponível em: <http://www.read.gov/cfb/>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

LOWELL HOUSE. **Lowell House**. Disponível em:
<http://www.lowell.harvard.edu/icb/icb.do?keyword=k69091&pageid=icb.page333233>>. Acesso em 08 jan. 2013.

MASS MEDIA HISTORY. **Elizabeth Eisenstein Idea**. Disponível em:
<http://massmediahistory.blogspot.com/2009/02/elizabeth-eisenstein-idea.html>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

PRINCETON UNIVERSITY. **Department of History**. Disponível em:
http://www.princeton.edu/history/people/display_person.xml?netid=tkrabb>. Acesso em 08 jan. 2013.
<http://www.hup.harvard.edu/catalog.php?recid=30185>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

RALON, Laureano. **Interview with Elizabeth Eisenstein**. Disponível em:
<http://figureground.ca/interviews/elizabeth-eisenstein/>>. Acesso em: 22 set. 2011.

REVENUES. **Joseph Seligman**. Disponível em:
<http://1898revenues.blogspot.com.br/>>. Acesso em 12 nov. 2012.

SHIRKY, Clay. **Jornais e pensando o impensável**. Disponível em:
<http://linoresende.jor.br/wp-content/uploads/2009/03/jornais-pensando.pdf>>
Acessado em: 14 nov. 2011.

TAYLOR & FRANCIS ONLINE. **Henry John Chaytor**. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1475382552000332113>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

THE FREE DICTIONARY. **Filippo Michele Buonarroti**. Disponível em: Acesso em: 07 jun. 2012.

THE FRICK COLLECTION. **Lewisohn, Sam A. (Sam Adolph)** Disponível em: <<http://research.frick.org/directoryweb/browserecord.php?-action=browse&-recid=6759>>. Acesso em 12 nov. 2012.

THE GEORGE WASHINGTON UNIVERSITY. **Juliam Calvert Eisenstein**. Disponível em: <<http://departments.columbian.gwu.edu/physics/people/emeriti/eisenstein>>. Acesso em: 25 nov. 2012

UNIVERSITY OF MICHIGAN. **Department of History**. Disponível em: <<http://www.lsa.umich.edu/history>>. Acesso em: 22 ago. 2011.

UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA. **Divine art, infernal machine: the reception of printing in the West from first impressions to the sense of an ending**. Disponível em: <<http://www.upenn.edu/pennpress/book/14786.html>>. Acesso em: 05 fev. 2012.

UNIVERSITY OF WISCONSIN-MADISON. **Department of History**. Disponível em: <<http://history.wisc.edu/home/kingdon.htm>> Acesso em 08 jan. 2013.

VASSAR COLLEGE. **A documentary chronicle of Vassar College**. Disponível em: <<http://chronology.vassar.edu/records/1973/1973-04-11-eisenstein-lecture.html>>. Acesso em: 25 nov. 2012

WIKIPEDIA. **Elizabeth Eisenstein**. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Elizabeth_Eisenstein>. Acesso em: 03 jul. 2011.

WILLIAMS, Cherry. **Analytical intellectual biography of Elizabeth L. Eisenstein**. Disponível em: <http://pages.gseis.ucla.edu/faculty/maack/Documents/Chronological_20Bio-bibliography_20of_20Elizabeth_20Eisenstein.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2011.

WORDCAT IDENTITIES. **Eisenstein, Julian Calvert 1921-**. Disponível em: <<http://orlabs.oclc.org/identities/lccn-n90-652885>>. Acesso em 14 jan. 2013.

XTIMELINE. **Radcliffe College**. Disponível em: <<http://www.xtimeline.com/evt/view.aspx?id=58137>> Acesso em 08 jan. 2013.

YOUTUBE. **Divine art, infernal machine: the reception of printing in the West**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pjCtnM050dQ>> Acesso em: 18 jan. 2012.

YOUTUBE. **Elizabeth Eisenstein: from scribal scarcity to the disruptive text**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=6uu3k_0-4gE>. Acesso em: 18 jan. 2012.

ZOOMINFO. **Dr. Elizabeth L. Eisenstein**. Disponível em: <<http://www.zoominfo.com/#!search/profile/person?personId=270964&targetid=prile>>. Acesso em: 18 out. 2011.

Anexo I

Lista elaborada por Sabrina Baron, Eric Lindquist e Eleanor Shevlin, no livro publicado por eles em 2007, *Agent of change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein*, com as inúmeras publicações de Eisenstein, do início de sua carreira até o ano de 2005. Publicações de Elizabeth L. Eisenstein.

Livros

The First Professional Revolutionist: Filippo Michele Buonarroti (1761-1837): A Biographical Essay. Cambridge, MA: Harvard Univ. Press, 1959.

The Printing Press as an Agent of Change: Communications and Cultural Transformations in Early-Modern Europe. 2 vols. Cambridge and New York: Cambridge Univ. Press, 1979. Reprinted in I-volume paperback edition, 1980.

The Printing Revolution in Early Modern Europe. New York: Cambridge Univ. Press, 1983.

La rivoluzione inavvertita: La stampa come fattore di mutamento (Italian translation of PPAC). Translated by Davide Panzieri. Bologna: Il Mulino, 1985.

Grub Street Abroad: Aspects of the French Cosmopolitan Press from the Age of Louis XIV to the French Revolution. Lyell Lectures, 1989-90. Oxford and New York: Clarendon Press, 1992.

The Printing Revolution in Early Modern Europe. 2nd ed., with new afterword. Cambridge and New York: Cambridge Univ. Press, 2005.

Traduções dos livros *The Printing Revolution in Early Modern Europe*

Insatsu Kakumei. Translated by Sadanori Bekku. Tokyo: Misuzu Shobo, 1987.

La révolution de l'imprimé à l'aube de l'Europe moderne (cover title: *La révolution de l'imprimé dans l'Europe des premiers temps modernes*). Translated by Maud Sissung and Marc Duchamp. Paris: Éditions La Découverte, 1991.

La revolución de la imprenta en la edad moderna Europea. Translated by Fernando Jesús Bouza Alvarez. Madrid: Akal, 1994.

Le rivoluzioni del libro: L'invenzione della stampa e la nascita dell'età. Bologna: Il Mulino, 1995.

Die Druckerpresse: Kulturrevolutionen im frühen modernen Europa. Vienna and New York: Springer, 1997.

A revolução da cultura impressa: Os primórdios da Europa moderna. Translated by Osvaldo Biato. São Paulo: Editora Atica, 1998.

He typographike epanastase otis aparkhes tes neoteris Europes. Translated by Vassilis Tomanas. Thessaloniki: Typophilia/Mastoridis, 2004.

Rewolucja Gutenberga. Translated by Henryk Hollender. Warsaw: Prószyński i S-ka, 2004.

Palestras Publicadas, Artigos de Revistas e Capítulos em Trabalhos Colaborativos

“Who Intervened in 1788? A Commentary on *The Coming of the French Revolution.*” *American Historical Review* 71.1 (1965): 77-103.

“Clio and Chronos: An Essay on the Making and Breaking of History-Book Time.” *History and Theory* 6. Beiheft 6: History and the Concept of Time, 1966, 36-64.

“A Reply.” “Class in the French Revolution: A Discussion.” *American Historical Review* 72.2 (1967): 514-22.

“Buonarroti, Filippo.” In *International Encyclopedia of Social Sciences*, edited by David I. Sills, 2:202-3. New York: Macmillan and Free Press, 1968.

“Some Conjectures about the Impact of Printing on Western Society and Thought: A Preliminary Report.” *Journal of Modern History* 75.3 (1970): 727-43.

“The Advent of Printing and the Problem of the Renaissance.” *Past & Present* 45(November 1969): 19-89.

“The Advent of Printing in Current Historical Literature: Notes and Comments on an Elusive Transformation.” *American Historical Review* 75.3 (1970): 727-43.

“The Advent of Printing and the Problem of the Renaissance: A Reply.” *Past & Present* 52 (August 1971): 140-4.

“L'avènement de l'imprimerie et la Réforme: Une nouvelle approche au problème du démembrement de la chrétienté occidentale.” *Annales: Économies, sociétés, civilisations* 26.6 (1971): 1355-82.

“The Advent of Printing and the Protestant Revolt: A New Approach to the Disruption of Western Christendom .” In *Transition and Revolution: Problems and Issues of European Renaissance and Reformation History*, edited by Robert M. Kingdon, 235-70. Minneapolis, MN: Burgess, 1974.

“In the Wake of the Printing Press.” *Quarterly Journal of the Library of Congress* 35.3 (1978):183-97.

“The Emergence of Print Culture in the West.” *Journal of Communication* 30.1 (1980): 99-106.

“The Early Printer as a ‘Renaissance Man.’” *Printing History* 3.1 (1981): 6-17.

“The Fifteenth Century Book Revolution: Some Causes and Consequences of the Advent of Printing in Western Europe.” In *Le livre dans les sociétés pré-industrielles: Actes du premier colloque international du Centre de Recherches Néohelléniques / Το βιβλίο στις προβιομηχανικές Κοινωνίες: Πρακτικά του Α' Διεθνούς Συμποσίου του Κέντρου Νεοελληνικών Ερευνών*, 57-76. Athens: Kentron Neoellenikon Ereunon, Ethnikon Hidryma Ereunon, 1982.

“Le livre et la culture savant.” In *Le livre conquérant: Du moyen âge au milieu du XVIIIe siècle*. Vol. I of *Histoire de l'édition française*, edited by Henri-Jean Martin and Roger Chartier, 563-83. Paris: Promodis, 1982.

“From Scriptoria to Printing Shops: Evolution and Revolution in the Early Printed Book Trade.” In *Books and Society in History: Papers of the Associations of College and Research Libraries Rare Books and Manuscripts Preconference, 24-28 June, 1980, Boston, Massachusetts*, edited by Kenneth E. Carpenter, 29-42. New York: R. R. Bowker, 1983.

“On the Printing Press as an Agent of Change.” In *Literacy, Language, and Learning: The Nature and Consequences of Reading and Writing*, edited by David R. Olson, Nancy Torrance, and Angela Hildyard, 19-33. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1985.

“L'invenzione della stampa: Il libro e la nuova circolazione delle idee.” In *L'età moderna: La vita religiosa e la cultura*. Vol. 4 of *La storia: I grandi problemi dal medioevo all'età contemporânea*, edited by Nicola Tranfaglia and Massimo Firpo, 1-60. Turin: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1986.

“On Revolution and the Printed Word.” In *Revolution in History*, edited by Roy Porter and Mikuláš Teich, 186-206. Cambridge and New York: Cambridge Univ. Press, 1986. *Print Culture and Enlightenment Thought*. Sixth Hanes Lecture [Chapel Hill]: Hanes Foundation, rare Book Collection / University Library, University of North Carolina at Chapel Hill, 1986.

“Le publicist comme demagogue: La *Sentinelle du peuple* de Volney.” In *La revolution du journal, 1788-1794*, edited by Pierre Rétat, 189-95. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1989.

“La invención de la imprenta y la difusión del conocimiento científico.” In *La ciência y su público: Perspectivas históricas*, edited by Javier Ordóñez and Alberto Elena, 1-42. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990.

“The Tribune of the People: A New Species of Demagogue.” In *The Press in the French Revolution*, edited by Harvey Chisick with Ilana Zinguer and Ouzi Elyda, 145-59. *Studies on Voltaire and the Eighteenth Century* 287. Oxford: Voltaire Foundation, 1991.

“The End of the Book? Some Perspectives on Media Change.” *American Scholar* 64.4 (1995): 541-55.

Printing as Divine Art: Celebrating Western Technology in the Age of the Hand Press. Harold Jantz Memorial Lecture, November 4, 1995, [Oberlin, OH]: Oberlin College, 1996.

“From the Printed Word to the Moving Image.” *Social Research* 64.3 (1997): 1049-66.

“The Libraire-Philosophe: Four Sketches for a Group Portrait.” In *Le livre et l'historien: Études offertes en l'honneur du Professeur Henri-Jean Martin*, edited by Frédéric Barbier et. al., 539-50. Geneva: Droz, 1997.

“Bypassing the Enlightenment: Taking an Underground Route to Revolution.” In *The Darnton Debate: Books and Revolution in the eighteenth Century*, edited by Haydn T. Mason, 157-77. *Studies on Voltaire and the Eighteenth Century* 359. Oxford: Voltaire Foundation, 1988.

“Gods, Devils, and Gutenberg: The Eighteenth Century Confronts the Printing Press.” 1966 Clifford Lecture. *Studies in Eighteenth-Century Culture* 27 (1998): 1-24.

“An Unacknowledged Revolution Revisited” and “Reply”. AHR Forum: “How Revolutionary Was the Print Revolution?” *American Historical Review* 107-1 (2002): 87-105 and 1

Anexo II

Lista elaborada pelos organizadores do livro *Agent of change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein*, Sabrina Baron, Eric Lindquist e Eleanor Shevlin, que evidencia o extenso número de críticos que comentaram em jornais e revistas britânicas e americanas e também dos que publicaram resenhas em revistas da Europa continental. A lista foi transcrita conforme o modelo original.

- Ahern, John. "The Revolution of Print". *Commonweal* 106.10 (1979): 309-10.
- Atwood, Roy. *Media, Culture, and Society* 2.2 (1980): 189-93.
- Barker, Nicolas. "Spreading the Word". *Times Literary Supplement*, no. 4186 (June 24, 1983): 679.
- Blouin, Francis X., Jr. *American Archivist* 44.2 (1981): 157-8.
- Bouwsma, William J. *American Historical Review* 84.5 (1979): 1356-7.
- Broadus, John R. *Library Journal* 104.3 (1979): 400.
- Burke, Peter. "Renaissance Studies". Review of PPAC and twelve other books. *Historical Journal* 22.4 (1979): 975-84.
- Censer, Jack R. "Publishing in Early Modern Europe". Review of PPAC; Febvre and Martin, *Coming of the Book*, and Darnton, *Business of Enlightenment*. *Journal of Social History* 13.4 (1980): 629-38.
- Chartier, Roger. "L'ancien regime typographique: réflexions sur quelques travaux récents". Review of PPAC; Lowry, *World of Aldus Manutius*; Grendler, *Roman Inquisition and the Venetian Press*; Darton, *Business of Enlightenment*; and Barbier, *Trois cents ans de librairie et d'imprimerie*. *Annales: Économies, sociétés, civilisations* 36.2 (1981): 191-209.
- Crahay, Roland. *Bibliothèque d'humanisme et Renaissance: travaux et documents* 42.3 (1980): 700-3.
- Davis, Donald G., and Betsy Vantine. "The Significance of the Printing Press in the West". *Fides et Historia* 13.2 (1981): 82-7.
- Dennis, Nigel. "Ah, the Magic of the Printed Word". *Sunday Telegraph*, May 20, 1979, 12.
- Duffy, Shannon E. "The Unacknowledged Revolution". *H-Ideas*, June 2000.
<http://www.h-net.msu.edu/reviews/showrev.cgi?path=24899962821867>.

- Erdel, Timothy Paul. *Christian Scholar's Review* 10.1 (1980): 66-8.
- Fahy, Conor. *Italian Studies* 36 (1981): 94-5.
- Feld, M. D. *New Republic* 180.12 (March 24, 1979): 34-7.
- Freeman, Eric J. *Medical History* 25.4 (1981): 423-6.
- Gingerich, Owen. *Papers of the Bibliographical Society of America* 75.2 (1981): 228-30.
- Golden, Richard M. "Print Changed History; But Is It Sensibly Used?" *Birmingham (AL) News*, July 29, 1979.
- Grafton, Anthony T. "The Importance of Being Printed." *Journal of Interdisciplinary History* 11.2 (1980): 265-86.
- Grannis, Chandler B. *Publishers Weekly* 216.6 (August 6, 1979): 56.
- Hafter, Daryl M. *Michigan Academician* 13.4 (1981): 506-7.
- Haile, H. G. *Michigan Germanic Studies* 6.1 (1980): 120-9.
- Hay, Denys. "The Permanent Revolution." *New Statesman* 98, no. 2526 (August 17, 1979): 244.
- Hollender, Henryk. *Kwartalnik Historii Nauki I Techniki* 28.1 (1983): 220-4.
- Hunter, Michael. "The Impact of Print." Review of PPAC and Capp, *Astrology and the Popular Press. Book Collector* 28.3 (1979): 335-52.
- Jacob, J. R. "The Medium and the Message in Early Modern Europe." Review of PPAC; Ferguson, *Clio Unbound*; Appleby, *Economic Thought and Ideology in Seventeenth-Century England*; and Hayes, *Winstanley the Digger. Annals of Scholarship: Metastudies of the Humanities and Social Sciences* 1.2 (1980): 113-23.
- Jowett, Garth S. *Journalism Quarterly* 58.1 (1981): 117-9.
- Kelley, Donald R. *Clio: A Journal of Literature, History and the Philosophy of History* 10.2 (1981): 213-6.
- Keunecke, Hans-Otto. *Buchhandelsgeschichte* 2.9 (1981): B532-4.
- Kingdon, Robert M. *Library Quarterly* 50.1 (1980): 139-41.
- Knight, David M. *British Journal for the History of Science* 13, pt. 2 no. 44 (1980): 164-6.
- Krummell, D. W. *Journal of Library History, Philosophy, and Comparative Librarianship* 15.2 (1980): 205-9.
- Laslett, Peter. *Renaissance Quarterly* 34.1 (1981): 82-5.

- Leed, Eric J. "Elizabeth Eisenstein's *The Printing Press as an Agent of Change* and the Structure of Communications Revolutions. *American Journal of Sociology* 88.2 (1982): 413-29.
- Lovett, A. W. *Irish Historical Studies* 22 (1980): 184-5.
- Maffei, Domenico. *Journal of Ecclesiastical History* 32.3 (1981): 357-9.
- Mander, Mary S. "Vision of a Hedgehog." *Journal of Communication* 30.2 (1980): 217-8.
- Marvin, Carolyn. *Technology and Culture* 20.4 (1979): 793-7.
- McConica, James. Review of PPAC and Eisenstein, *Printing Revolution*. *English Historical Review* 100.395 (1985): 342-4.
- McLuhan, Marshall. *Renaissance and Reformation / Renaissance et Réforme* n.s., 5.2 (1981): 98-104.
- Mills, Geoffrey T. Review of PPAC and Grendler, *Roman Inquisition and the Venetian Press*. *Cithara-Essays in the Judeo-Christian Tradition* 22.2 (1983): 77-9.
- Mitchison, Rosalind. "Books Do Furnish a Continent." *Listener* 103, no. 2644 (1980): 58-9.
- Montagu, Ashley. "The Power of the Press." *Sciences* 20.7 (1980): 20-1.
- Murphy, James J. *Quarterly Journal of Speech* 67.2 (1981): 239-40.
- Nauert, Charles G., Jr. "The Communications Revolution and Cultural Change". *Sixteenth Century Journal* 11.1 (1980): 103-7.
- Needham, Paul. *Fine Print* 6.1 (1980): 23-5, 32-5.
- Neuberg, Victor E. "Printing and Society." *British Book News*, August 1979, 625.
- O' Day, Rosemary. *Wilson Quarterly* 4.1 (1980): 158.
- O' Driscoll, Sean. *Leonardo* 18.2 (1985): 122.
- Overmier, Judith. *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences* 37.4 (1982): 462-3.
- Poole, H. E. *Book Auction Records* 76 (August 1978-July 1979): xix-xx.
- Porter, Roy. "Printing and Change." *Books & Issues* 1 (1979): 10-1.
- Quinn, David B. Review of PPAC and Febvre and Martin, *Coming of the Book*. *Terrae Incognitae* 12 (1980): 115-20.
- Reeds, Karen. "Recent Books on the History of the Book." Review of PPAC; Winckler, *History of Books and Printing*; Lowry, *World of Aldus Manutius*; Darton, *Business of Enlightenment*; Carpenter, *Books and Society in History*; Hindman, *Early Illustrated*

Book; and *Histoire de l'édition française*, vol. 1. *Scholarly Publishing* 15.4 (1984): 327-34

Robinson, Fred C. "Print Culture and the Birth of the Text." Review of PPAC; Chappell, *Short History of the Printed Word*; and Cressy, *Literacy and the Social Order*. *Sewanee Review* 89.3 (1981): 423-30.

Rosaldo, Renato. "The Cultural Impact of the Printed Word: A Review Article." *Comparative Studies in Society and History* 23.3 (1981): 508-13.

Schlatter, Richard. *Journal of the Rutgers University Libraries* 42.1 (1980): 47-50.

Schmitt, Charles B. *Journal of Modern History* 52.1 (1980): 111-3.

Schoeck, R. J. *English Language Notes* 20.1 (1982): 109-11.

Schwartz, Hillel. *Religious Studies Review* 5.4 (1979): 286-7.

Schwiebert, Ernest G. *Church History* 49.1 (1980): 84-5.

Shaw, David. *The Library*, 6th ser., 3.3 (1981): 261-3.

Smith, C.N. Review of PPAC and Barbier, *Trois cents ans de librairie et d'imprimerie*. *Journal of European Studie* II, pt. 3, no. 43 (1981): 212-4.

Sokolov, Raymond A. *New York Times Book Review* 84.12 (March 25, 1979): 16.

Sonne, Niels Henry. *Historical Magazine of the Protestant Episcopal Church* 50.1 (1981): 99-102.

Teichgraeber, Richard, III. "Print Culture." Review of PPAC and Darnton, *Business of Enlightenment*. *History of European Ideas* 5.3 (1984): 323-9.

Thompson, Lawrence S. *American Notes and Queries* 17.9 (1979): 149-50.

Thompson, Susan Otis. Review of PPAC and Parkes and Watson, *Medieval Scribes, Manuscripts, and Libraries*. *American Book Collector*, n.s., 1.5 (1980): 49-51.

Traister, Daniel. *Printing History* 4, nos. 7-8 (1982): 71-3.

Turchetta, Gianni. Review of Italian translation of PPAC. *Belfagor: Rassegna di varia umanità* 41.6 (November 30, 1986): 735-6.

Van Deursen, A.T. *Tijdschrift voor Geschiedenis* 94.1 (1981): 105-7.

Viner, George. "Following On from Old Gutenberg." *Media Reporter*, December 1979, 47.

Walker, D. P. "The Power of the Press." *New York Review of Books* 26.16 (October 25, 1979): 44-5.

Walsh, Michael J. *Heythrop Journal* 21.4 (1980): 461-2.

Westman, Robert S. "On Communication and Cultural Change." *Isis* 71.3 (1980): 474-7.

Winger, Howard W. *College and Research Libraries* 41.4 (1980): 356-8.

Woodward, David. "The Printing Press as an Agent of Change." *Imago Mundi* 32 (1980): 95-7.

Yates, Frances. "Print Culture: The Renaissance." *Encounter* 52.4 (1979): 59-64.